

Francisca Paula Soares Maia

Investigando as formas reduzidas de *a gente* no dialeto mineiro

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação
em Estudos Linguísticos, da Faculdade de Letras
da Universidade Federal de Minas Gerais, como
requisito parcial à obtenção do título de **Doutor
em Linguística.**

Área de Concentração: Linguística
Linha de Pesquisa “B”
Orientador: Prof. Dr. Lorenzo Teixeira Vitral

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2012

A

DEUS: para Ele são todas as coisas.

A todos de onde eu O encontro sempre.

Aos meus filhos, Ítalo e Ian, por serem lindamente
compreensivos. Valeu a pena vê-los crescer
antes de retomar as jornadas dos meus estudos.

Ao meu esposo, pela maturidade que
adquirimos a cada dia desde então.

À minha avó Geralda, símbolo de amor materno
em minha vida, que partiu durante
este meu percurso. Às lágrimas
que nem pude derramar.

Aos meus pais, *in memoriam*. Todas as
minhas vitórias são para honrá-los.

Especial agradecimento aos Profs. Drs. convidados da Banca Examinadora:

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves - UNESP

Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira - PUC

Profa. Dra. Jânia Martins Ramos – UFMG

Prof. Dr. César Augusto da Conceição Reis - UFMG

Profa. Dra. Sueli Maria Coelho – UFMG

Prof. Dr. José Pereira - UERJ

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Lorenzo, meu orientador, a quem agradeço a oportunidade de concluir este doutoramento. Por sua paciência, apoio e compreensão.

À Profa. Dra. Jânia Ramos, pesquisadora idônea, perseverante, por todo o estímulo para que esta pesquisa viesse à existência, por quem tenho a mais profunda e sincera admiração.

Ao Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira, meu sempre querido e lembrado professor de minhas primeiras aulas e descobertas em Sociolinguística e Linguística Histórica.

À Profa. Dra. Regina Dell'Isola, cuja ajuda foi imprescindível para que eu conseguisse me concentrar no período mais necessário de meu doutoramento.

Ao Prof. Dr. Perini, meu querido *magister*, por todo o apoio em todos os meus empreendimentos.

Ao Prof. Dr. Luis Francisco Dias, meu primeiro coordenador enquanto doutoranda no PosLin, atual Diretor da FALE, pelo imensurável apoio.

À Profa. Dra. Zilles, pela presença enriquecedora em minha banca de qualificação, e também ao Eduardo Amaral.

À Profa. Dra. Odete Menon, pelo constante apoio e incentivo; por dar-me pessoalmente um texto muito útil para o presente trabalho.

À Dnda. Regina Maria Gonçalves, por seu desprendimento em ceder-me seus dados de mestrado. Sem esses, esta tese teria outro rumo.

À Profa. Dra. Sueli Coelho, cujos trabalhos de mestrado e de doutorado muito me ajudaram a constituir o meu aprendizado sobre o estatuto da *gramaticalização*, e cuja forma de redigir eu considero admirável.

Ao Prof. Dr. Luis Gonçalves, atualmente Prof. na Princeton, N.Y., por sua dedicação à difusão da Língua Portuguesa e à integração com o Brasil. Pelo incentivo constante.

A todos os grandes linguistas brasileiros, Profs. Drs. que se dispuseram a colaborar comigo na empreitada de integração do Brasil no Mercosul: Faraco, José Pereira, Bagno, Botelho, Cagliari, Cleoni, Jerônimo, além de alguns já citados (Perini, Lorenzo, Regina Dell'Isola).

Ao Prof. Dr. Fiorin, com quem pude fazer reflexões discursivas sobre os pronomes pessoais.

À Profa. Dra. Evelyne, pela escuta amiga, pelo apoio e incentivo constantes.

À Profa. Dra. Marta Scherre, pelo constante apoio e incentivo em todos os meus momentos.

A Neli e Frede, pela caminhada profícua, com grande amizade e respeito mútuo.

Aos Profs. Drs. Haspellmath e Mrs. Traugott, por me atenderem por email em momentos cruciais das primeiras buscas, enviando-me trabalhos inéditos.

Ao Prof. Dr. João Costa, por toda a atenção, pela brilhante formação que nos concedeu na FALE, em sua breve vinda ao Brasil, pela confiança ao enviar-me trabalho inédito e pelo diálogo constante.

Ao Prof. Dr. César Reis, pelo apoio teórico e humano, e pelo incentivo constante.

Às estagiárias do LabFon, dentre elas a Vanessa, e aos informantes das primeiras coletas de dados, pela disposição de fazerem gravações em cabine, por toda a colaboração e apoio.

Ao Prof. Dr. Rui Neves, pelas primeiras aulas em fonética acústica, muitíssimo importantes para a realização dessa tese, e ao Pablo Arantes e ao Dani, pelos esclarecimentos em momentos cruciais de análise estatística dos fenômenos fonológicos aqui realizados.

À Profa. Dra. Thaís Cristófaró, com quem ampliei meus conhecimentos em Fonética e Fonologia no mestrado e nesse doutoramento.

Ao Prof. Dr. Nardelli, pela colaboração teórica nos momentos finais desse trabalho, pelo apoio e incentivo desde o início.

Aos Profs. Drs. José Olympio e Lee, pelas dicas, apoio e incentivo.

Às meninas do PLE, Yara, Ju, Flávia, Lilian, Monique, Andrea, Isabel. E ao Felipe. Por nossos momentos descontraídos, produtivos e com muita interação.

À Natália, por nossas primeiras turmas de intercambistas junto à DRI.

A todos os meus alunos de PLE, pelos alegres momentos de convivência e confiança, pelo crescimento mútuo.

Ao pessoal do CENEX, em especial ao Prof. Dr. Carlos Gohn e à Roseli, pelo imensurável apoio. Impossível não mencionar o Wagner, do multimeios.

A todos os meus colegas de trabalho no Ensino de Jovens e Adultos, em especial às minhas dirigentes Ivanete, Fátima e Neide, e às minhas supervisoras Magali e Márcia, e

ao meu coordenador Fabrício por todo o apoio e confiança nos momentos mais necessários.

A Susanna e Sílvia, da SBS e HUB, e Faleportuguês, pelo espaço cedido para que eu continuasse divulgando minhas ideias junto a países onde eu não mais poderia ir pessoalmente, devido ao tempo e recursos; e à Bruna, e demais estagiários, por tudo.

A todos os funcionários do PosLin, em especial à Cida, à Graça e ao Divino.

Aos funcionários de vários setores: ao Jorge Munhoz (editora), ao Darcy e Jair (estacionamento), à Rô e Andrea (biblioteca), pelo constante incentivo e apoio.

À Profa. Dra. Maria Antonieta Cohen e à Profa. Dra. Célia, atuantes como coordenadoras do PosLin pela escuta atenciosa às minhas demandas enquanto doutoranda.

Ao meu primeiro Prof de Latim, Prof. Dr. Antônio Martinez, por algumas trocas muito ricas e porque ainda vamos escrever um artigo junto.

A todos os professores que tive até hoje, pois sou resultado de todos eles, em especial ao Prof. Dr. Carlos Gohn, “my dear teacher”, pelo grande apoio em um momento crucial.

Ao pessoal das associações de estudos linguísticos das quais faço parte: em especial à ABRALIN pelos artigos publicados.

A todos os autores precursores do presente trabalho: Lopes, Machado, Menon, Omena, Abraçado, e àqueles com quem de uma forma ou de outra este trabalho dialoga.

À Prefeitura de Belo Horizonte, pela licença remunerada para este empreendimento. Sem dúvida, acreditar na formação profissional é abrir espaço para mudança na educação.

A todos os familiares e amigos, que compreenderam as minhas ausências; pelo apoio e incentivo.

À minha massagista, pelos poucos e necessários momentos de alívio das dores musculares dos últimos momentos.

Ao pessoal da limpeza na FALE, por todo o carinho e atenção às minhas solicitações.

A todos!!! Todos!!!... meus mais *sinceros agradecimentos!!!* Se apesar do espaço utilizado ainda não citei todos os nomes dignos de agradecimento, é porque todas as páginas desta tese seriam insuficientes.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	01
1. O fenômeno em estudo	02
CAPÍTULO I	12
A LITERATURA LINGUÍSTICA	
I. O estado da arte	12
1.1. Lopes (2004)	13
1.2. Maia (2003)	19
1.3. Zilles (2005)	28
1.4. Ciríaco, Vitral & Reis (2004)	33
1.5. Vitral (1996)	36
1.6. Costa & Duarte (2002)	40
1.7. Taylor (2009)	44
1.8. Costa e Pereira ((2010)	49
II. A gramaticalização	55
III. Do estudo da <i>gramaticalização</i> de <i>a gente</i>	62
CAPÍTULO II	67
METODOLOGIA	
2.1. Constituição do <i>corpus</i>	67
2.2. A amostra	68
2.3. Objeto da análise	74
2.3.1. A forma sonora <i>a gente</i>	75
2.3.2. Variável dependente	83
2.3.3. Variáveis independentes	100
2.3.3.1. Variáveis linguísticas	100
2.3.3.2. Variáveis extralinguísticas	101
2.4. Correlatos Acústicos	101
2.5. A codificação dos fatores	102
2.6. Hipóteses	102
2.7. Critérios de análise adotados	103

CAPÍTULO III**RESULTADOS**

3.1. Resultados da análise quantitativa sociolinguística	127
3.1.1. Referência	129
3.1.2. Tonicidade silábica precedente	133
3.1.3. Tipo de Oração	136
3.1.4. Tonicidade silábica seguinte	139
3.1.5. Realização de ‘a’	144
3.1.6. Tipo de fonema precedente	146
3.1.7. Tipo de fonema seguinte	148
3.1.8. Função sintática	150
3.1.9. Faixa etária	154
3.1.10. Escolaridade	160
3.2. Resultados da Análise Acústica	163
3.2.1. A aferição acústica	163
3.3. Contribuições do Programa Minimalista	169
3.4. Mais algumas considerações	174

CONCLUSÃO	183
------------------	-----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	186
-----------------------------------	-----

ANEXO I (só impresso)	
-------------------------------	--

RESUMO

Nosso objetivo na presente pesquisa é o estudo da gramaticalização da forma *a gente* no Português Brasileiro, mais especificamente no dialeto mineiro, desde um breve panorama sobre seu percurso de forma nominal a pronominal, até a investigação de sua fase atual.

Partimos da hipótese de que a ocorrência de formas reduzidas de *a gente* atuando como clíticos insere-se em um quadro de mudanças sintáticas relacionadas à reorganização do sistema pronominal em termos de preenchimento da posição de DP sujeito, ou seja, na mudança de língua ‘pro-drop’ para língua ‘não pro-drop’ (cf. Duarte, 1996).

Fundamentamo-nos na visão de gramaticalização como um processo, embasado pela abordagem formal (Chomsky, 1993, 1995), em conjunto com as contribuições de outros quadros teóricos como a Sociolinguística Laboviana (Weinreich, Labov & Herzog, 1968, Labov, 1994), e a Fonologia (Albano, 1999; Abaurre & Galves, 1995, Bisol, 1992, Ladd, 1996).

A análise verificou as duas formas como *a gente* pode ocorrer: reduzidas e plenas, e os resultados apontam que *a gente*, forma pronominal, está em processo de cliticização.

ABSTRACT

The goal of this research is to study the grammaticalization of the form *a gente* in Brazilian Portuguese, specifically in the Mineiro dialect, with a brief overview of the transition from the nominal to pronominal form, followed by the research of the current phase in the process.

The proposal is that the occurrence of reduced forms of *a gente* acting as clitics is part of a general trend of syntactic changes related to the reorganization of the pronominal system in terms of fill in the position of the DP subject, ie, the change of ‘pro-drop’ language to the ‘non pro-drop’ language (cf. Duarte, 1996).

The theoretical support is the perspective of grammaticalization as a process, rooted in the formal approach (Chomsky, 1993, 1995), in articulation with contributions from other theoretical frameworks such as Labovian Sociolinguistics (Weinreich, Labov & Herzog, 1968; Labov, 1994), and Phonology (Albano, 1999; Abaurre & Galves, 1995; Bisol, 1992, Ladd, 1996).

The analysis looked at two ways the form *a gente* can be used: reduced and plain forms. The results account for the process of cliticization of the pronominal form *a gente*.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo o estudo da gramaticalização da forma *a gente* em Língua Portuguesa, mais especificamente no Português Brasileiro, no dialeto mineiro¹, desde um breve panorama sobre seu percurso de forma nominal a pronominal, até a investigação de sua fase atual.

Partimos do pressuposto de que no Português Brasileiro a pronominalização de formas nominais insere-se em um quadro de mudanças sintáticas referentes à reorganização do sistema pronominal em termos de preenchimento da posição de DP sujeito, ou seja, na mudança de língua ‘pro-drop’ para língua ‘não pro-drop’ (cf. Duarte, 1996).

Inicialmente, como parte da Introdução, traçamos um breve percurso da semântica da forma *a gente*, tendo por meta estabelecermos uma ligação entre o passado e o presente desse fenômeno em estudo.

Logo em seguida, no *estado da arte*, Capítulo I, apresentamos um panorama do fenômeno alvo do nosso estudo em Língua Portuguesa através de uma visita à Literatura Linguística, de modo a termos uma abordagem sucinta da mudança da forma *a gente* ‘em tempo real de longa duração’ e ‘em tempo real de curta duração’ (na terminologia de Labov, 1994), visando a obtermos evidências morfossintáticas e fonológicas indicativas do movimento de entrada dessa forma no sistema pronominal.

Uma vez apresentado o panorama da mudança da forma *a gente* de forma nominal a pronome pessoal no *estado da arte*, passamos à explanação das referências

¹ Entenda-se por dialeto mineiro uma forma de falar da região central de Minas Gerais, conforme aparece no Atlas Linguístico de Nascentes (1953:17) e Zágari (1998:1), anexo I.

teóricas, no Capítulo II e relatamos o avanço do processo de gramaticalização da forma *a gente*, no qual levamos em consideração que a presença de formas fonologicamente reduzidas podem ser índice do fenômeno de cliticização previsto logo após a pronominalização na escala de Hopper & Traugott (1993), segundo a qual inicialmente um *item lexical* torna-se um *item gramatical*, realiza-se em seguida como *clítico*, para, em um último estágio, tornar-se um *afixo*. Ainda no Capítulo II são apresentados todos os critérios metodológicos para a análise quantitativa e qualitativa empreendida.

No Capítulo III são apresentados os resultados da análise sob a ótica variacionista, da fonética e da sintaxe, bem como algumas considerações sobre a investigação realizada.

Finalizando, apresentamos as conclusões a que chegamos quanto às análises realizadas, a visão empreendida e os resultados obtidos na Conclusão do trabalho.

1. O fenômeno em estudo

A forma da língua portuguesa *a gente*, alvo deste estudo, tem sua origem no latim *gens*, *gentis*.

Observe-se:

(1) "Quen viu o mundo qual o eu já vi,

e viu as *gentes* que eran enton" (Séc. XIII; *apud* LOPES, 1999;p. 77)

Em (1) tem-se um exemplo de realização da forma nominal *gente* na Língua Portuguesa do Século XIII. No Português Antigo² a forma nominal *gente* tinha o significado de ‘povo’, ‘raça’, ‘tribo’, ‘agrupamento de pessoas’, conforme também evidencia o exemplo abaixo:

(2) Abraam fuy o primeyro dos profetas et fuy muy sancto ome e tam amigo de deus que disso per el que eno seu linnagem seerian beeytas toda *las gentes*, et este connoscendo que era pouco aquello que dauam os que foron ante que el, a eus, ... (retirado de uma página das Leis de Partida - fins do século XIII, *apud* Vasconcelos (1946:350))³

Conforme os exemplos acima, a forma *a gente*, objeto do presente estudo, é de origem românica, surgida a partir da evolução do latim, que, por sua vez, trata-se de língua levada à Península Ibérica por meio da conquista e da colonização romanas (especificamente, do latim vulgar, falado pelas classes populares) e pertencente ao grupo ibero-românico, tal como o castelhano, o catalão, o italiano, o francês, o romeno e outros.

Na Língua Portuguesa, a forma *a gente* nem sempre se referiu à 1ª pessoa do plural no discurso. Vem se gramaticalizando, assumindo o lugar de forma pronominal de 1ª. pessoa do plural, adquirindo realização padrão com verbo na 3ª. pessoa do singular, conforme pesquisas realizadas sobre a inserção de *a gente* no quadro pronominal do Português: Pereira (2003) e Costa & Pereira (2010) sobre a variação de

² Termo dado ao Português por Said Ali (1921; *apud* Paixão de Souza (2004)).

³ Ocorrência obtida em Borges (2004, p. 26). Segundo esse autor “trata-se de uma tradução galego-portuguesa, edição Fac-símile escrita em galego em fins do século XIII, a partir de um original castelhano, obra do grande Sábio de Castela.

a gente no Português Europeu (PE); Maia (2003), sobre a variação *nós / a gente* no dialeto mineiro; Lopes (1999); sobre a variação diacrônica de *a gente* desde o PE à sincrônica no dialeto carioca; (dentre outras que serão mencionadas ao longo deste trabalho).

As ocorrências⁴ a seguir são representativas de alguns falares atuais de Portugal:

(3) Mas oiçam que *a gente* gosta muito disso. CLC27

(4) *A gente* éramos onze irmãos... EXB06

(5) Então comprava *a gente* muitas coisas lá ... PVC24

(6) *A gente* não davam nome nenhum àquilo. MIG08

Em Português Brasileiro (PB), a forma *a gente* entra em variação com a forma pronominal de 1ª. pessoal do plural *nós*, conforme pode ser observado nas ocorrências abaixo:

(7) (a)“ ah *nós* conhecemos ... aqui ... do mar *nós* conhecemos aqui ... tem o pargo tem o: tem o badejo tem a garoupa tem o cação (...)”(APERJ *apud* Machado, 1995)

(b)“*a gente* nota pelas nuvens escuras que *a gente* está vendo que vêm subindo né e vem aquela barra (...) *a gente* já sabe que (...)”(APERJ *apud* Machado, 1995)

⁴ Dados do PE respectivamente de Câmara de Lobos, Caniçal (Funchal), Enxara do Bispo (Lisboa), Porto de Vacas (Coimbra), Ponta Garça (Ponta Delgada); *apud* Costa & Pereira (2010).

Os dados de (7) acima, presentes em Machado (1995), ao mostrarem a atuação do fator paralelismo na investigação, apresentam a correlação de uso no Português Brasileiro entre as formas *nós* e *a gente*.

Segue outro exemplo, de *corpus* do sul do Brasil:

(8) “ Condução, bom, *nós* não temos condução própria. (hes) Então *a gente* depende do ônibus.” (POA02, 1.250-52; *apud* Zilles, 2004)

Após um processo de gramaticalização, “o *a gente* pronominal [passa a] designa[r], mais comumente, um todo abstrato, indeterminado e genérico, representando o conjunto base ser pessoa, perdendo (...) o sentido de + de um” (Lopes;2004; p. 12):

(9) na hora *a gente* fica revoltada” (NURC-RJ, AC.020, M2; *apud* Lopes, 2004, p. 12) [referente feminino exclusivo]

Também no dialeto mineiro encontramos essa correlação com a forma *nós*:

(10) Aí eu estava... *a gente* tava voltando da cachoeira... eu e um colega meu...
(E1-40JMS)⁵

(11) Agora não, *a gente* tem outro tipo de visão, um outro tipo para trabalhá o
texto... (E10-42MS)

Em (10) a forma *a gente* tem por referente o informante e seu colega. Por sua vez, em (11) a forma *a gente* refere-se ao subconjunto humano dos professores⁶, menos específicos do que no primeiro enunciado. Observe-se, ainda, que em (10) há uma oposição entre a 1ª pessoa plural do discurso ‘nós’, de referência bem definida no discurso, e entre a 3ª pessoa do discurso, expressa pela forma *a gente*, de referência mais vaga, presente na ocorrência (11).

Se por um lado, a forma *a gente* tem semanticamente um equivalente plural, por significar um grupo (quer definido, quer indefinido), formalmente esta forma tem seu uso prescrito pela norma padrão com a forma verbal que a acompanha em 3ª. pessoa do singular (cf. Cunha, 1985).

Desse modo, diferentemente dos falantes do português culto, que usam a forma pronominal *a gente* combinando-a apenas com o verbo na 3ª. pessoa do singular, usuários não escolarizados do Português, que consideram esta forma um sintagma nominal de ideia plural referente a *nós*, mostrarão isso fazendo a combinação do verbo com a forma terminada em *-mos* (morfema desinencial de 1ª. pessoa do plural) :

(12) Quando *a gente* é menino... (G.J., 48,f2,BH; Maia, 2003)

⁵Dados do *corpus* atual.

⁶No discurso o informante refere-se aos professores de Português.

(13) *A gente* duramo quase dois meses. (I.A .S., 22,f1,BH; Maia, 2003)

(14) *A gente* somos inútil⁷.

Se, por um lado, ao fazerem o uso presente em (13) e (14) alguns falantes do Português reconhecem_ consciente ou inconscientemente_ que há, de certo modo, um jogo entre inclusão / exclusão da 1ª pessoa (do “eu”), por outro, esta combinação é condenada pela norma padrão (cf. Faraco, 2008) . Isto é, se ao usarem a forma *a gente* os falantes estão, implicitamente, incluindo-se, pois todos os falantes são *gente* por definição no sentido de serem parte do coletivo formado pelas pessoas, o uso legitimado é aquele em que os usuários estão se omitindo ou se excluindo, ao usarem *a gente* concordando o verbo em 3ª. pessoa do singular para se referirem de modo vago a um coletivo de pessoas do qual fazem parte, ou para fazer críticas a atitudes das pessoas:

(15) *A gente* está muito cínico, assim muito na retaguarda (RSPOA31, 1900; *apud* Zilles, 2007, p. 33) [referindo-se a uma pessoa de um partido político].

Os falantes utilizam ainda o *a gente* como se fosse uma variante de 1ª. pessoa do singular, mas não chega de fato a ser uma variante da forma pronominal *eu* em Língua Portuguesa:

(16) “na época *a gente* era...era...novo” [referente masculino exclusivo] (NURC-RJ, AC.01, H1; *apud* Lopes, 2004, p. 11)

⁷ Da letra de música do conjunto Capital Inicial, e em (12) e (13) temos dados de Maia (2003).

(17) “na hora *a gente* fica revoltada” [referente feminino exclusivo]

(NURC-RJ, AC.020, M2; *op. cit.*)

Nesse caso, apesar do uso em 3ª. pessoa, o falante refere-se a si mesmo, o que se trata de mais um uso do *a gente* em Língua Portuguesa. Porém, é um uso diferente, visto que o *a gente* que aí equivale à forma *eu* não possui o uso dêitico da 1ª. pessoa, mas corresponde a um uso indeterminativo, extensivo aos membros de sua categoria.

Podemos ver, pela explanação feita até aqui, que a forma *a gente* vai sofrendo um processo de alterações semânticas e sintáticas⁸. Conforme informa-nos Menon (1995; 1996), em princípio *a gente* sofre modificações em nível morfossintático:

(18) a)perde a capacidade de ser usado no plural:

- ”e desta guisa aviam *as gentes* boom desembargo” (dial. São Greg., *apud* M. e Silva (1989:495); *apud* Menon, *op.cit.*)

b)deixa de constituir locução nominal com a adjunção de artigos e outros determinantes:

- “e eram *as gentes destes senhores* todos ataa cimquo mil de cavallo, e *muita gente* de pee. Aacima veendo elRei como perdia *as gentes* per esta guisa” (Lopes, 1965; p.83; *apud* Menon, *op.cit.*)

⁸ Mais adiante veremos as alterações fonológicas.

c) não mais pode ser determinado por orações relativas:

- “ *as gentes* que dormiam, saíam aas janelas, veer que festa era aquella ou porque se fazia” (*op.cit.*; *apud* Menon, *op.cit.*)

A par das alterações morfossintáticas, semanticamente o significado de *a gente* como [*eu + alguém* no discurso] vai se tornando fixo. Segundo Lopes, “ a perda da subespecificação do número formal [αpl] pode ter sido decisiva nesse processo evolutivo de *gente > a gente* “. Vejamos a seguinte explanação da autora:

O traço formal de número plural, registrado na sintaxe, se perdeu com o tempo. Os resultados evidenciam que o substantivo *gente* apresentava com nitidez as propriedades caracterizadoras do nome por ser empregado com a subespecificação de número [αpl], ou seja, podia ser usado tanto no singular (*esta gente*) quanto no plural (*estas gentes*). Já no século XVI, identificou-se um percentual significativo de 74% de ausência do traço de número plural. A partir desse período, que coincide com o desaparecimento do emprego de homem como indefinido, a perda do traço de número plural é acelerada, atingindo 100% no século XX. Embora a subespecificação de número se faça presente até o século XIX, o traço [-pl] (uso de *gente* apenas no singular) ganha terreno ao longo do tempo, firmando-se como uso categórico no século XX. (*op. cit.*, 2004, p.54)

Lopes (2004) mostra que também há alteração da especificação do traço de gênero de *a gente* ao gramaticalizar-se em forma pronominal:

Com a forma gramaticalizada *a gente*, a especificação positiva de gênero formal [+fem] do substantivo desaparece, tornando-se neutra ([ϕfem]) do mesmo modo que ocorre com as outras formas pronominais de primeira e segunda pessoas (eu/nós, tu/ você(s)/vós) que não têm gênero formal. No que se refere à interpretação semântica de gênero, o traço [ϕFEM] que não esclarecia necessariamente o gênero semântico do referente, com a pronominalização, passaria a ser semanticamente subespecificado [α FEM], uma vez que *a gente* pode combinar-se com adjetivos no masculino e/ou no feminino dependendo do gênero semântico (*a gente ficou arrasada* (referência exclusiva a mulheres) ou *a gente ficou arrasado* (referência mista ou exclusiva a homens).(*op. cit.*, p. 57)

O trabalho de Lopes, bem como os de Menon e Zilles supracitados mostram assim que a forma *a gente*, inicialmente portadora de significado lexical e passível de ser morfológicamente determinada quanto ao gênero e ao número, à medida que se gramaticaliza vai perdendo a possibilidade de especificação desse significado lexical, ou seja, vai se esvaziando semanticamente.

Aliado a esse fato, pôde-se observar (cf. Maia, 2003) que a variante *a gente* [v'ʒɛ̃tʃI] é passível de apresentar queda de segmentos, resultando em *a gen/* [v'ʒɛ̃], *a/ente* [v'ɛ̃tʃ] e *ag/te* [v'ʒɛ̃tʃ] ou alteração fonética *a hente* [v'hɛ̃tʃ], realizações estas⁹ que, conforme tem se dado em alguns processos de gramaticalização (cf. Ramos, 1997b), apontam para o estágio da *cliticização* de *a gente*. Ao fazermos tais observações, levamos em consideração que a presença de formas fonologicamente reduzidas podem ser índice do fenômeno de cliticização previsto logo após a pronominalização na escala de Hopper & Traugott (1993), segundo a qual inicialmente

⁹ O fone [ɛ̃] indica uma vogal desvozeada, que ocorre entre as fricativas [ʒ] e [ʃ].

um *item lexical* torna-se um *item gramatical*, realiza-se em seguida como *clítico*, para, em um último estágio, tornar-se um *afixo*, e por último podendo desaparecer.

Esse trabalho visa, pois, a contemplar um estudo quanto à gramaticalização da forma *a gente* desde a etapa de *item lexical* '*gente*' até a etapa denominada de *item mais gramatical*. Nas investigações em andamento, através da descrição da erosão fonológica da forma *a gente*, temos verificado a etapa seguinte, segundo a qual um *item gramatical* pode tornar-se mais gramatical e realizar-se como *clítico*.

Apesar das divergências quanto à caracterização de formas reduzidas em clíticos ou afixos, formas livres ou fracas (chamadas pronomes fracos ou átonos), o consenso é que clíticos são elementos sintáticos que carecem de autonomia sintático-fonológica, portanto, necessitam de uma forma hospedeira que os apóie ou seja, clíticos são elementos átonos que se agregam a uma forma acentuada, sujeitos a condicionamentos sintáticos (cf. Kayne, 1975; Spencer, 1991; Klavans, 1985).

Uma vez que a realização de formas plenas e reduzidas de *a gente* é alvo do presente estudo, o qual requer uma integração entre diversos quadros teóricos, entremos no *estado da arte* para contato com diversas abordagens às quais estaremos sempre nos referindo.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA

Conforme já foi dito, a investigação aqui empreendida tem por alvo um diálogo com diversas perspectivas teóricas. Na seção anterior, discorreremos inicialmente sobre o que se convencionou chamar de *gramaticalização*, referindo-nos aos principais nomes, momentos e visões. Estabelecemos ainda uma relação entre a análise da pronominalização de *a gente* e a busca de sua fase atual para, a partir desse momento, entrarmos na metodologia utilizada.

2.1. Constituição do *corpus*

Vimos nas duas seções anteriores a esta que a *gramaticalização* é um processo cuja identificação requer uma investigação pautada em critérios sintáticos, morfofonéticos e semânticos; ou seja, é preciso (i) uma verificação da distribuição do item na estrutura sintática, (ii) uma observação da redução do material fônico e (iii) o levantamento das alterações de sentido da forma (cf. Vitral & Ramos, 2006).

A *gramaticalização* de *a gente* está presente em inúmeros trabalhos (cf. Menon, 1994, 1996; Lopes, 1999; Borges, 2004; Zilles, 2005; Maia, 2003), os quais nos

serviram de inspiração para a continuidade. Contudo esperamos, neste trabalho, fazer observações que abarquem tanto o que se refere aos critérios sintáticos e fonológicos, quanto o que se refere ao critério semântico e discursivo, por meio da utilização de variados recursos metodológicos. Primeiro, para a análise quantitativa de fatores linguísticos e extralinguísticos a partir da metodologia da Teoria da Variação (cf. Weireinch, Labov & Herzog, 1968; Labov, 1964), utilizamos o programa de análise multivariada GoldVarb 2001. Segundo, para identificação e medição das formas reduzidas, servimos-nos da Fonética Acústica, operacionalizada com o uso do programa PRAAT³⁷, uma ferramenta desenvolvida por Paul Boersma e David Weenink, ambos do Institute of Phonetic Sciences, Universidade de Amsterdam.

2.2. A Amostra

Os dados orais para a análise acústica³⁸ são um conjunto de entrevistas realizadas em Belo Horizonte e são representativos da fala de uma grande área urbana, a capital mineira. Conforme previsto pela Sociolinguística Laboviana, os informantes falam descontraidamente sobre os mais diversos temas: trabalho, lazer, costumes, festas, casamento, futebol, religião, etc.; falas que permitem o acesso ao vernáculo utilizado no falar belorizontino contemporâneo, bem como fornecem ocorrências das formas de *a gente* (plenas e reduzidas) nos mais variados ambientes sintáticos e fonológicos.

³⁷ O Praat pode ser obtido gratuitamente, por *download* a partir da página oficial: <http://www.praat.org>.

³⁸ Foram gentilmente cedidos pela Profa. Regina Maria Gonçalves Mendes, que os coletou para investigar a haplogogia no dialeto mineiro em seu mestrado na PUC-MG.

A comunidade de fala investigada, Belo Horizonte, é atualmente a terceira maior capital do Brasil, estando em primeiro lugar São Paulo e em segundo, o Rio de Janeiro. Conforme dados do IBGE de 2010, tem área total de 330,93 km². Sua população atual é de 2.375.444 habitantes. Segundo Corrêa (1998, p.43):

“Belo Horizonte constitui núcleo metropolitano, formado por, aproximadamente 250 bairros, agrupados em 9 regiões, e mais 3 cidades satélites em seu contorno (...). Liga-se a todo o país por aeroportos, rodovias e ferrovias. As principais atividades econômicas são: indústrias de minerais, não metálicos, metalurgia, material de transportes, químicos, perfumaria, têxtil, vestuário, bebidas, grande comércio varejista e atacadista.”

Na revista América Economia aparece como uma das 10 melhores cidades para se fazer negócios da América Latina em 2009. Cercada pela Serra do Curral, que lhe serve de moldura natural e referência histórica, foi planejada e construída para ser a capital política do estado mineiro sob influência das ideias do positivismo, em um momento de forte apelo da ideologia republicana no país. Sofreu um acelerado e inesperado crescimento populacional, chegando a mais de 1 milhão de habitantes em apenas 70 anos de fundação.

Foi a partir de dados da comunidade belorizontina que as formas plenas e reduzidas de *a gente* foram identificadas e mensuradas nas entrevistas através do programa de análise acústica PRAAT, uma vez que uma das metas desse trabalho é verificarmos a hipótese da *cliticização* dessa forma pronominal, alvo de nossa investigação, bem como refletirmos sobre alguns tópicos levantados por Vitral (1996), por Ciríaco, Vitral e Reis (2004) e por Vitral (2006).

Foram controladas as variáveis extralinguísticas faixa etária (Jovens: 18 a 35 anos; Medianos: 36 a 49 anos; Idosos: maiores de 50 anos) e escolaridade (Fundamental e Superior); visto que o fator extralinguístico faixa etária, segundo os estudos sociolinguísticos é revelador de um fenômeno tratar-se de mudança linguística ou de variação dentro da faixa etária (*age grading*); e o fator escolaridade mostra a origem e a direção seguida pelo fenômeno. Assim sendo, foram observadas 24 entrevistas no estilo DID, distribuídas da seguinte forma: 8 da faixa etária dos jovens, 8 da faixa etária dos medianos e 8 da faixa etária dos idosos; 12 de ensino fundamental e 12 de ensino superior. Segue o quadro de informantes abaixo:

INFORMANTE	IDADE	FAIXA ETÁRIA	ESCOLARIDADE
E1-40	24	F1	SUP
E2-44	23	F1	SUP
E3-48	24	F1	FUND
E4-5	20	F1	FUND
E5-12	28	F1	SUP
E6-15	30	F1	SUP
E7-61	18	F1	FUND
E8-17	32	F1	FUND
E9-28	42	F2	SUP
E10-42	46	F2	SUP
E11-18	47	F2	FUND
E12-32	48	F2	SUP
E13-74	42	F2	FUND
E14-14	42	F2	SUP
E15-2	49	F2	FUND
E16-6	44	F2	FUND
E17-16	60	F3	SUP
E18-13	50	F3	SUP
E19-1	54	F3	FUND
E20-73	59	F3	FUND
E21-71	50	F3	SUP
E22-29 ^a	56	F3	SUP
E23-24	50	F3	FUND
E24-19	53	F3	FUND

Quadro 1 – Informantes

A comunidade belorizontina contemporânea está aqui representada por informantes selecionados de acordo com pressupostos da Sociolinguística Laboviana (cf. Labov, 2001), segundo a qual, em municípios como Belo Horizonte, só são representativas do dialeto urbano pessoas que nasceram no local ou que nele residem por mais de trinta anos.

Foram identificadas, entre formas plenas e reduzidas, o total de 317 ocorrências da forma *a gente*, sendo 100 casos de formas reduzidas e 217 de formas plenas.

A opção pelo uso das entrevistas sociolinguísticas que compõem o *corpus* foi feita segundo dois critérios principais: (i) boa qualidade do áudio, para podermos submetê-las à análise acústica utilizando-se o PRAAT; (ii) possibilidade de acesso aos mais variados ambientes de ocorrências da forma sob análise, tanto nos contextos (morfo)sintático e discursivo, quanto no contexto fonológico. Consideramos com *boa qualidade de áudio* uma gravação compreensível, com pouquíssimo ou nenhum barulho ao fundo. Mesmo assim, até o ruído do próprio gravador em funcionamento aparece na imagem da análise acústica. Contudo, isso não inviabilizou o uso de dados sociolinguísticos no presente trabalho, tendo em vista o objetivo paralelo de observação das formas em contextos diversificados.

A utilização do Programa PRAAT possibilita a aferição de valores de *duração* (desde os cinco formantes de cada som até o valor total dos segmentos da forma *a gente*), a partir da observação do oscilograma e do espectrograma, ao efetuar-se a segmentação do que se está analisando. Possibilita ainda a aferição de valores de *intensidade* da forma *a gente* mediante observação do pico da sílaba tônica, em janela lateral. Para isto, é preciso a utilização de gravações sem ruído ou ressonância ao fundo, pois as ondas de ruídos e de ressonâncias impossibilitam as visualizações exatas do item

para seleção e posterior medição da *duração* e da *intensidade* da forma sob análise. Para aferição da *intensidade* é preciso ainda que o microfone utilizado nas gravações esteja sempre na mesma distância do informante. Infelizmente isso não foi controlado nas gravações que se optou por utilizar, visto que o objetivo inicial da entrevistadora que as coletou era a observação de ocorrências sociolinguísticas, as quais devem ser coletas de maneira espontânea, de preferência em espaços bem informais, e não para análise acústica que requer, conforme sabemos, um ambiente totalmente isolado de som externo e no qual há controle da distância entre o microfone e o informante. Por esta razão a intensidade das formas plenas e reduzidas de *a gente* não foi verificada neste trabalho.

Entretanto, para que os dados analisados fossem representativos do dialeto mineiro contemporâneo informal e portadores de todos os contextos morfossintáticos e fonológicos é que optamos pelo uso de entrevistas sociolinguísticas realizadas no estilo DID. Para evitarmos uma análise pautada apenas na percepção auditiva foi que utilizamos o Programa PRAAT como instrumental de coleta das formas, ou seja, associando percepção auditiva e visualização dos constituintes fonológicos das formas encontradas. Esse procedimento possibilitou buscarmos a descrição das atuais realizações de *a gente* levantadas no *corpus*, bem como analisarmos fatores que favorecem ou restringem a ocorrência de suas formas plenas e reduzidas.

Assim procedendo, as ocorrências com a forma *a gente* foram localizadas, transcritas, codificadas e apresentadas como *input* ao programa de análise multivariada GoldVarb 2001.

É previsível, contudo, a dificuldade que pode haver quanto à leitura dos espectrogramas apresentados ao longo do presente trabalho, visto que, em prol do uso

de dados reais de fala para a análise do fenômeno investigado, optamos pela presença de ruídos até mesmo próprios do gravador.

2.3. Objeto da análise

Tendo por meta verificarmos as propriedades lexicais que se perdem no atual processo de *gramaticalização* da forma *a gente*, bem como as que se mantêm (princípios de *deategorização* e de *persistência* de Hopper (1991), respectivamente), é que se procedemos à investigação quantitativa e qualitativa de fatores linguísticos e extralinguísticos conforme pressupostos da Teoria da Variação e Mudança (cf. Weinreich, Labov & Herzog, 1968; Labov, 1994). Visamos, desse modo, à explicitação dos condicionamentos e restrições atuantes nesse processo.

Levamos em consideração que formas reduzidas podem ser representativas da etapa da *cliticização* no contínuo proposto por Hopper & Traugott (1993), por isto, essas constituem o objeto de estudo deste trabalho.

A título de esclarecimento do que chamamos de formas plenas e reduzidas de *a gente* durante a análise variacionista empreendida, passemos antes por uma explanação com embasamento na fonética.

2.3.1. A forma sonora *a gente*

A forma *a gente* possui várias realizações fonéticas em Língua Portuguesa. Na presente investigação das formas plenas e reduzidas de *a gente*, visando a uma análise que abarcasse suas diversas formas de realização fonética, recorreremos à sua forma fonêmica (ou fonológica), inclusive, utilizando-nos da ideia de alofone, bem como os processos daí decorrentes.

A forma *a gente* tem a seguinte representação fonêmica:

(48) / a/ ‘ / ʒ/ / ẽ/ / t / / e/ ³⁹

A seguir, um exemplo de como a forma *a gente* pode ser representada foneticamente a partir de uma ocorrência do presente *corpus*:

(49) a. Aí aconteceu um problema com ele lá. *A gente* [ɐ'ʒẽtʃɪ], nós tivemos que chamá o reboque... (E1-40JMS)

Em (49), consideramos a forma fonética [ɐ'ʒẽtʃɪ] uma forma plena, pois não há redução no número de seus constituintes fonêmicos. Nas formas representadas com

³⁹ Fonemicamente considera-se o alofone [t] representante da sílaba ‘t+e’, foneticamente [tʃɪ], no dialeto mineiro. Sendo que o fone [i] pode revelar-se na estrutura formântica da fricativa pós-alveolar final e tanto a produção de [t] quanto a de [ʃ] foi considerada marca da realização dessa sílaba.

[e:] mais à frente, buscamos indicar que embora /a/ se encontre em posição átona, pode apresentar duração maior do que em outras ocorrências.

A forma *a gente*, presente na ocorrência (49) pode ser visualizada com todos os seus constituintes no espectrograma abaixo:

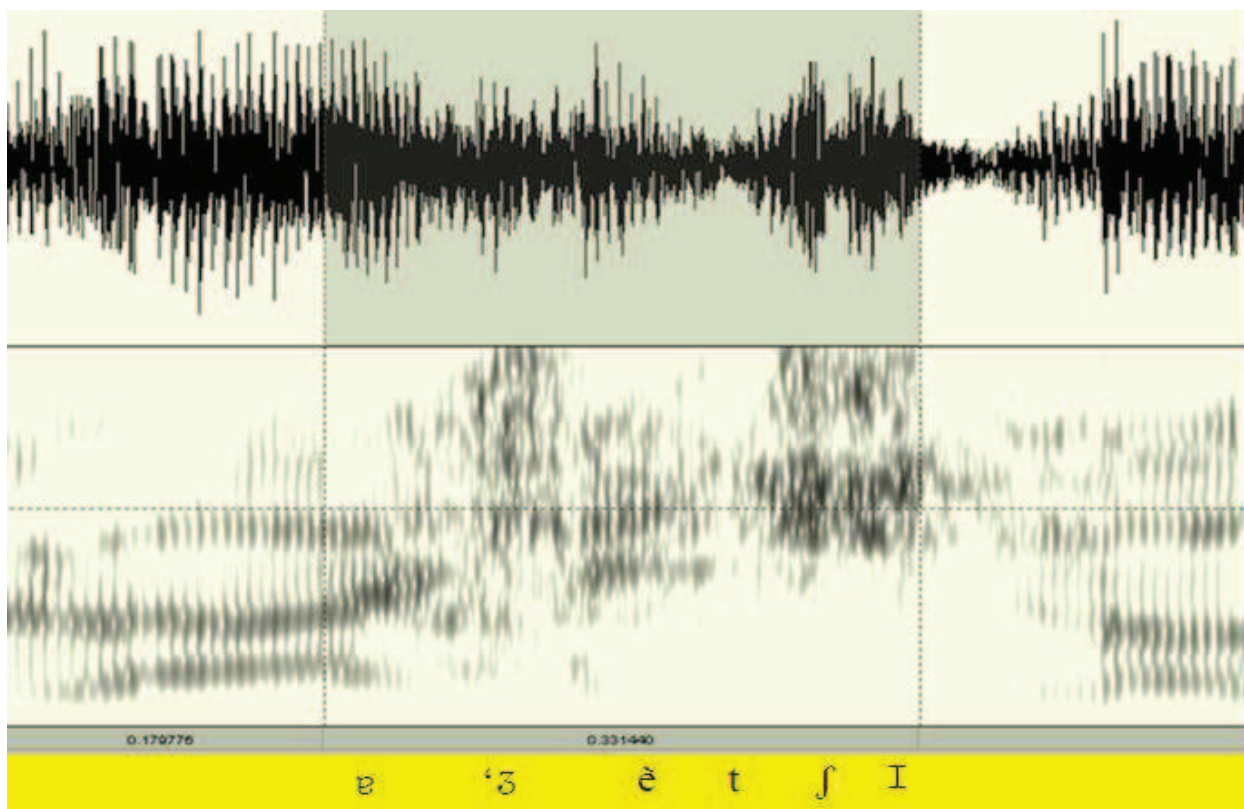


Figura 1 – Forma selecionada *a gente* [e'ʒëtʃI]⁴⁰ com /a/ e /i/ default

A figura 1 acima apresenta o que neste trabalho considera-se uma das formas plenas de *a gente*⁴¹. Isto é, uma forma que possui realização de todos os seus constituintes fonêmicos (ou fonológicos), conforme representado em (49).

⁴⁰ As figuras apresentam um valor bruto, ou seja, pertencente a cada informante.

⁴¹ Foi encontrada nos dados e considerada plena a forma [e:'ʒëtʃI:], em que as vogais /a/ e /i/ são pronunciadas com uma duração maior, ao que denomino “alongamento”. Na tentativa de representar foneticamente esse fenômeno, utilizo os fones [e:] e [I:], sendo que os dois pontos indicam essa maior duração das vogais.

A forma fonética de uma palavra (usando o termo palavra na acepção fonológica) apresenta detalhes a que a forma fonêmica não se atém⁴². Por exemplo, a forma plena de *a gente* pode ter algumas das seguintes realizações⁴³ fonéticas:

(50)

- a) *A gente* [ɐ:ˈʒẽtʃI:] em que /a/ e /i/ são pronunciados com alongamento;
- b) *A gente* [ɐ:ˈʒẽtʃI] em que apenas o fonema / a / sofre alongamento;
- c) *A gente* [ɐˈʒẽtʃI] em que não há alongamento e nem redução;
- d) *A gente* [ɐˈʒẽtʃ] em que o fonema /a/ sofre leve redução e o fonema / i / revela-se na estrutura formântica da fricativa pós-alveolar final;
- f) *A gente* [əˈʒẽtʃ] em que o fonema / a / sofre forte redução e o fonema / i / revela-se na estrutura formântica da fricativa pós-alveolar final;
- g) *A gente* [əˈʒẽʃI] em que o fonema / a / sofre forte redução e o fonema / t / não se realiza na sílaba final;
- h) *A gente* [ɐˈʒẽʃ] em que a sílaba final realiza-se como [ʃ];
- i) *A gente* [əˈʒẽʃ] em que há forte redução do fonema / a / e a sílaba final realiza-se como [ʃ];
- j) *A gente* [əˈʒẽt] em que há forte redução de / a / e a sílaba final realiza-se como [t];
- k) *A gente* [əˈhẽt] em que há forte redução de / a /, substituição de [ʒ] por [h] e a sílaba final realiza-se como [t].

⁴² Para maiores esclarecimentos sobre forma fonêmica e forma fonética veja-se Cristófar-Silva (2001, p. 118-136).

⁴³ Essa descrição foi feita após coleta acústica das ocorrências com utilização do PRAAT (Programa de Análise Acústica), durante a qual foi possível observarem-se as alterações das durações dos fonemas, principalmente os vocálicos, contudo, nem todas as possibilidades de realização fonética estão aqui descritas.

Como pode ser observado nas formas plenas⁴⁴ de *a gente* acima, nem sempre o fonema /i/ aparece. É que é aceito nos estudos acústicos que o ruído da fricativa revela a estrutura formântica da vogal que se segue. Por trás desse pressuposto está implícito um processo de assimilação de [i] à fricativa pós-alveolar [ʃ]. Esta é a direção seguida neste trabalho.

Uma vez que buscamos fazer uma descrição fonética das formas de *a gente*, é importante ressaltarmos que na forma [ə'hẽt] o que temos é a substituição de um fone fricativo pós-alveolar vozeado [ʒ] por um fricativo glotal não vozeado [h].

Buscamos acima uma apresentação de algumas formas plenas de *a gente* que proporcionasse a visualização de seus constituintes sonoros. Para isto, as formas fonéticas foram transcritas entre colchetes e as formas fonêmicas foram transcritas entre barras. Atentamos para o fato de que o fonema /t/ de *a gente* é passível de sofrer palatalização no dialeto mineiro, podendo realizar-se como [tʃ]. Assim, havendo a presença de um dos constituintes fonológicos [t] ou [ʃ] ou [tʃ], a forma foi considerada plena.

Por sua vez, no presente trabalho, são consideradas formas reduzidas de *a gente* as que não realizam pelo menos um de seus constituintes fonêmicos. As formas abaixo, que são apenas algumas das possibilidades de ocorrência fonética de *a gente* mostram que podem ocorrer perdas fonéticas, sem que resultem em perdas fonêmicas:

⁴⁴ Os espectrogramas das formas plenas e reduzidas são apresentados na seção 3.

(51)

- | | |
|--------------------------------------|---|
| a. <i>A gente</i> [‘ʒɛ̃tʃɪ] | em que há apagamento do fonema / a /; |
| b. <i>A gente</i> [‘ʒɛ̃tʃ] | em que há apagamento de / a / e o fonema / i / revela-se na estrutura formântica da fricativa pós-alveolar final; |
| c. <i>A gente</i> [e:’ʒɛ̃] | em que há alongamento do fonema /a/ e há apagamento de sílaba final; |
| d. <i>A gente</i> [e’ʒɛ̃] | em que /a/ realiza-se sem alongamento ou redução e há apagamento da sílaba final; |
| e. <i>A gente</i> [ə’ʒɛ̃] | em que há forte redução de /a/ e há apagamento da sílaba final; |
| f. <i>A gente</i> [e’ʒɛ̃tʃɪ] | em que há alteração da vogal [ɛ̃] para desvozeada [ɛ̥̃] |
| g. <i>A gente</i> [‘ʒɛ̃f] | em que há apagamento de /a/, alteração de /ɛ̃/ para [ɛ̥̃] e realização da sílaba final como [ʃ]; |
| h. <i>A gente</i> [ə’hɛ̃] | em que há forte redução de /a/, substituição de [ʒ] por [h] e apagamento de sílaba final; |
| i. <i>A gente</i> [e’ɛ̃f] | em que há apagamento de [ʒ] e realização da sílaba final como [ʃ]; |
| j. <i>A gente</i> [e’ɛ̃] | em que apagamento de [ʒ] e apagamento de sílaba final; |

Desse modo, atentemos para o fato de que a forma *a gente* pode apresentar-se com redução na duração:

- do fonema / a /: quando a forma apresenta-se com [e], ou [ə].

Exemplos: [e’ʒɛ̃tʃɪ] / [ə’ʒɛ̃tʃɪ] / [e’ʒɛ̃] / [ə’ʒɛ̃]

- Do fonema / i /. Exemplos: [e’ʒɛ̃tʃɪ] / [‘ɛ̃tʃɪ]
- de / a / ou de / i / ou de ambos. Exemplos: [‘ɛ̃tʃɪ] / [e’ɛ̃tʃɪ] / [‘ɛ̃tʃɪ]

Ou com substituição pela fricativa glotal não vozeada. Exemplos: [ə’hɛ̃t] / [‘hɛ̃f]

Cabe ressaltar, conforme pode ser observado em (50) e (51) que todos os constituintes fonéticos de *a gente* são passíveis de sofrerem reduções graduais em seu tempo de realização, ou seja, podem apresentar uma duração maior, menor ou sofrer apagamento, e procuramos representar como segue:

- a. [e:] > [e] > [a] > [ə] > Ø
- b. [ʒ] > [h] > Ø
- c. [ẽ] / [ẽ̃]⁴⁵ > Ø
- d. [tʃ] / [t] ~ [ʃ] > Ø
- e. [ɪ:] / [ɪ] > Ø

Observamos assim, conforme o que apresentamos até aqui, que a gramaticalização de *a gente*, a partir da forma lexical latina *gens / gentis*, mostra-se um processo lento e gradual sintaticamente e semanticamente. Também em relação à erosão fonológica os dados acima apontam para isso, o que corrobora a visão de que na gramaticalização as etapas são lentas e graduais.

Contudo, isso não significa que essas formas não coexistam na comunidade de fala. Conforme nos apontam Vitral & Ramos (2006, p. 16) ” a atribuição de gradualidade parece-nos vir do fato de ser possível, num recorte sincrônico, atribuir a um item que se gramaticaliza duas categorizações diferentes e aferir índices de frequências diferentes para cada um deles”. Os autores reconhecem a possibilidade de, num dado estágio de uma língua, haver a coexistência de uma forma tanto com função

⁴⁵ A notação [ẽ̃] foi empregada no lugar de [ẽ] para representar um segmento que não é essa vogal, tampouco trata-se de um [i].

lexical, quanto com função gramatical derivada. É o que procuraremos investigar e descrever no presente trabalho.

Abaixo um espectrograma com uma das formas reduzidas de *a gente*:

(52) *A gente* [‘ētʃ] pegôoo ... quaRENTa e cinco graus. (E7-61JF)

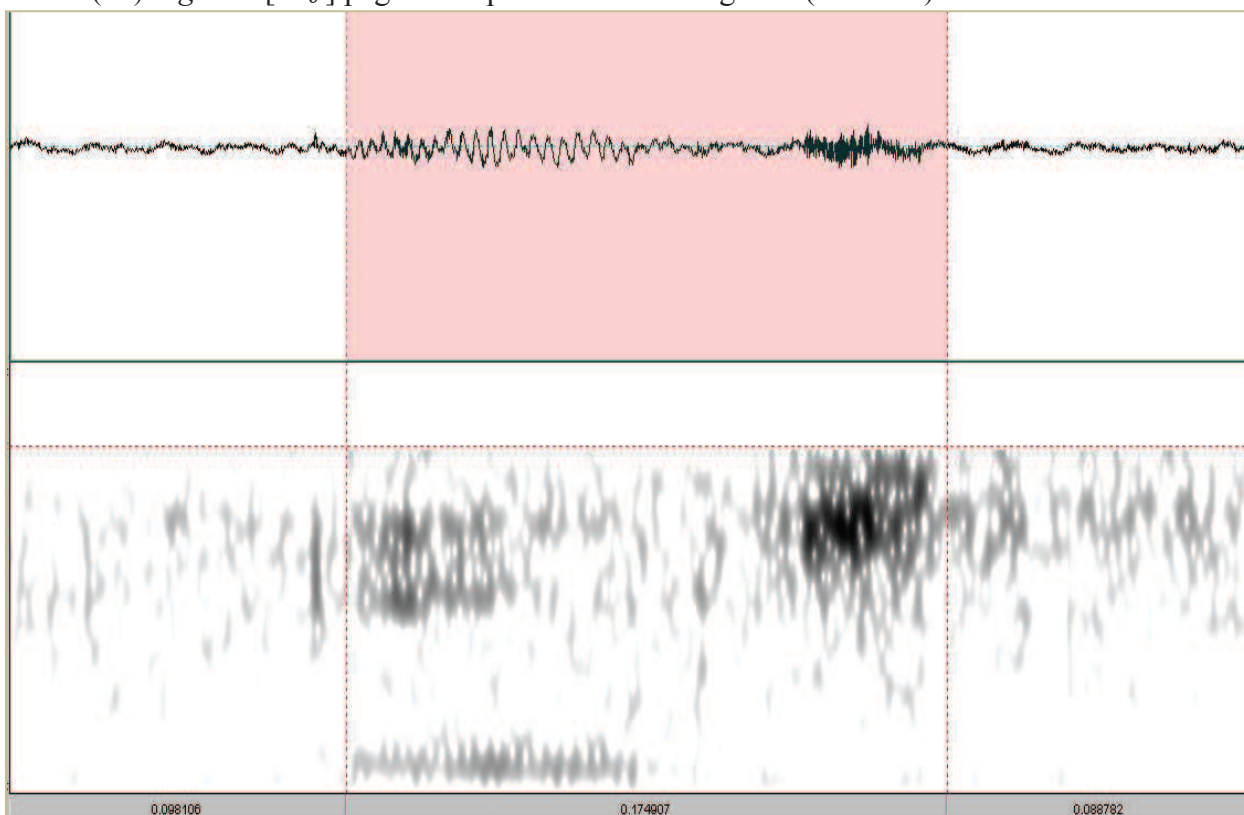


Figura 2 – Forma selecionada *a gente* [‘ētʃ] com ausência de alguns constituintes

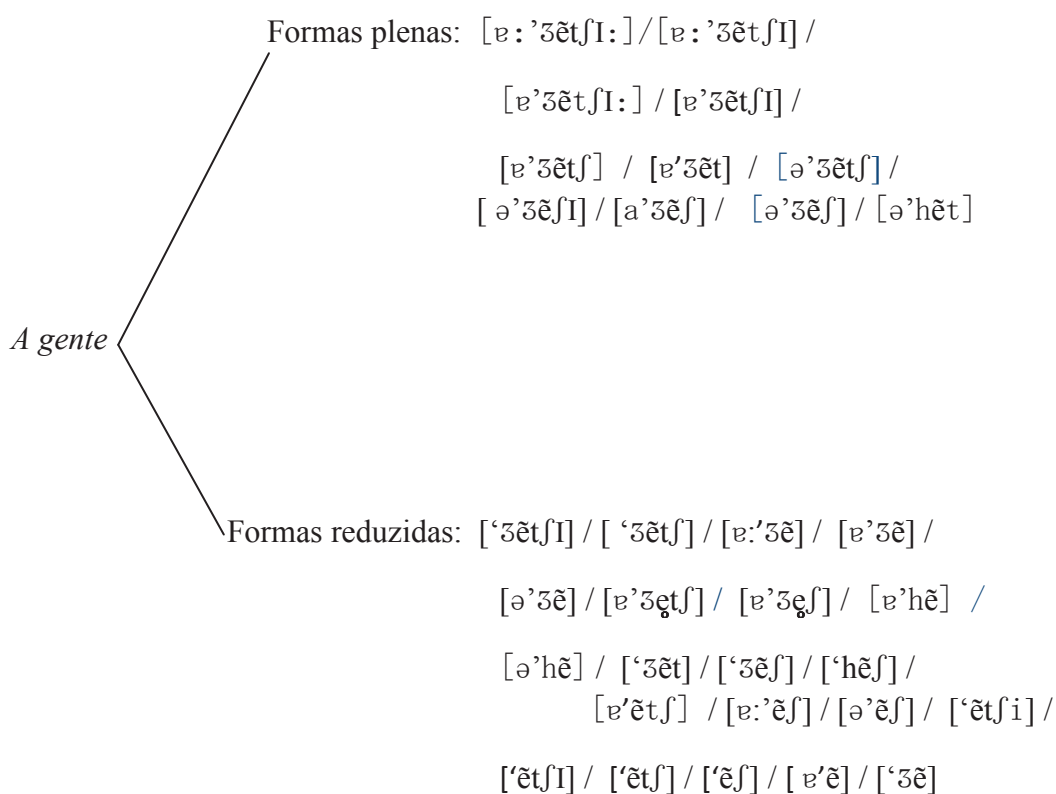
Apresenta-se desse modo a seguinte questão: serão as formas reduzidas de *a gente* representativas de um novo estágio em sua história? Isto é, estaria a forma *a gente* seguindo para a etapa da *cliticização*?

Em busca da resposta para a principal questão deste trabalho, vamos à explicitação dos condicionamentos e restrições atuantes nesse processo, utilizando-nos,

em um primeiro momento do instrumental da investigação quantitativa e qualitativa de fatores linguísticos e extralinguísticos da Teoria da Variação e Mudança (cf. Weinreich, Labov & Herzog, 1968; Labov, 1994), segundo o qual um *continuum* pode ser analisado de forma discreta.

Foram verificadas a variável dependente e as variáveis independentes (ou linguísticas e extralinguísticas), apresentadas a seguir.

A variável dependente apresenta-se subdividida nas seguintes variantes:



Cada uma das variantes acima possui distintas realizações fonéticas, as quais foram identificadas com auxílio do programa de análise acústica PRAAT. Vejamos inicialmente a variável dependente.

2.3.2. Variável dependente

A fim de verificarmos quais as propriedades nominais do substantivo latino ‘*gens, gentis*’ que se mantiveram e quais as que se perderam na gramaticalização de *a gente* no falar belorizontino contemporâneo, mais especificamente visando-se ao estudo da *cliticização* desta forma, foram verificados dois conjuntos de formas: plenas e reduzidas. Tal agrupamento foi feito visto que o Programa de análise multivariada GoldVarb 2001 não aceita mais que uma variável dependente, a qual deve ser binária.

A variável dependente observada foi *a gente*, a qual possui as variantes plenas e reduzidas. O programa GoldVarb 2001 interpreta tanto formas plenas quanto formas reduzidas como variável dependente: “The dependent variable is the factor group which encodes the linguistic variable under investigation”. (Robinson, Lawrence & Tagliamonte, 2001; 12). Este programa interpretará sempre o primeiro grupo codificado como sendo a variável dependente.

A investigação da variação entre as formas plenas e reduzidas permite que se ponham em evidência os condicionamentos e as restrições da realização das formas pronominais e clíticas.

A exemplo das variantes consideradas plenas aparecem algumas formas a seguir. Primeiro, aparece sua transcrição fonética justaposta à sua forma escrita na ocorrência e, logo após, mostramos sua formação no espectrograma e no sinal de fala:

(53)... e alguma coisa que passa e assim que... que... faz *a gente* [v'ʒẽtʃI:]ri com... satirizando a... (E3-48JF)

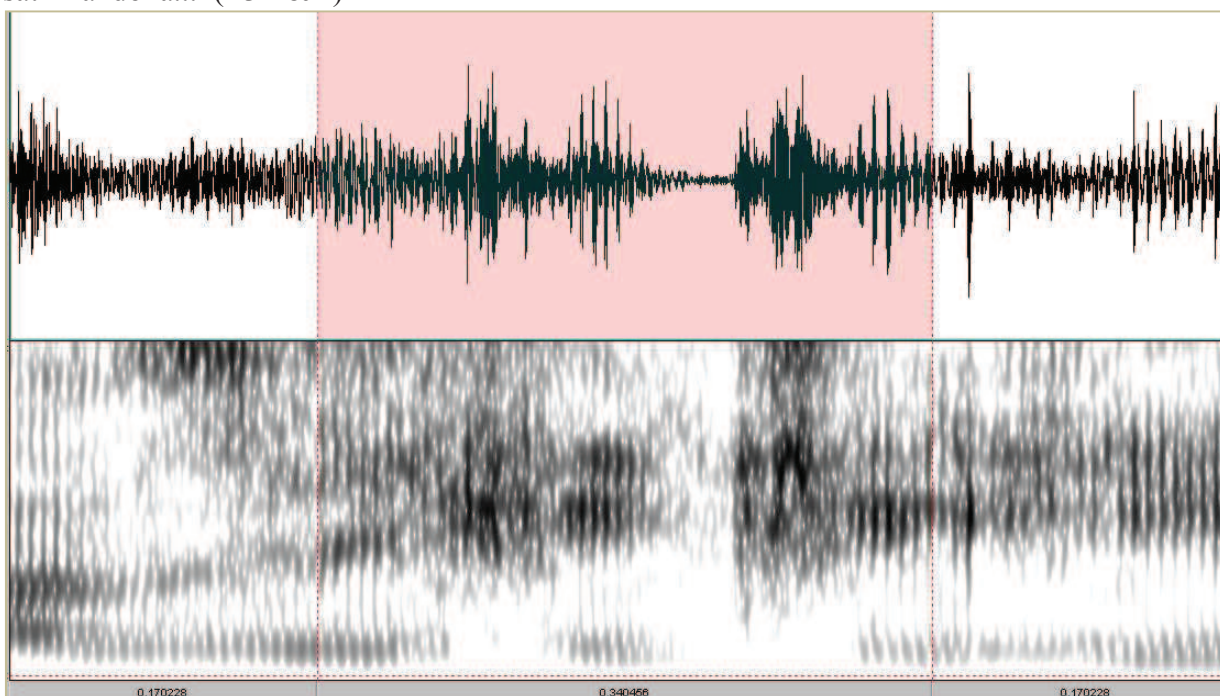


Figura 3 - Forma selecionada: *a gente* [v'ʒẽtʃI:] com alongamento de /i/

(54) Porque eles ficam atrevidos, petulantes. *A gente* [v:ʒẽtʃ] não manda neles. (E22-29IS)

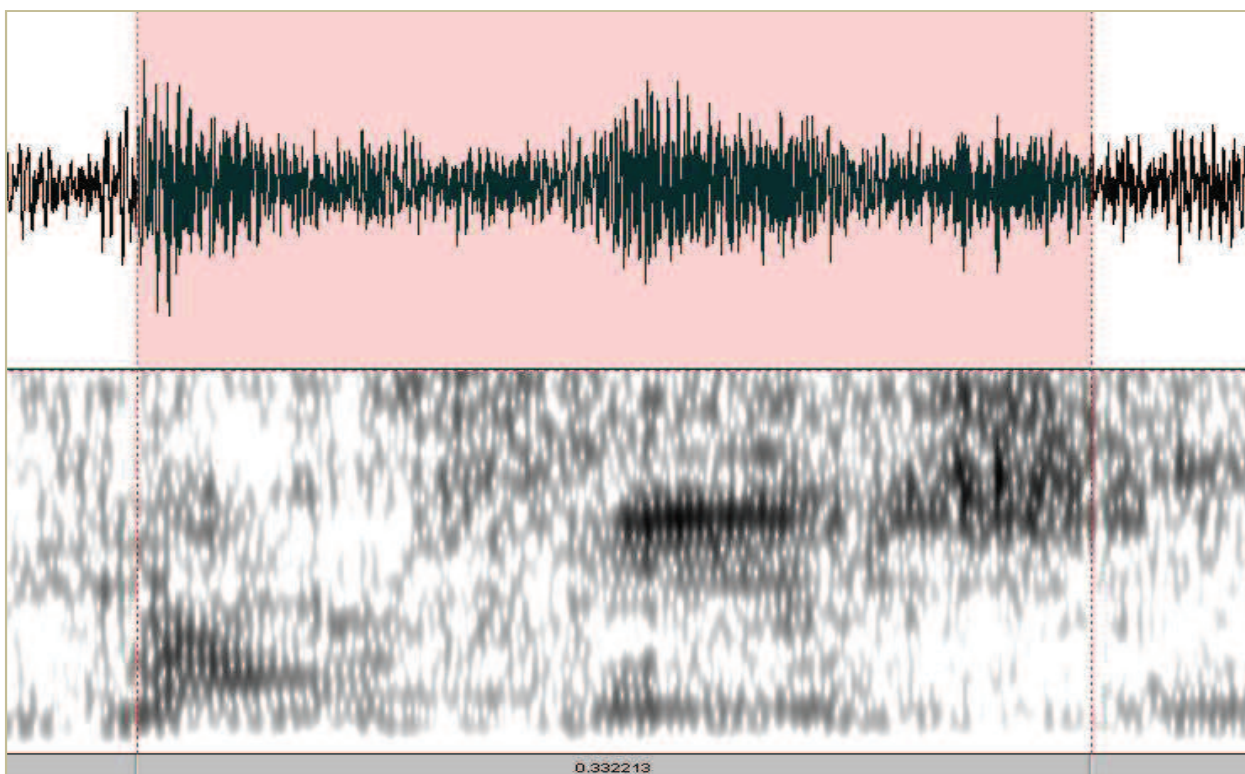


Figura 4 - Forma selecionada: *a gente* [v:ʒẽtʃ] com alongamento de /a/

(55) *A gente* [v:ˈʒẽtʃ] subia lá de cima pro Sion... (E6-15JS)

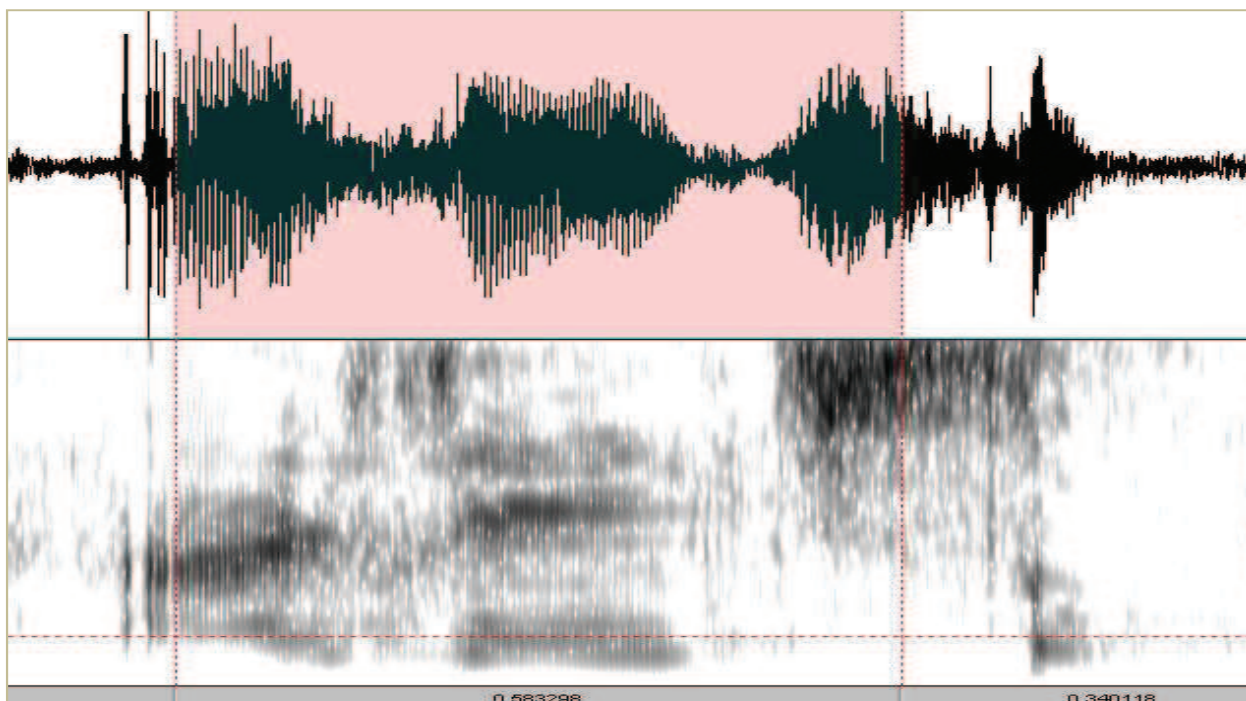


Figura 5 - Forma selecionada: *a gente* [v:ˈʒẽtʃ] com vogal /a/ alongada e /i/ revelando-se (ou assimilada) na estrutura formântica da fricativa pós-alveolar final

(56) *É a gente* [vˈʒẽtʃI] tá mantendo sempre um diálogo... (E6-15JS)

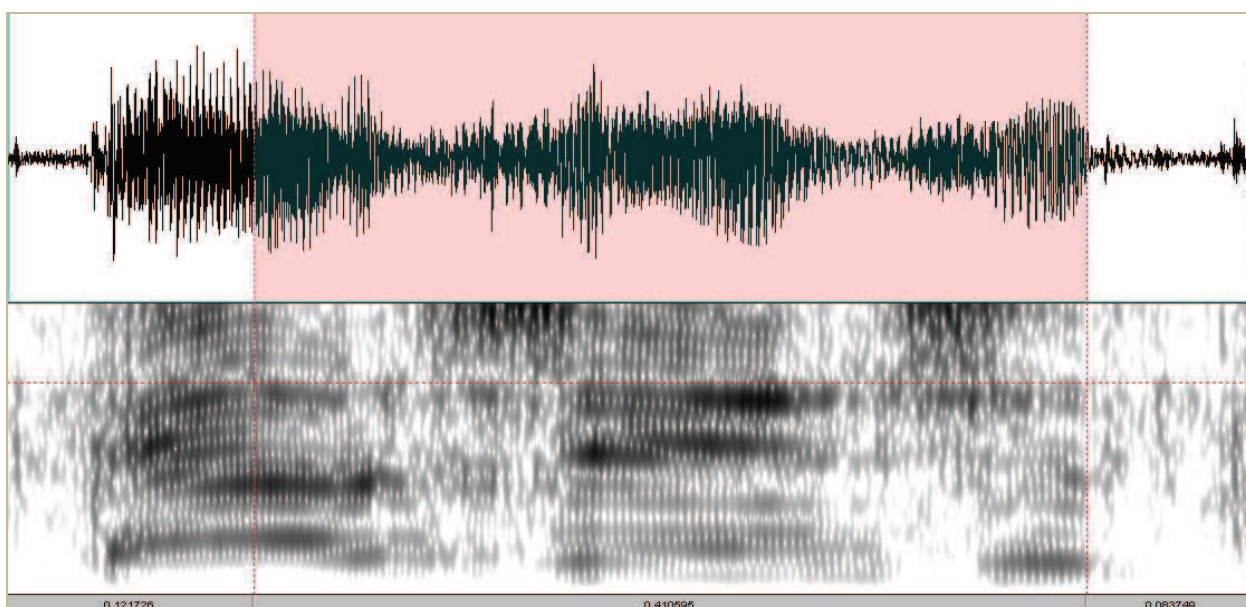


Figura 6 - Forma selecionada: *a gente* [vˈʒẽtʃI] sem alterações

(57) Aí já... *a gente* [e:ʔẽtʃ] lá sozim já fica grande. (E13-74MF)

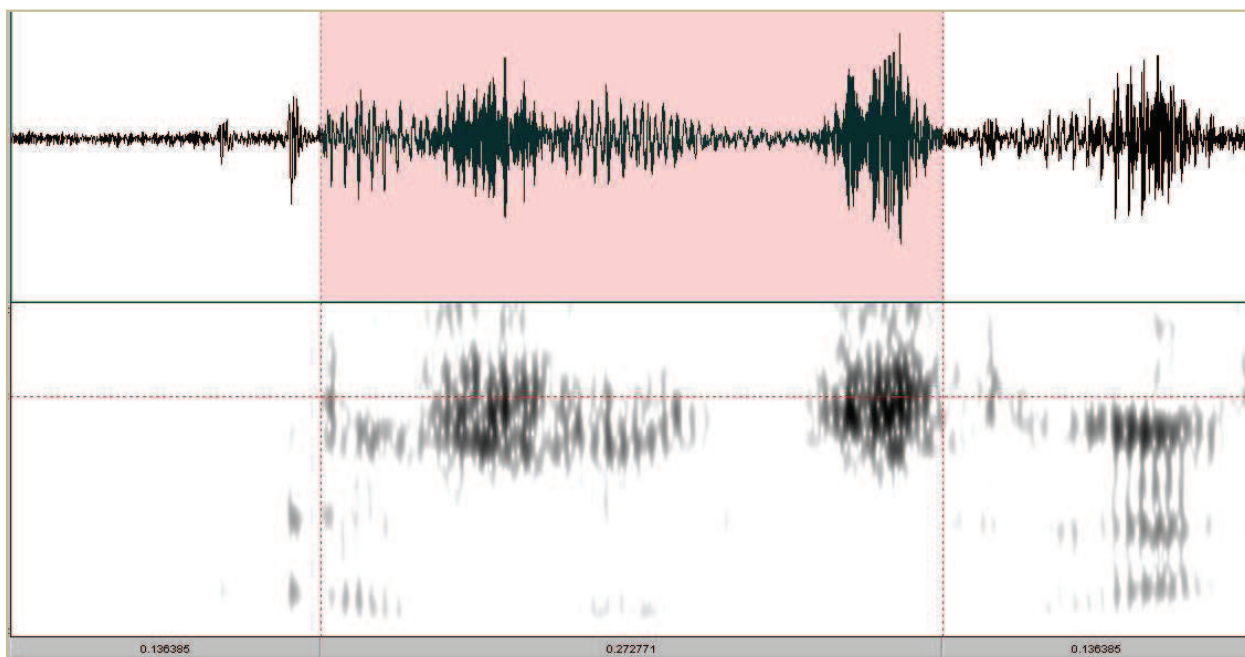


Figura 7 - Forma selecionada: *a gente* [e:ʔẽtʃ] com /i/ assimilado à fricativa pós-alveolar final

(58) Mas... aquela época era muito bom... tudo alegrava *a gente* [ɑʔẽtʃ] e era muito bom... (E16-6MF)

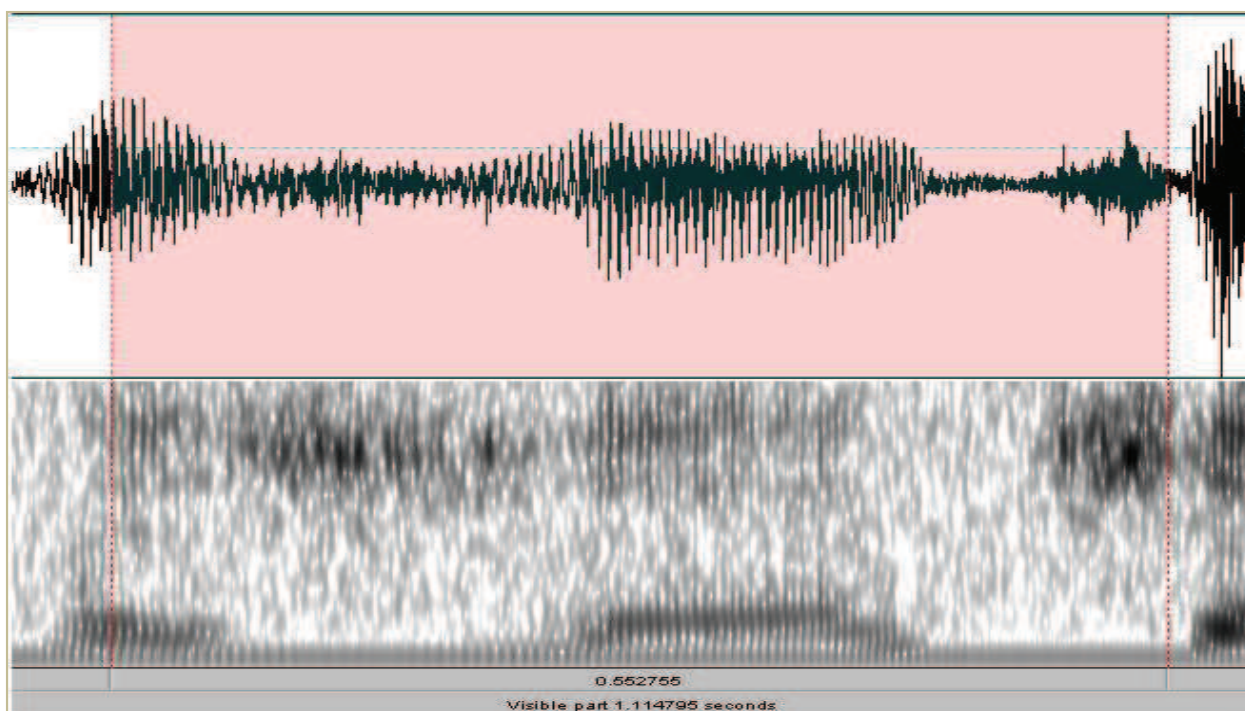


Figura 8 - Forma selecionada: *a gente* [ɑʔẽtʃ] com leve redução de /a/

(59)... que *a gente* [ə'ʒẽtʃI:] vê ess' pessoal falano que é melhó, que... é mais organizada...

(E15-2MF)

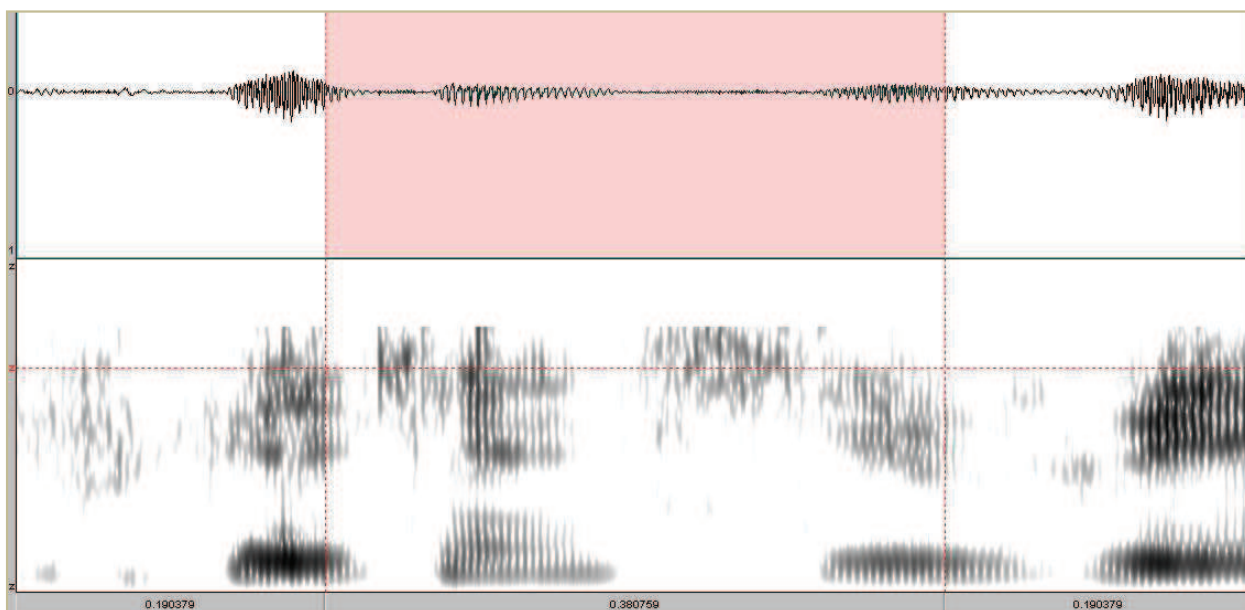


Figura 9 - Forma selecionada: *a gente* [ə'ʒẽtʃI:] com forte redução de /a/ e /i/ alongado

(60) ... que *a gente* [ə'ʒẽtʃ] tava num lugá mei deserto... (E6-15JS)

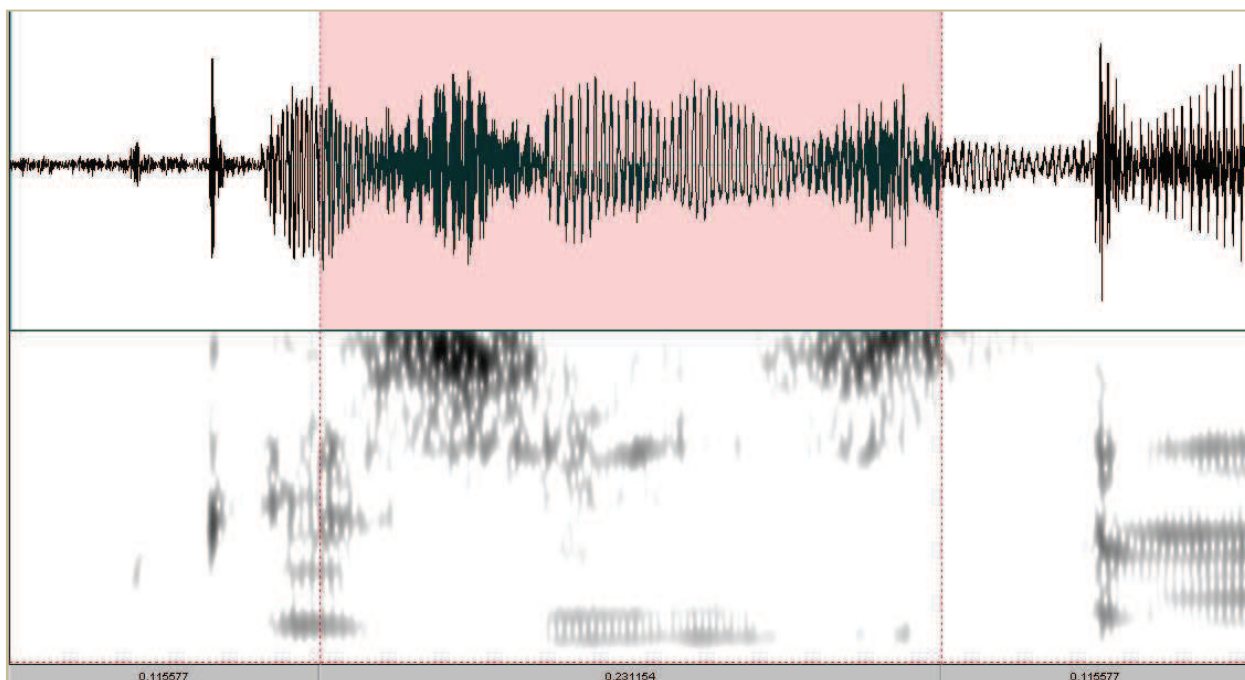


Figura 10 - Forma selecionada: *a gente* [ə'ʒẽtʃ] com forte redução de /a/ e /i/ revela-se na estrutura formântica da fricativa pós-alveolar final

(61) ... pior é que acontece tanta coisa com *a gente* [a'ʒẽt] né... (E23-24IF)

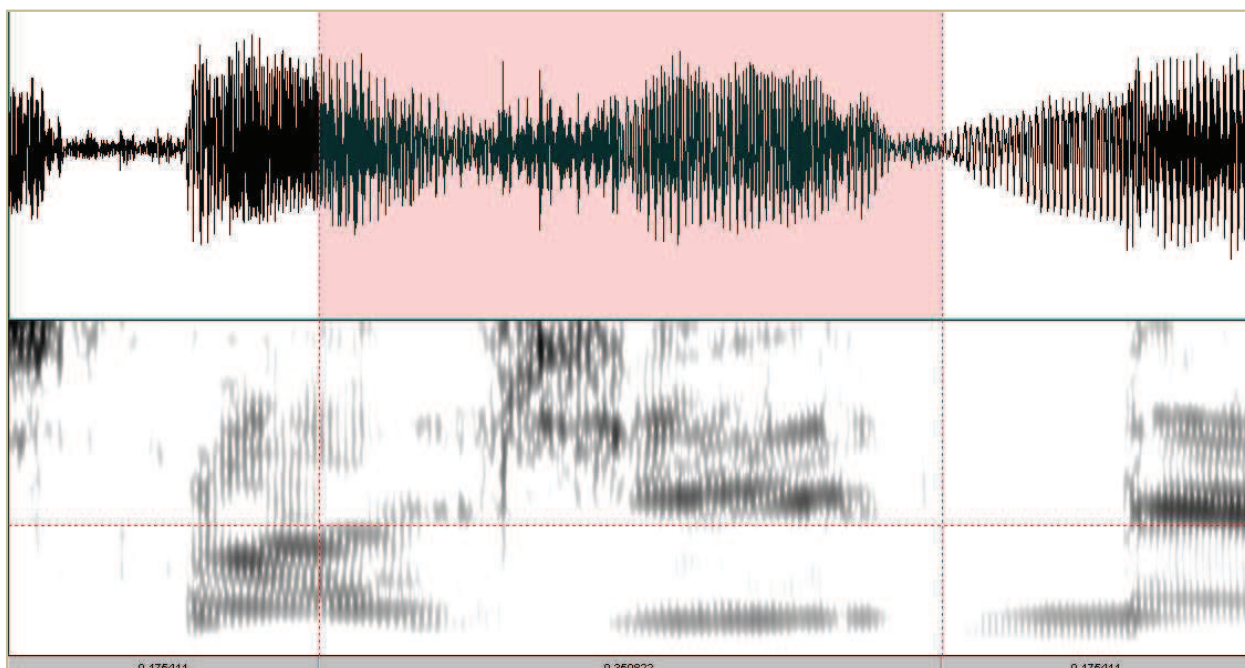


Figura 11 - Forma selecionada: *a gente* [a'ʒẽt] com despalatalização da sílaba final

(62) Quando eu fiz 5ª série, fiz prova... *a gente* [ɐ'ʒẽʃ] fazia prova de seleção... (E10-42MS)

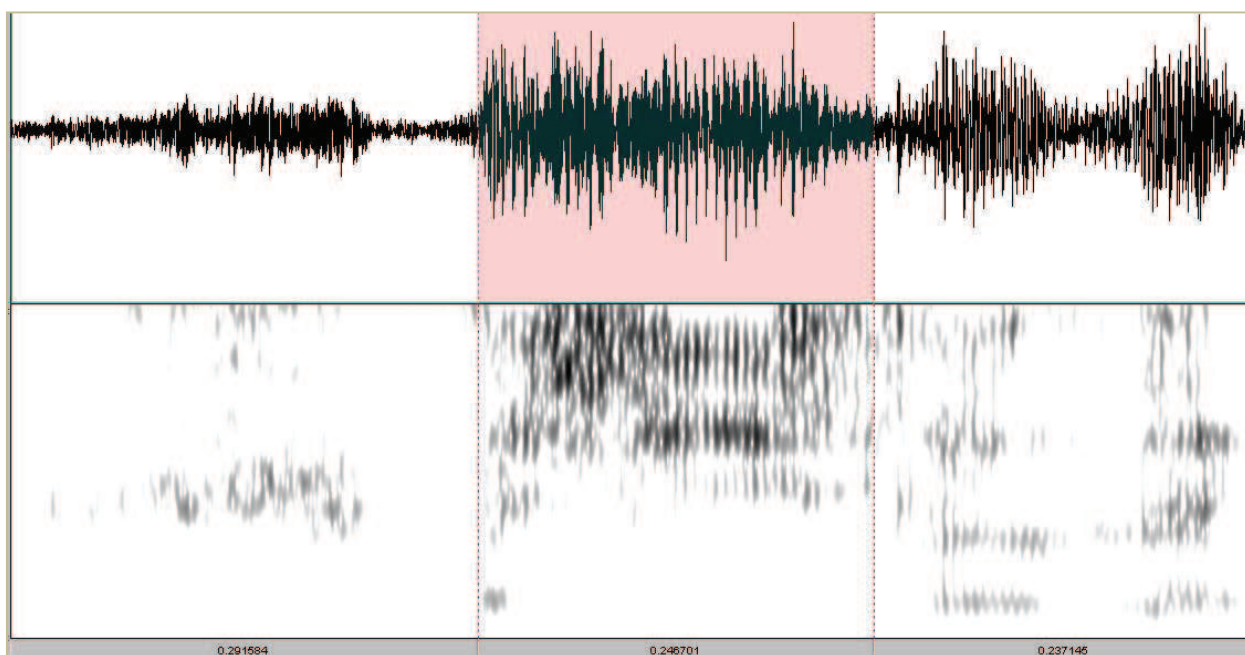


Figura 12 - Forma selecionada: *a gente* [ɐ'ʒẽʃ] com realização da sílaba final como [ʃ]

(63) ... com outros serviços que *a gente* [ə'ʒẽʃi] tem feito. (E10-42MS)

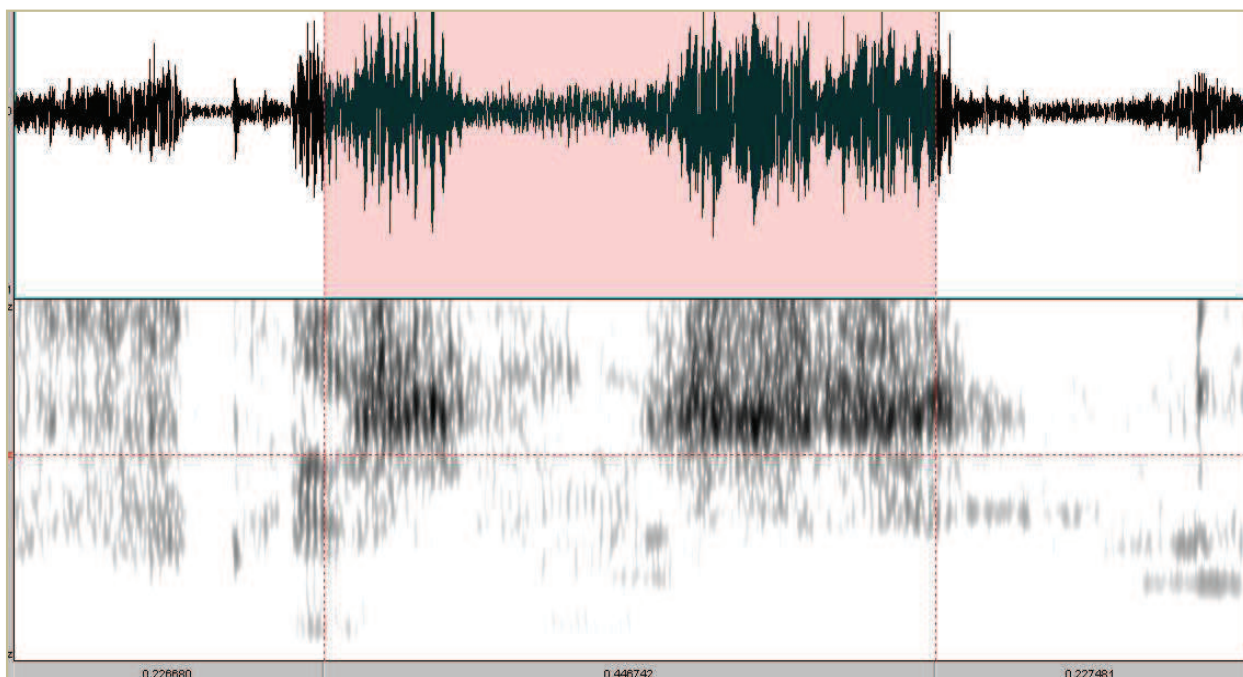


Figura 13 - Forma selecionada: *a gente* [ə'ʒẽʃi] com forte redução de /a/ e não realização de [t]

(64) ... por mais que aconteça as coisas *a gente* [ə'ʒẽʃi] num [ũ]pode deixá que a ... que a infelicidade nos pegue. (E13-74MF)

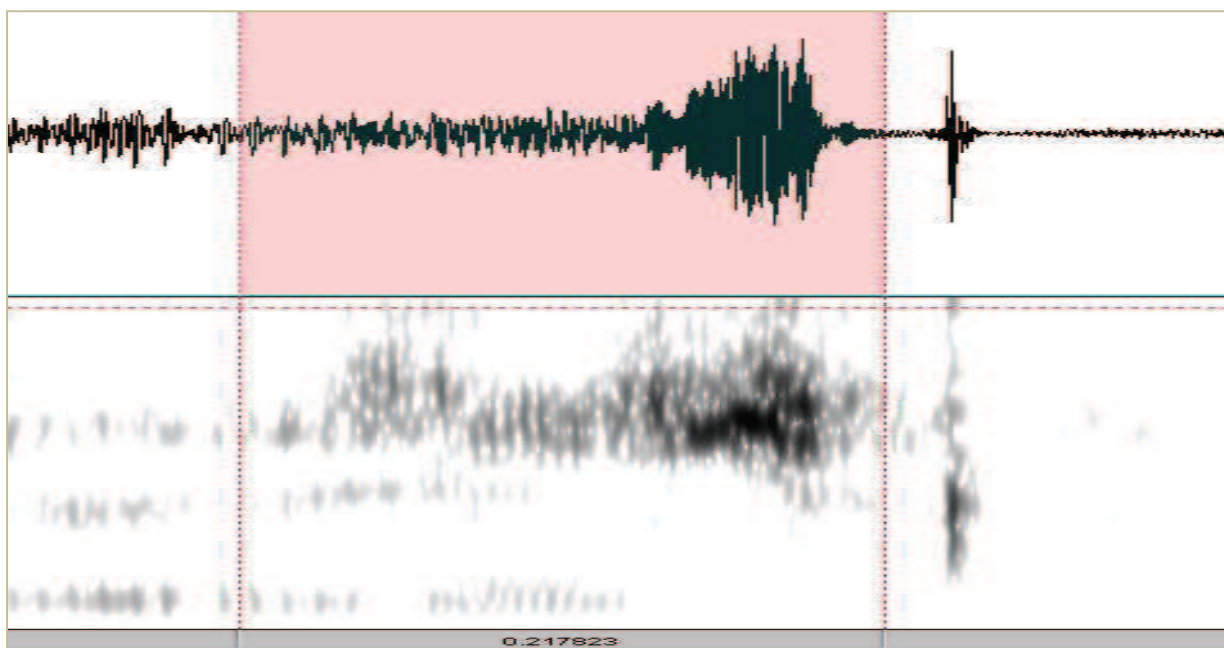


Figura 14 - Forma selecionada: *a gente* [ə'ʒẽʃi] com forte redução de / a / e o fone [t] não se realiza na sílaba final

(65) Que depois nem andá sozim *a gente* [ə'hẽt] passa a num andá mais. (E20-73IF)

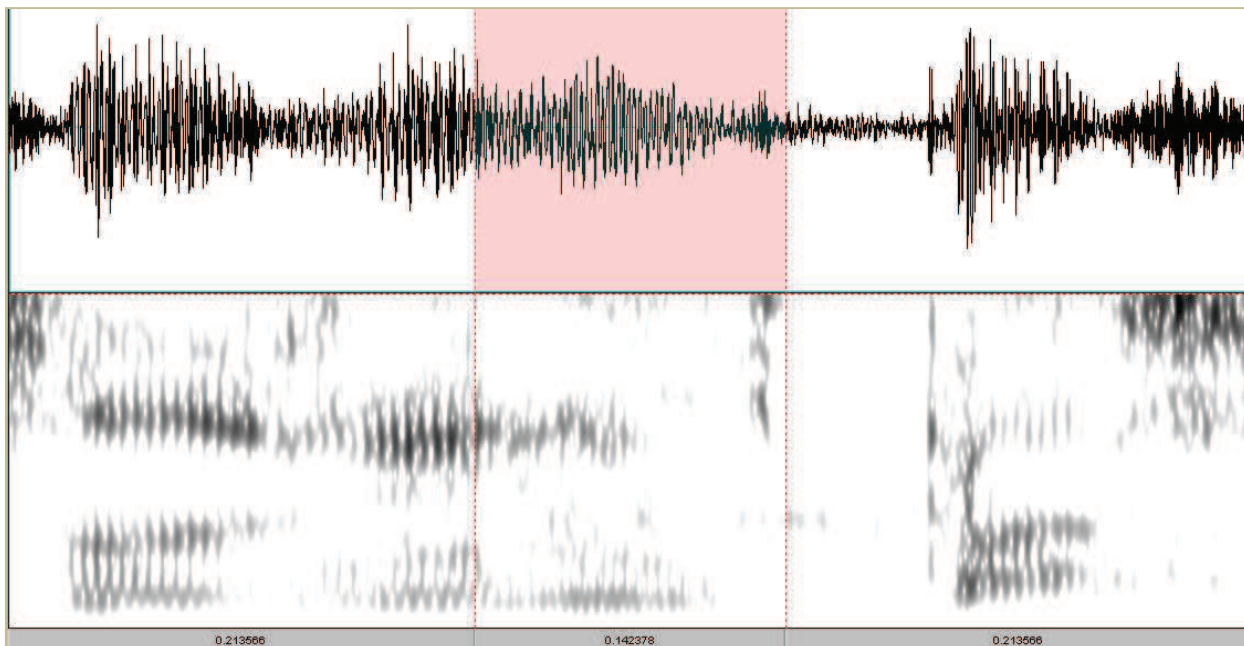


Figura 15 - Forma selecionada: *a gente* [ə'hẽt] com forte redução de /a/, substituição de [ɜ] por [h], e realização da sílaba final como [t]

Essas formas são consideradas plenas porque possuem todos os constituintes fonológicos (ou fonêmicos), apresentando às vezes pequenas alterações (ou reduções) em um constituinte fonético. Por sua vez, as formas consideradas reduzidas apresentam perdas de pelo menos um constituinte fonêmico.

Nas descrições acima, procuramos mostrar também as várias possibilidades de duração dos constituintes fonêmicos da forma plena *a gente*.

Algumas das variantes consideradas reduzidas aparecem exemplificadas abaixo:

(66) ... então assim... tanto que pra *a gente* [v'ʒɛfɪ] tomá banho... (E1-40JS)

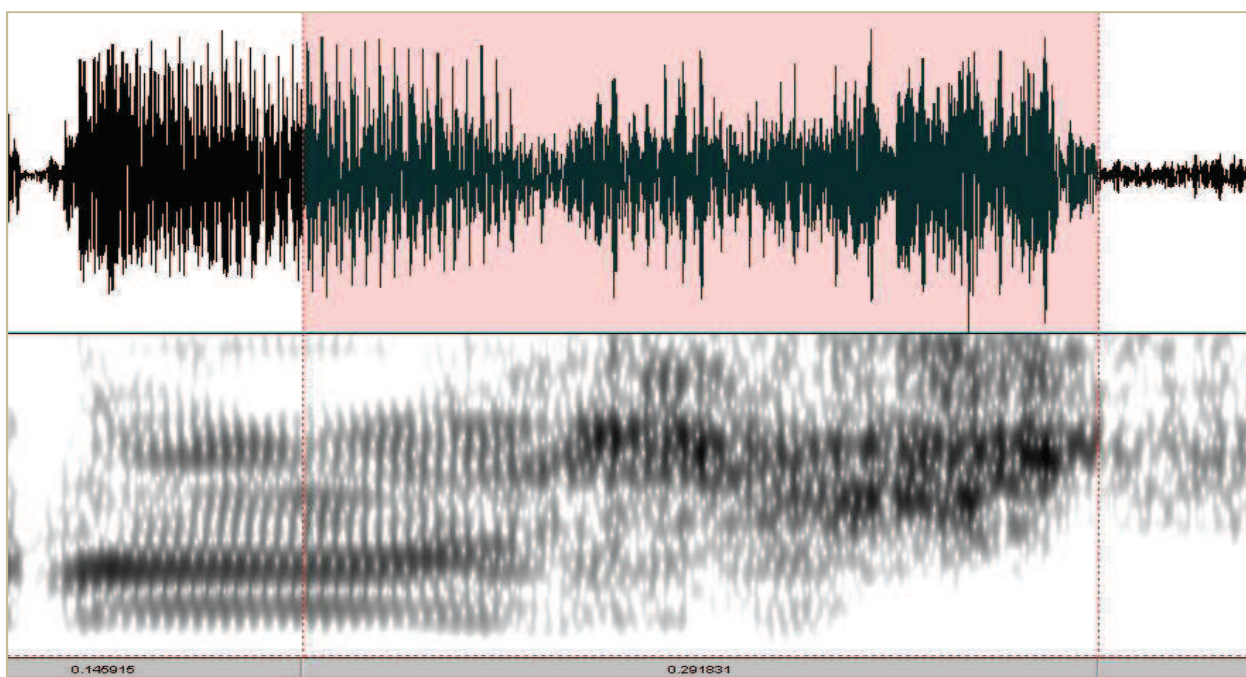


Figura 16 - Forma selecionada: *a gente* [a'ʒɛfɪ] com alteração da vogal [ɛ] para desvozeada e da realização de sílaba final sem [t]

(67) Estacioná tá caro... (risos) num sabe quanto tempo *a gente* [ə'ʒɛʒ] vai ficá... (E13-74MF)

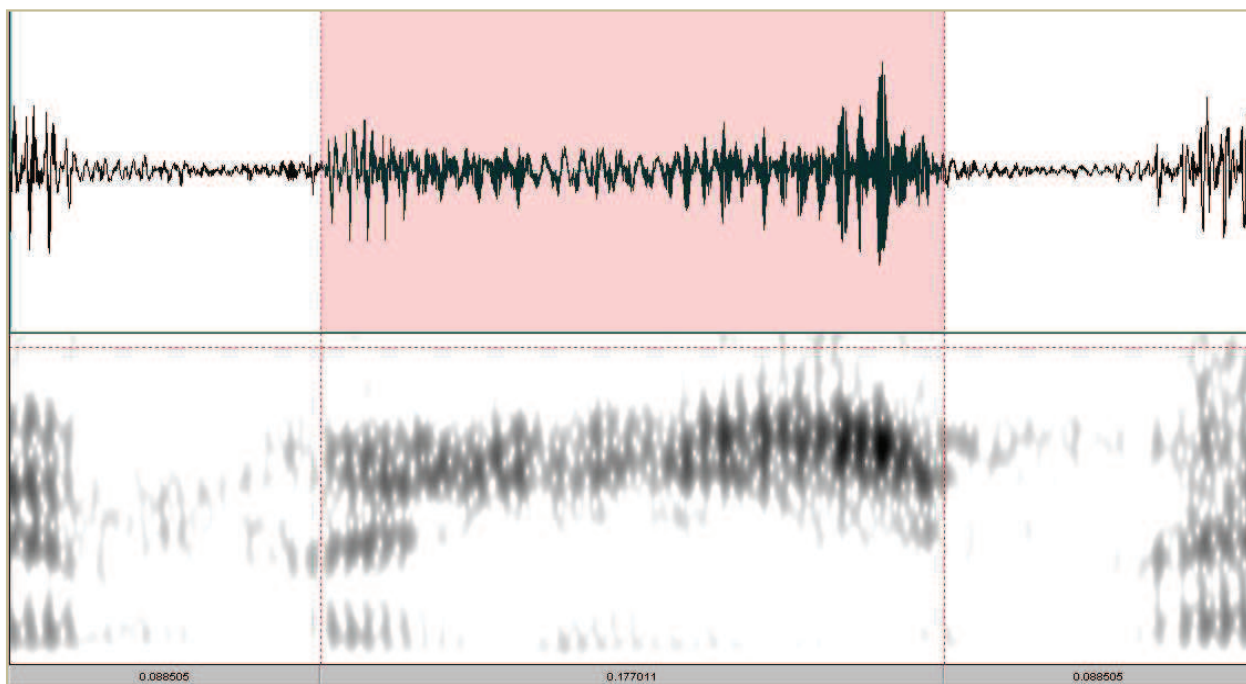


Figura 17 - Forma selecionada: *a gente* [ə'ʒɛʒ] com perda da vogal [ɛ], forte redução de /a/ e vozeamento de [ʒ]

(68) *A gente* [ˈʒẽtʃ]u]s... É... trabalha na parte metalúrgica, com usinagem. (E3-48JF)

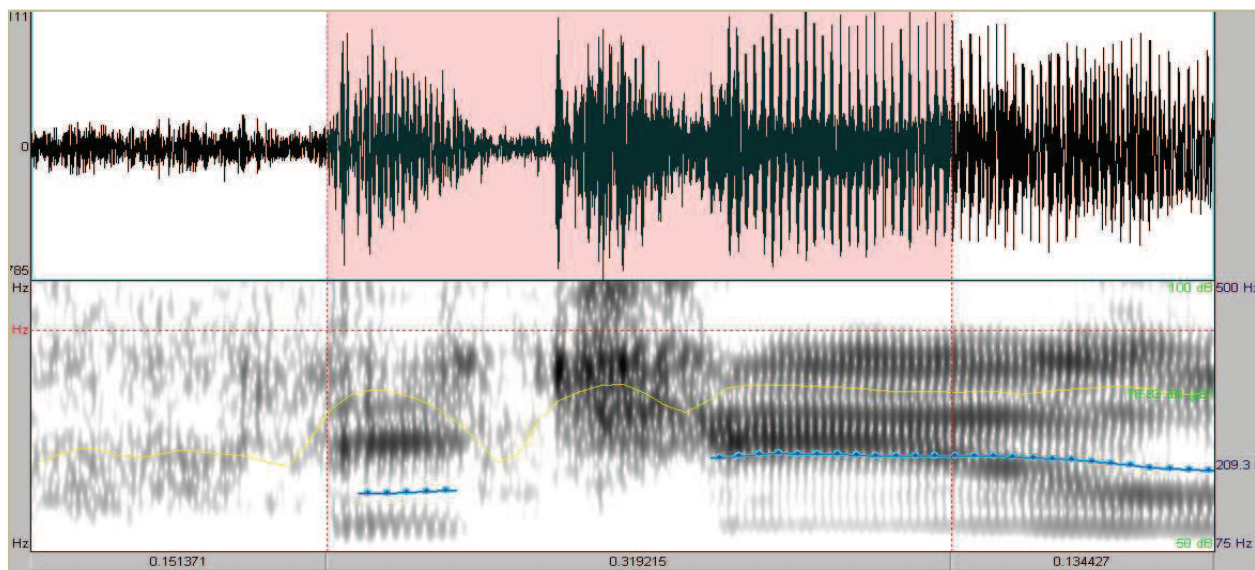


Figura 18 - Forma selecionada: *a gente* [ˈʒẽtʃii] com apagamento de /a/ e realização forte e alongada de /i/

(69) ... porque *a gente* [ˈʒẽtʃ] iscuta isso todos os dias né e num imagina isso acontecenu na... na nossa família. (E8-17JF)

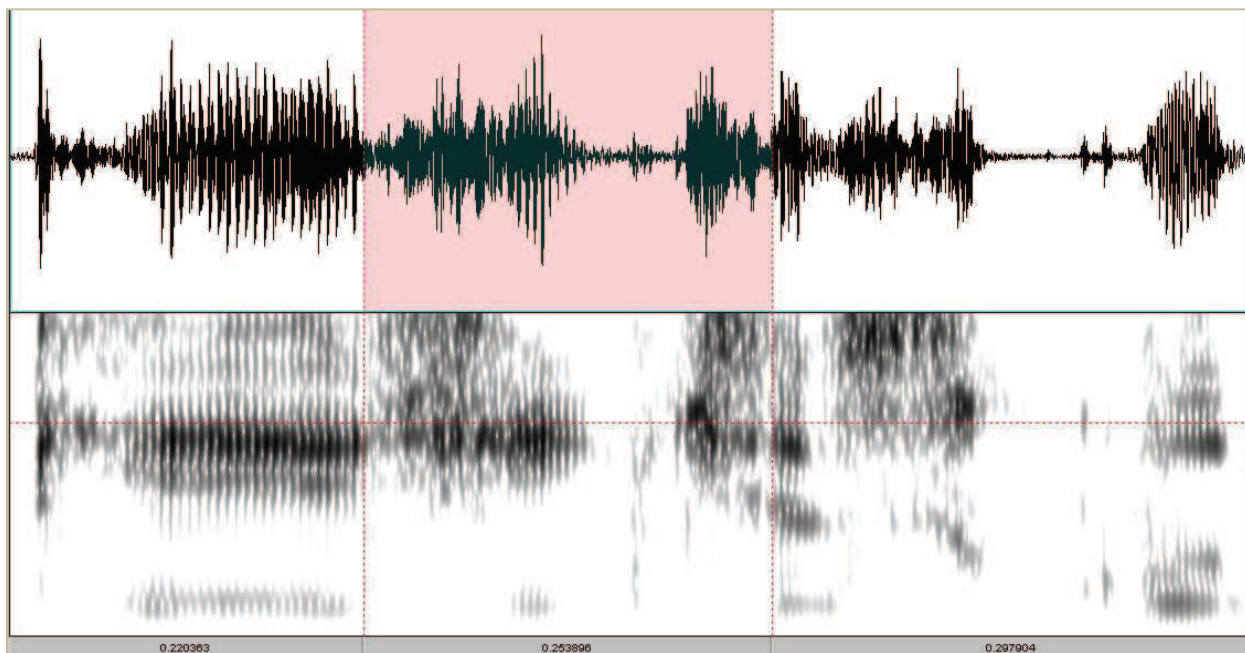


Figura 19 - Forma selecionada: *a gente* [ˈʒẽtʃ] com apagamento de /a/ e /i/ revela-se na estrutura formântica da fricativa pós-alveolar final

(70) Às vez novela, né, quand tem tempo, que *a gente* [a'ʒẽ] trabalha à tarde... (E23-24IF)

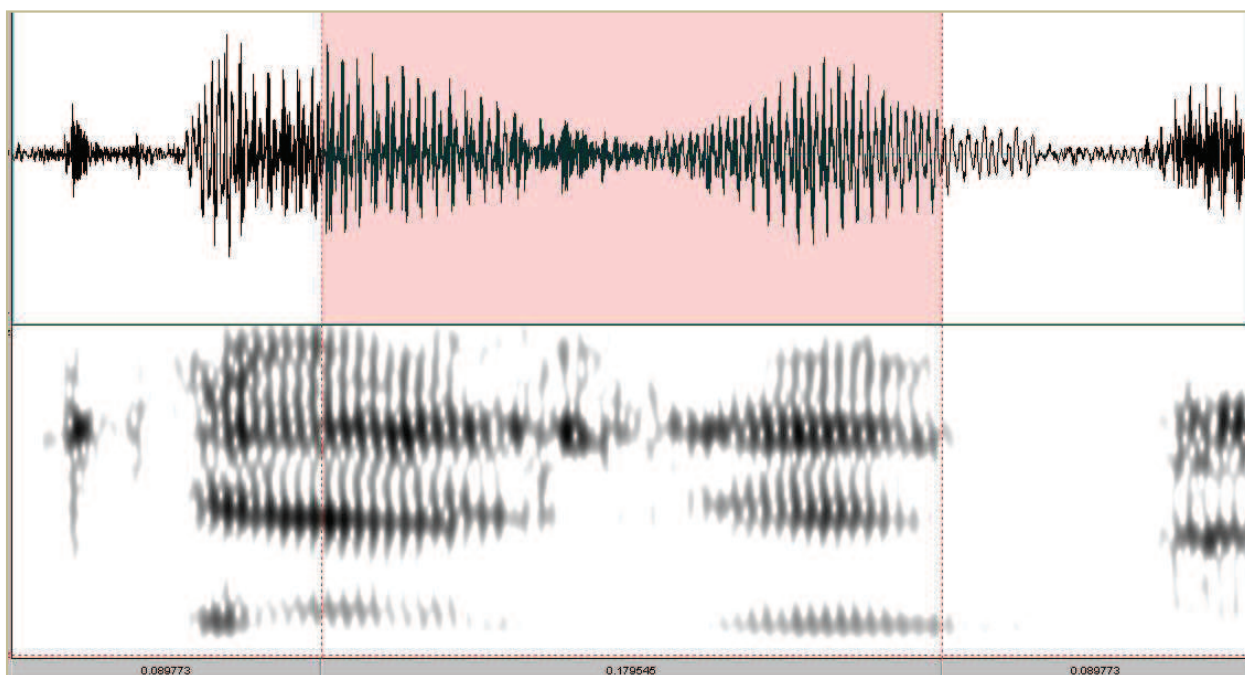


Figura 20 - Forma selecionada: *a gente* [a'ʒẽ] com realização plena de [a] e apagamento da sílaba final

(71) ... *a gente* [a'ʒẽ] sabe que tem escolas que tão judiano de menino... (E6-15JS)

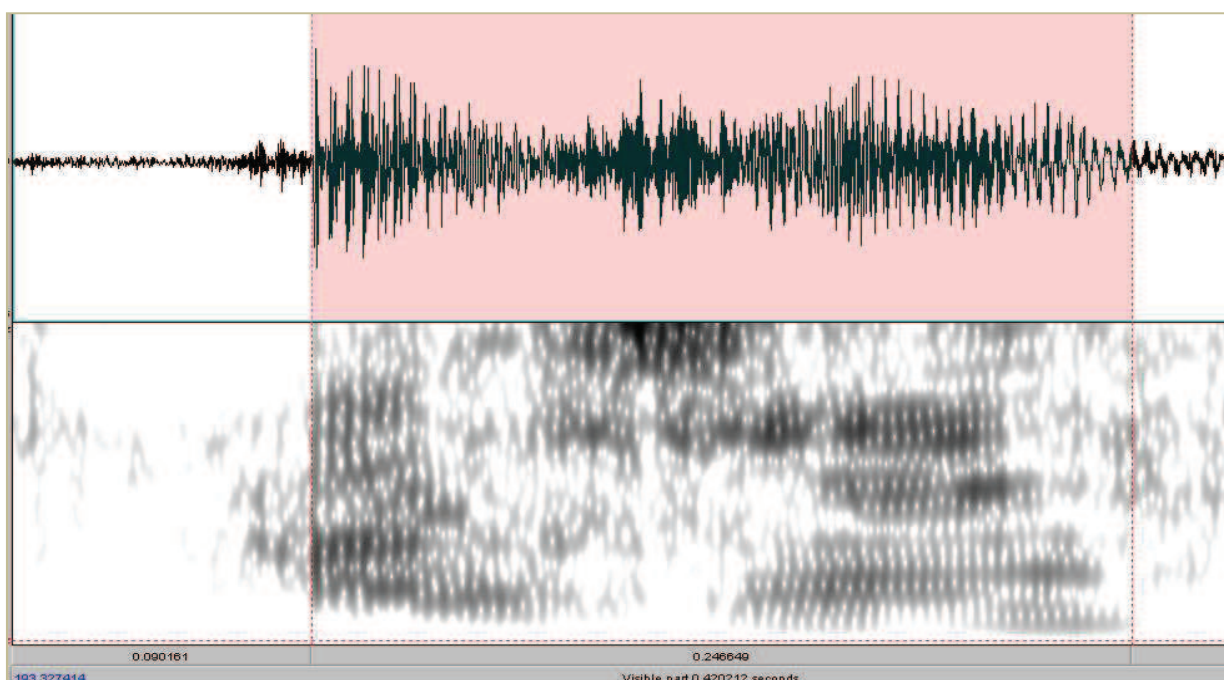


Figura 21 - Forma selecionada: *a gente* [a'ʒẽ] com apagamento da sílaba final

(72) ... se *a gente* [v'hẽ] tem defeito, es tamém tem, né. (E19-1IF)

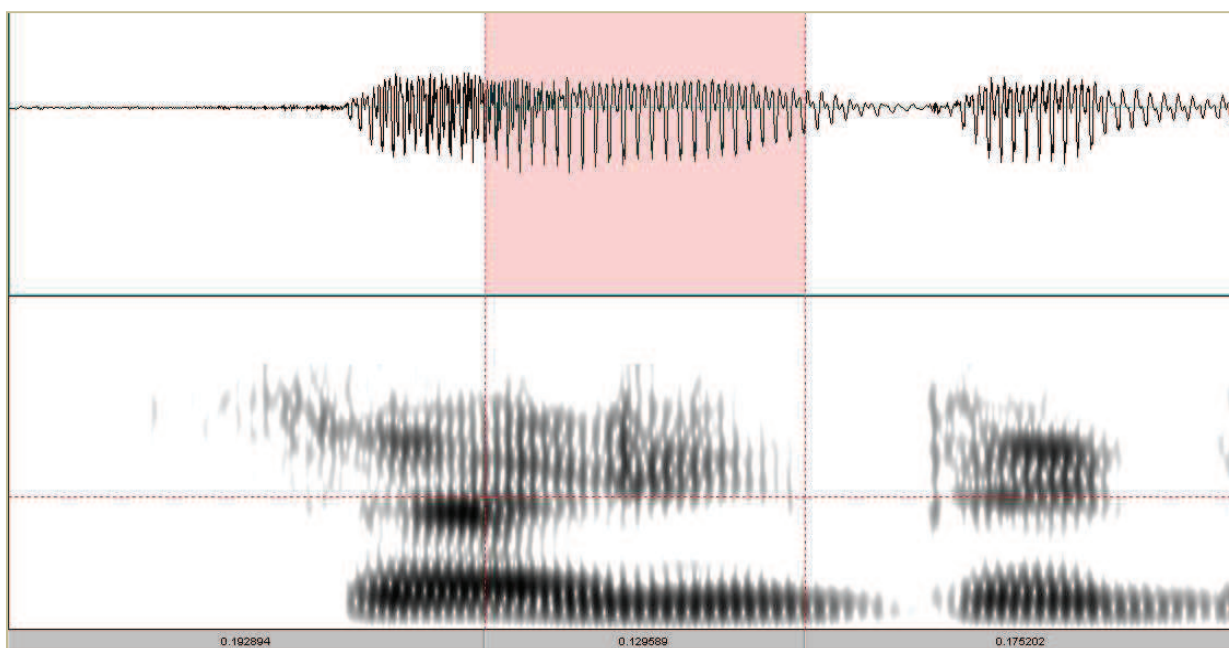


Figura 22 - Forma selecionada: *a gente* [v'hẽ] com substituição de [ɜ] para [h] e apagamento da sílaba final

(73) Porque... *a gente* [ə'hẽ] ... se a gente tem defeito... (E19-1IF)

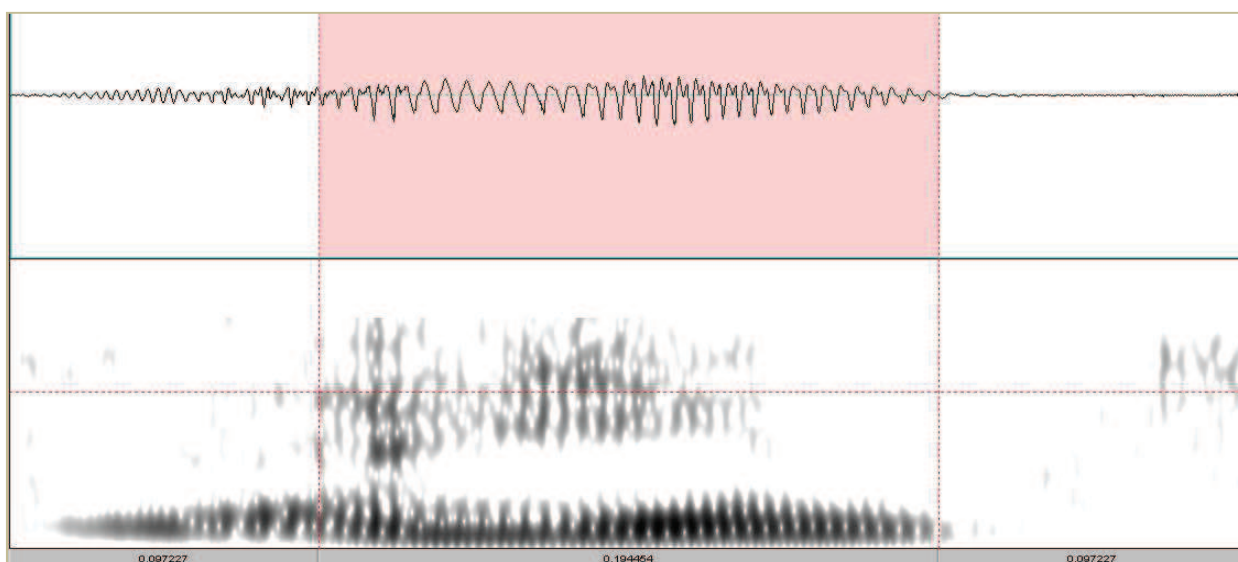


Figura 23 - Forma selecionada: *a gente* [ə'hẽ] com forte redução de [a], substituição de [ɜ] por [h] e apagamento da sílaba final

(74) ... amanhã *a gente* [ɑ'ẽtʃI] vai no Jamil... (E7-61JF)

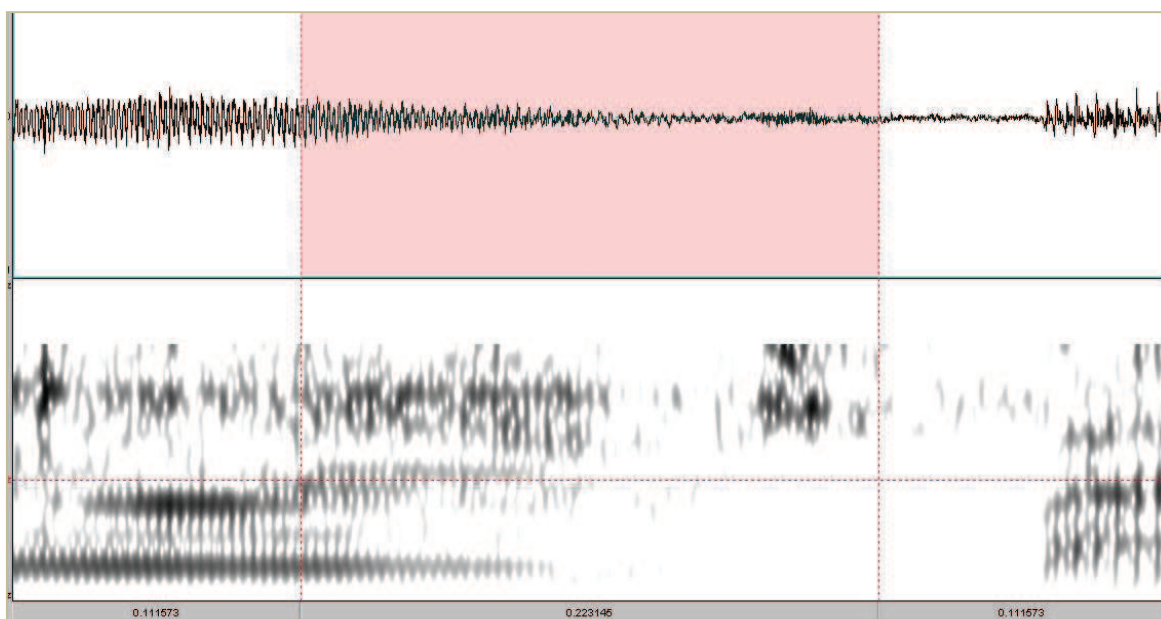


Figura 24 -Forma selecionada: *a gente* [ɑ'ẽtʃI] com leve redução de /a/ e apagamento de [ɜ]

(75) Dinheiro *a gente* [v'ẽtʃ] trabalha... (E20-73IF)

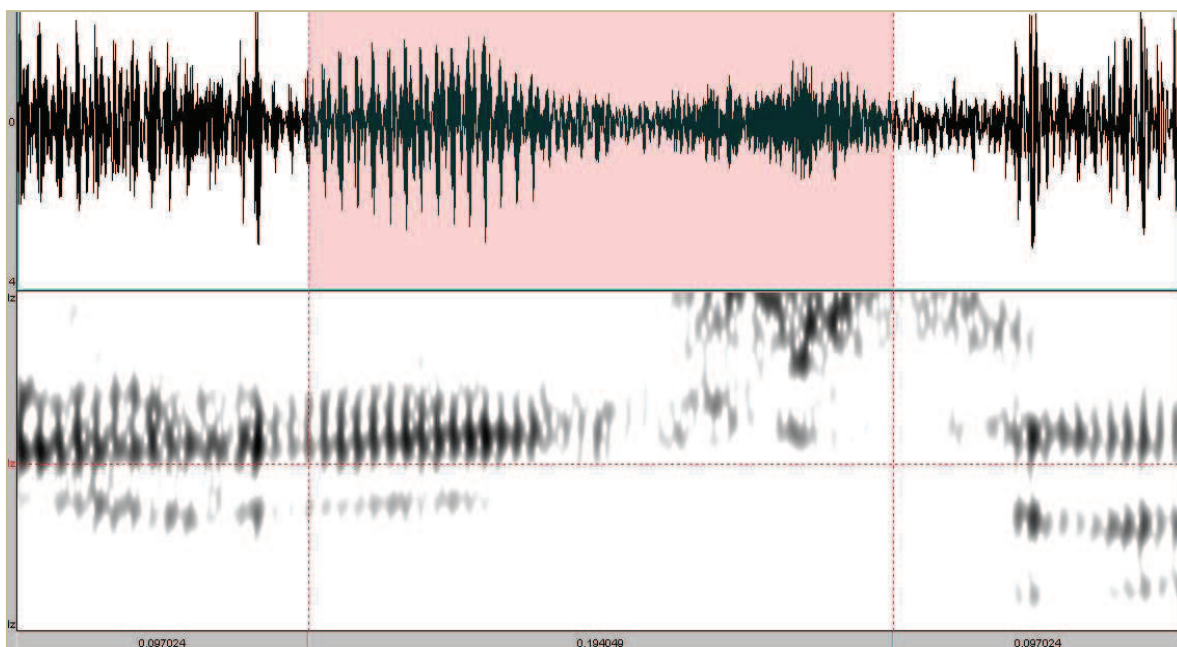


Figura 25 - Forma selecionada: *a gente* [v'ẽtʃ] com apagamento de [ɜ]

(76) ... ou vai redirecioná p'A... p'a gente [ə'ẽʃ] fazê uma reunião e melhorá o processo. (E12-32MS)

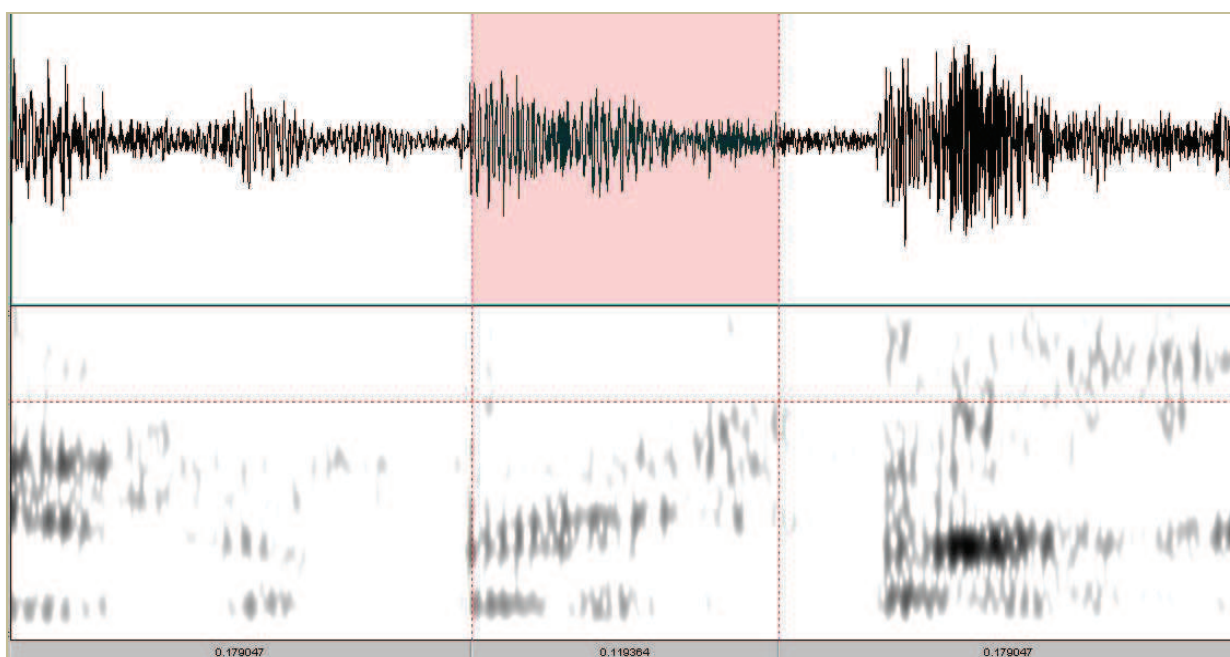


Figura 26 - Forma selecionada: *a gente* [ə'ẽʃ] com forte redução de [a], apagamento de [ʒ], [i] assimilado à fricativa pós-alveolar final e sílaba final realizada como [ʃ]

(77) *A gente* [ˈẽtʃ] pegôoo ... quaRENta e cinco graus. (E7-61JF)

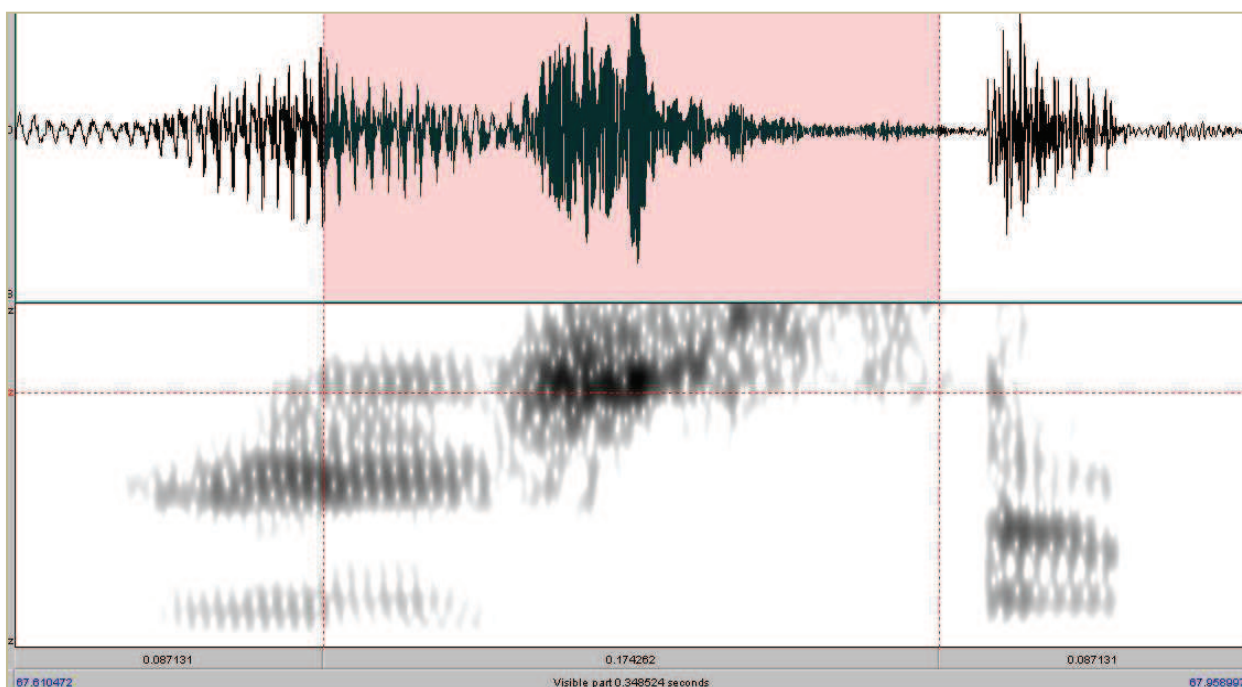


Figura 27- Forma selecionada: *a gente* [ˈẽtʃ] com apagamento de [a] e de [ʒ] e [i] assimilado à fricativa pós-alveolar final

(78) *A gente* [ə'ẽtʃ][I]madurece, né? (E24-19IF)

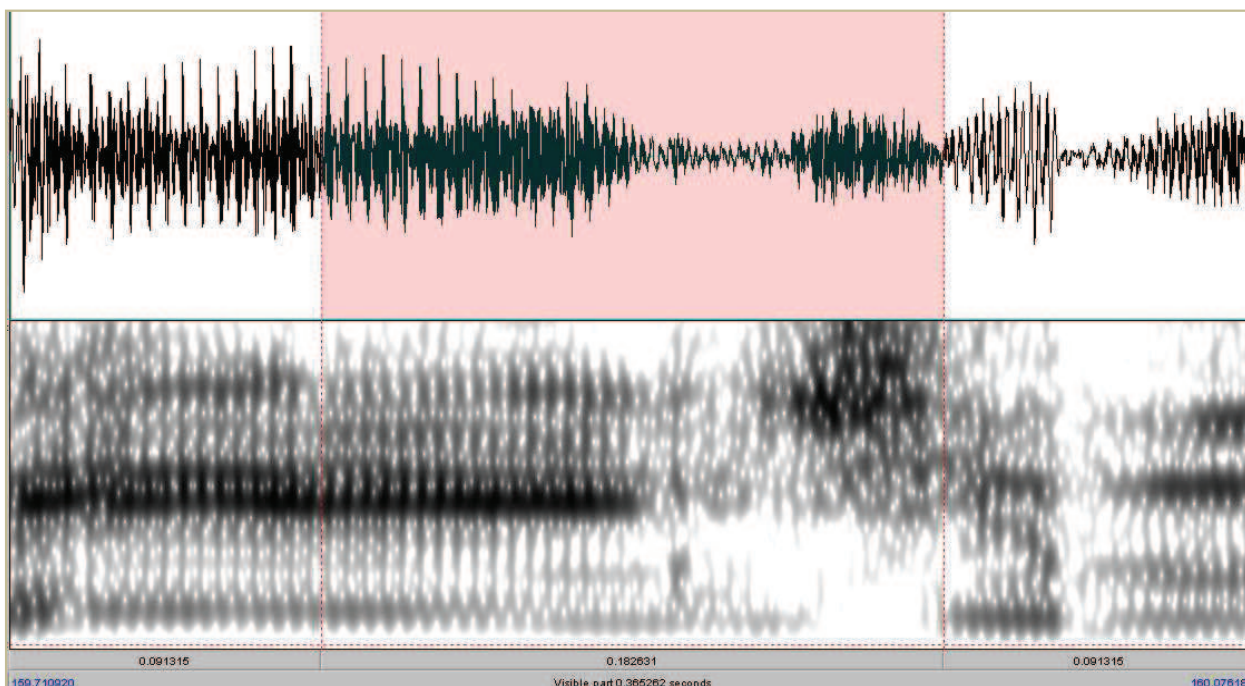


Figura 28 - Forma selecionada: *a gente* [ə'ẽtʃ] com redução forte de /a/ e apagamento de [ʒ]

(79) né ... pela situação que *a gente* [ə'ẽʃ] tá passanu agora... (E24-19IF)

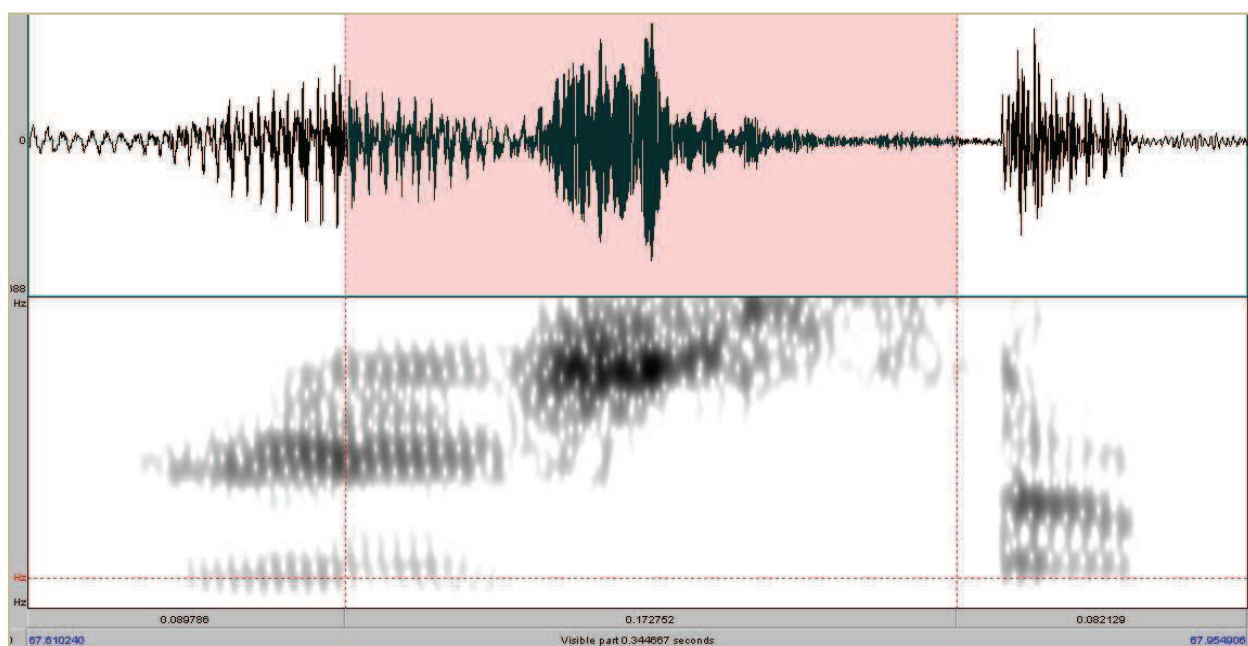


Figura 29 - Forma selecionada: *a gente* [ə'ẽʃ] com apagamento de [a], apagamento de [ʒ] e realização da sílaba final como [ʃ]

(80) Dinheiro *a gente* trabalha... *a gente* [ə'ẽ] consegue otro. (E20-73IF)

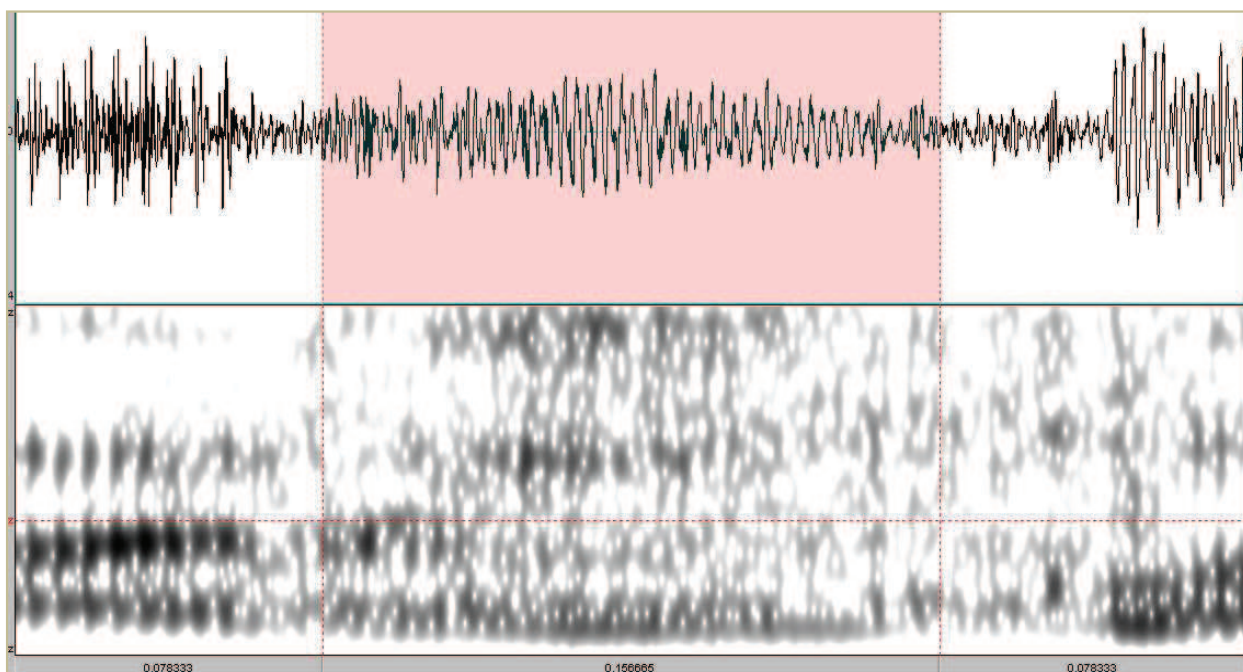


Figura 30 - Forma selecionada: *a gente* [ə'ẽ] com redução forte de [a], apagamento de [ɜ] e apagamento da sílaba final

(81) Então era uma... *a gente* [ʔẽf] era muito cobrado.. (E10-42MS)

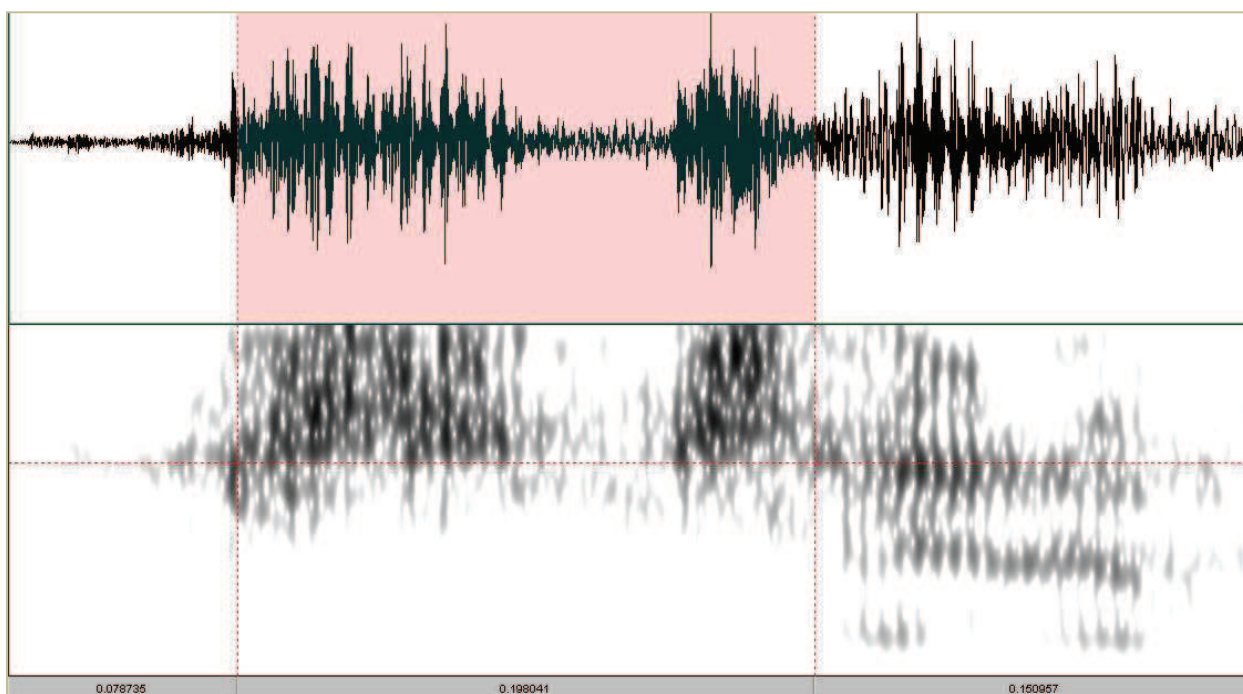


Figura 31- Forma selecionada: *a gente* [ʔẽf] com apagamento de [a], e realização de sílaba final como [f]

(82) *Aí... a gente* [ˈʒẽ] sorteia... (E9-28MS)

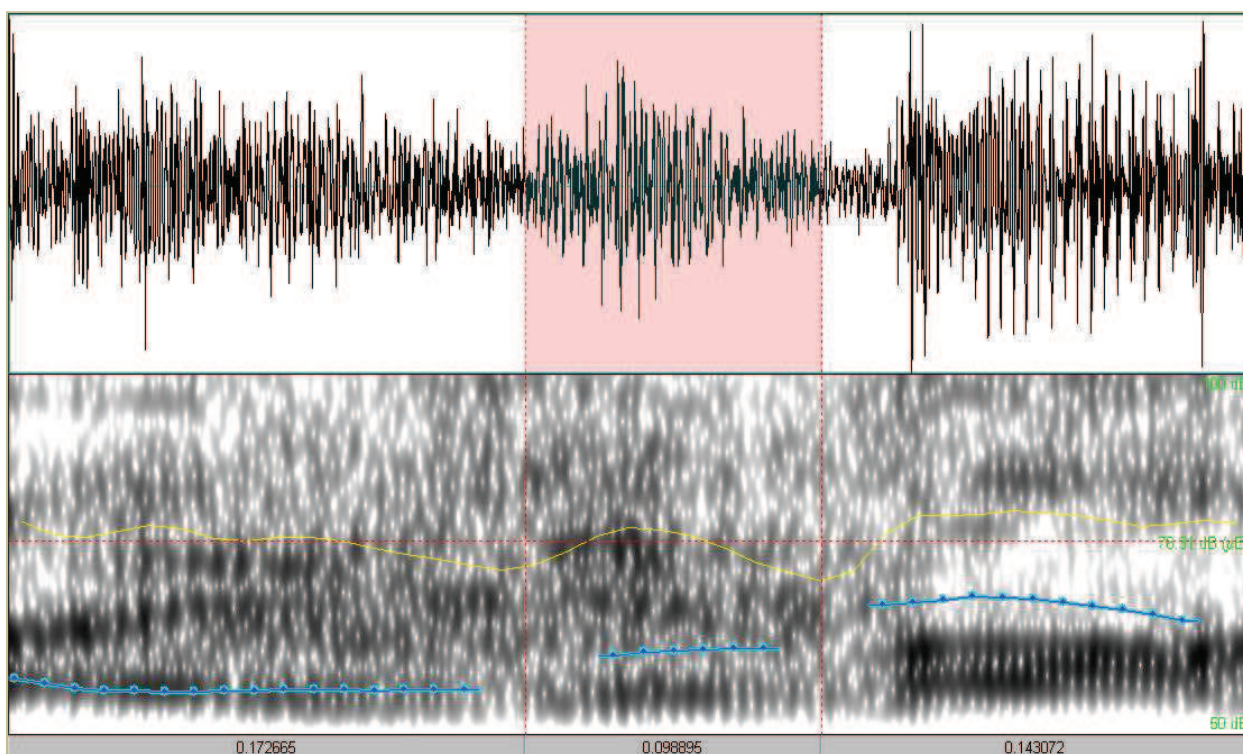


Figura 32 - Forma selecionada: *a gente* [ˈʒẽ] – em frase curta com apagamento de [a] e apagamento de sílaba final

(83) ... *a gente* [ˈʒẽ] sorteia pra cada sala um tipo de cesta, né? (E9-28MS)

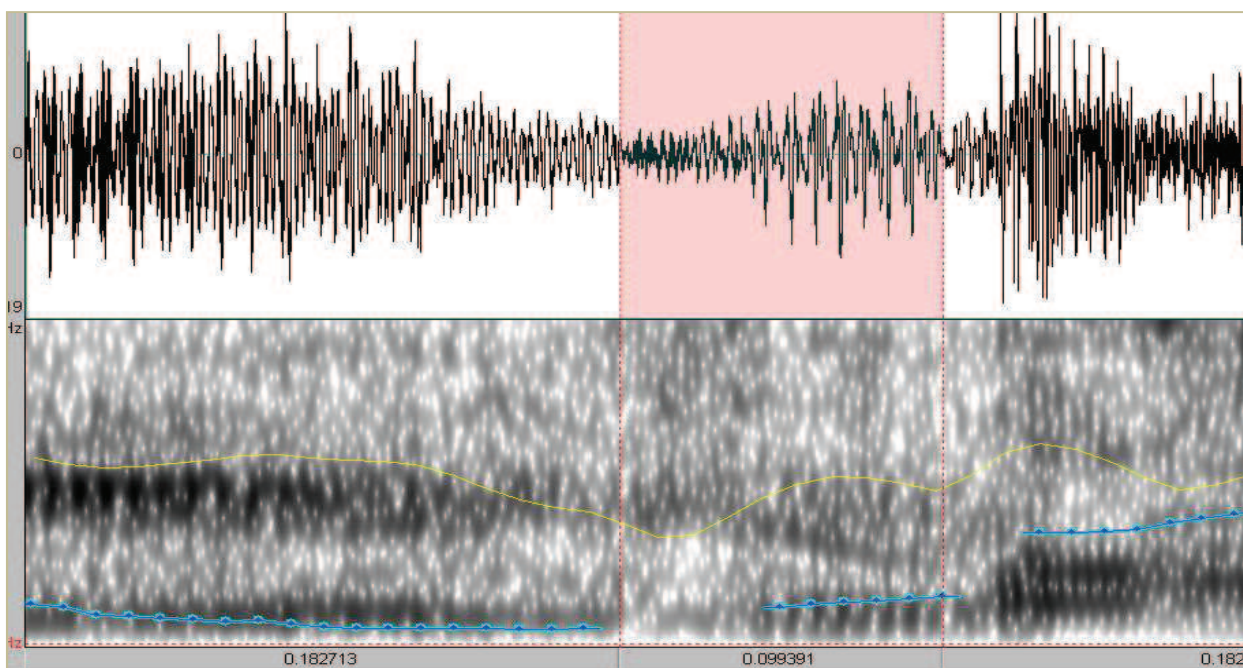


Figura 33 - Forma selecionada: *a gente* [ˈʒẽ] – frase longa com apagamento de [a] e apagamento de sílaba final

Buscamos acima uma apresentação dos dados que proporcionasse a visualização do fenômeno da perda de massa fonética, a qual defendemos que constitui um *continuum*, conforme nossa visão de *mudança* linguística como gradual.

Das formas observadas acima, levantamos a hipótese de que a forma *a gente* realiza seu ciclo de *gramaticalização*. Originada, conforme já foi dito em seções anteriores, no latim *gen(s)*, *gentis* que, inicialmente significa ‘raça’, ‘família’, ‘tribo’, ‘o povo de um país, comarca ou cidade’, (cf. Lopes, 1999, p.77); a forma *gen* [‘zê], sem o [a] inicial _ o qual ainda se constituía como um vestígio da forma determinante *a* (originado por sua vez do latim *illa* > *la* > *a*)_ passa a ocupar isoladamente o núcleo de DP. Discussão feita no Capítulo III.

2.3.3. Variáveis independentes

Para verificação do comportamento de formas plenas e reduzidas de *a gente* quanto a fatores linguísticos e sociais que favorecem ou restringem-lhe a ocorrência foram analisadas variáveis linguísticas e extralinguísticas, apresentadas a seguir.

2.3.3.1. Variáveis linguísticas

I. Tipo de referência: específica / não-específica

II. Tipo de fonema precedente: vogal; consoante; nada disso

III. Tonicidade silábica precedente: tônica; átona; pausa

IV. Tipo de oração: não-encaixada; encaixada

V. Tipo de fonema seguinte: vogal; consoante; nada disso

VI. Tonicidade silábica seguinte: sílaba tônica; sílaba átona, pausa

VII. Função sintática: sujeito; objeto de preposição; objeto de 'V'; nada disso

VIII. Realização de 'a' [\pm a]

2.3.3.2. Variáveis Extralinguísticas (ou sociais)

IX. Faixa Etária: Jovens (18 a 35 anos); Medianos (36 a 50 anos); Idosos (> 50)

X. Escolaridade: Fundamental; Superior

2.4. Correlatos acústicos

Para a análise da *duração* das formas de *a gente* foi feita identificação de seus correlatos acústicos através da observação dos valores de duração de cada forma plena ou reduzida encontrada.

Conforme visto no experimento realizado por Vitral, Ciríaco & Reis (2004), formas plenas e reduzidas apresentam-se acusticamente distintas quando analisada a

sua frequência. Tendo-se em vista a obtenção dos valores de duração (ms) de cada forma encontrada, todas as formas plenas e reduzidas observadas durante segmentação foram mensuradas e os valores foram extraídos. Desse modo, as médias de duração puderam ser aferidas; e serão apresentadas na seção dos resultados da análise (seção 3.2.1., Capítulo III).

2.5. A codificação dos fatores

Visando-se à obtenção de valores quantitativos através do programa de análise multivariada Goldvarb 2001 (Tagliamonte & Lawrence, 2001) os fatores receberam codificação para a análise *em tempo aparente*.

2.6. Hipóteses

Este trabalho tem por hipótese geral:

I. A continuidade da gramaticalização da forma *a gente* resulta da atuação de forças que poderão ser observadas levando-se em consideração os módulos do Léxico e da Sintaxe, além do módulo da Fonologia e da Semântica.

A análise quantitativa empreendida teve como propósito verificar as seguintes hipóteses específicas:

(A) A cliticização de *a gente* será evidenciada por perdas graduais de seus constituintes fonêmicos.

(B) Caso as formas reduzidas de *a gente* sejam resultantes de processo fonológico em nível segmental (elisão, degeminação ou haplologia) só haverá reduções em contextos favoráveis;

(C) Caso as reduções de *a gente* resultem de um processo de cliticização, haverá reduções também em contextos não favoráveis ou restritivos;

(B) Se as formas reduzidas de *a gente* resultarem de erosão fonêmica interna (sândi interno) não serão clítics, do contrário, se ocorrerem na relação entre palavras (sândi externo), serão clítics;

(E) Se as formas reduzidas de *a gente* forem clítics, não ocorrerão em posição (i) pós-verbal; (ii) posposto; (iii) preposto (ou topicalizado); (iv) complemento de preposição; (v) em coordenação;

(F) Caso as formas reduzidas de *a gente* sejam clítics, apresentarão perda de conteúdo semântico;

(G) Caso se trate de um processo de cliticização estigmatizado, o fator escolaridade mostrará maiores ocorrências de formas reduzidas no nível fundamental.

(H) Se for maior o índice de uso de formas clítics de *a gente* entre os jovens, as formas reduzidas de *a gente* serão inovadoras, ou seja, estará havendo *mudança em progresso*.

2.7. Critérios de análise adotados

A análise quantitativa dos dados teve embasamento nos pressupostos teóricos da Teoria da Variação, segundo a qual, como é sabido, a língua é inerentemente heterogênea e variável e passível de sistematização por fatores linguísticos e extralinguísticos (cf. Weinreich, Labov & Herzog, 1968, p. 187-88).

O primeiro fator estrutural testado foi *referência*, uma vez que, a partir do ciclo da gramaticalização de Hopper e Traugott (1993), há a expectativa de que haja concomitância entre a perda de referencialidade da forma em mudança e a perda de

massa fonética. Faz-se necessário, portanto, o esclarecimento do que se está chamando de referência [\pm específica] ou [\pm genérica] neste trabalho. “A referência é exatamente o objeto alcançado no mundo, quando você usa a expressão da língua para se referir a esse objeto específico.” (Cançado. 2005:78, *apud* Souza, 2007: 16). Na concepção usada por Cançado, a referência tem uma dependência direta com o enunciado, visto que é pela referência que a relação *língua – mundo* é estabelecida.

Lyons (*apud* Cançado, op. cit., p. 79), postula que a referência pode ser definida ou indefinida. A referência definida pode ser ‘singular’ ou ‘não-referenciada’. A primeira é a referência de sintagmas nominais definidos (tanto os ‘descritivos’, quanto os nomes próprios e o constituído por pronomes pessoais dêiticos), já a segunda é a referência de sintagmas nominais não-referenciados (são ‘definidos’ por ocorrerem como complemento do verbo ser). Por sua vez, a referência indefinida pode ser específica ou não-específica. A referência indefinida é específica quando refere-se a um único indivíduo da espécie, apesar de o enunciado não permitir sua identificação. Se, por outro lado, a referência indefinida dá-se em relação a qualquer indivíduo da espécie, então é não-específica. Neste caso, tem-se a denominada referência ‘genérica’: “uma proposição que diz alguma coisa não sobre um indivíduo específico, ou sobre um grupo de indivíduos, mas a referência se estende à classe dos indivíduos como um todo” (Souza, 2008:18). Por sua vez, Oliveira (2001) denomina de ‘intensão’ à referência específica, menos genérica e de ‘extensão’ à referência menos específica, mais genérica.

Neste trabalho esse fator foi codificado e quantificado em referência [específica] e [não-específica], em conformidade com Oliveira (2001).

I. Tipo de referência:

a) específica

(84)a. ... acho que é super legal *a gente* [e'ʒẽ] tá manten' isso. (E6-15JS)

b. Mas *a gente* [ə'ʒẽtʃ] qué... nós queremos realizá... (E1-40JS)

b) não-específica

(85) a. Tanta... tanta indiferença social que *a gente* [e'ʒẽtʃI]vê, né? (E3-48JF)

b. *A gente* [ʒẽtʃI] cansa de vê aí nos noticiários os filhim de papai...
(E3-48JF)

Com o tipo de referência não-específica é possível a paráfrase da ocorrência (85.a) acima com recursos que revelam a indeterminação⁴⁶, ou seja, com o clítico *se*, com a 3ª. pessoa do plural, ou ainda com um pronominal vazio de 3ª. pessoa do plural:

(86)a. Tanta... tanta indiferença social que *se* vê, né?

b. Tanta... tanta indiferença social que *veem*, né?

c. Tanta... tanta indiferença social que *a pessoa* vê, né?

⁴⁶ Critério utilizado em Ramos (1997) e Correa (2002).

A quantificação desse primeiro fator visa a verificarmos se formas reduzidas de *a gente* no dialeto mineiro tendem a apresentar menos especificidade, conforme previsto por Meillet (1948)⁴⁷, que considera que há concomitância entre a redução fonológica e o grau de referência de uma forma, ou seja, propõe que quanto maior a redução fônica de um item, maior sua perda semântica.

O segundo e o terceiro fatores testados referem-se ao *Contexto fonológico anterior*. A partir da mensuração das formas plenas e reduzidas de *a gente* pôde ser observado que todos os seus constituintes fonêmicos são passíveis de sofrerem perdas graduais. Conjecturou-se então que estas perdas poderiam estar relacionadas aos contextos fonológicos (anterior e posterior). Procedeu-se, inicialmente, à observação desse fator dividido em dois subfatores: *II. Tipo de fonema precedente* e *III. Tonicidade silábica precedente*, tendo-se em vista a hipótese de que a presença de certos tipos de fonemas (vogais, consoantes) ou a ausência deles (pausa); ou de certos tipos de sílabas (átona, tônica), ou de sua ausência (pausa), favoreceria ou restringiria a ocorrência de formas reduzidas devido à atuação de algum processo fonológico.

II. Contexto Fonológico Anterior

2. Tipo de fonema precedente

2.a) vogal

(87) a. E *a gente* [e'ʒɛt] saiu do mato, do acampamento e foi pra... (E4-5JF)

b. E *a gente* [əʒɛ] chegô a cidade e acampô... (E4-5JF)

⁴⁷ Meillet foi o primeiro a falar em concomitância, mas também Lehmann (1982) o faz.

2.b) consoante

(88) a. Porque na particular é muito difícil p'*a gente* [ʒẽʃ] mantê um filho na
 iscola pub... particulá. (E15-2MF)

b. ...aí eu acho que é uma oportunidade d'*a gente* [αʒẽtʃi] tá
 compartilhando... (E6-15JS)

2.c) pausa

(89) a. ... É... Tem que fazê tudo rápido... *a gente* [vʒẽʃ] acaba perdeno isso.
 (E1-40JS)

b. ... assim... *a gente* [ʒẽ] tá ven' uma televisão junto... (E6-15JS)

III. Tonicidade silábica precedente

3.a) sílaba tônica

(90) ...aqui *a gente* [əʒẽtʃ] tem um emprego, né... (E23-24IF)

3.b) sílaba átona

(91) ... e não deveria estar pagando pelo... que *a gente* [vʒẽtʃ] recebe.
 (E18-13IS)

3.c) pausa

(92) ... *a gente* [v'ẽ] consegue otro. (E20-73IF)

O quarto fator analisado foi *Tipo de oração*: não-encaixada (coordenada, absoluta ou principal) ou encaixada (subordinada). Consta na literatura sociolinguística (cf. Labov, 1972; 1994; 2001) que formas inovadoras inicialmente ocorrem nas orações principais, em seguida, espriam-se para as orações encaixadas. Por sua vez, na literatura de aquisição da língua (cf. Lightfoot, 1979, 1999) consta que primeiro as formas inovadoras aparecem nas orações principais, visto que as orações encaixadas são adquiridas pelos indivíduos mais tardiamente. Desse modo, se levarmos em consideração que a forma *a gente* é uma forma inovadora no dialeto mineiro em relação à forma conservadora *nós* (cf. MAIA, 2003) e que, por sua vez, formas reduzidas já atestariam uma nova etapa na gramaticalização de *a gente*, passando a ocupar o lugar de forma inovadora, esperamos que seja significativo o índice de ocorrência de formas reduzidas em orações principais, o que será evidência da implementação do processo de *cliticização*.

IV. Tipo de oração

4.a) não-encaixada

(93) Quando a idade fô... fô avançano... *a gente* [a'ʒët] já num tem condição de andá sozim... (E20-73IF)

4.b) encaixada

(94) Eu sei o que é isto porque *a gente* [e'ʒëtʃI] não... eu não durmo direito... (E22-29IS)

O critério utilizado para a codificação em oração *não-encaixada* e *encaixada* foi tão somente a presença de complementizador (*que*) embora não sejam desconhecidos os estudos sobre as *orações desgarradas* (cf. Decat, 2004), tampouco os graus de dependência para se classificar orações (cf. Gonçalves *et alii*, 2007, p. 133-156).

O quinto e o sexto fatores verificados referem-se ao *Contexto Fonológico Seguinte*: *V. Tipo de fonema seguinte* e *VI. Tonicidade silábica seguinte*. Buscamos verificar se a presença de certos tipos de fonemas (vogais, consoantes) ou a ausência deles (pausa); ou de certos tipos de sílabas (átona, tônica) ou de sua ausência (pausa), favoreceria ou restringiria a ocorrência de formas reduzidas.

A observação do fator *V. Tipo de fonema seguinte* visa a verificar-se se as formas reduzidas de *a gente* resultam diretamente de processos fonológicos (como degeminação, elisão ditongação ou haplologia⁴⁸). Caso o sejam, faz-se ainda importante observarmos se esses processos ocorrem em nível de morfema (sândi interno) ou de palavra (sândi externo). Isto porque, caso esses processos se deem no nível da relação de palavra serão indicativos de que as formas reduzidas de *a gente* são clíticas.

A observação desses fatores visam, pois, à verificação de possíveis ocorrências de sândi (“modificações fonológicas resultantes da justaposição de palavras” (cf. Collischonn, 2007, p. 212)). O sândi dá-se na relação entre fonemas de final/início de palavra. No caso deste trabalho, verifica-se esse processo entre os fonemas finais da forma *a gente* e o início da palavra seguinte. O sândi leva à reestruturação da palavra, que se manifesta no nível do acento secundário⁴⁹.

A partir dos dados analisados, podemos ilustrar os seguintes casos:

⁴⁸ Reconhecemos que a haplologia é um processo diferenciado da elisão e da degeminação (cf. Collischonn, 2007, p.220-223), por não gerar a reestruturação da sílaba, mas sua perda, o que é alvo deste trabalho.

⁴⁹ Essa questão será retomada na seção seguinte à análise dos dados.

(95) *A gente* [‘zẽtʃI]u]s... É... trabalhá na parte metalúrgica, com usinagem.
(E3-48JF)

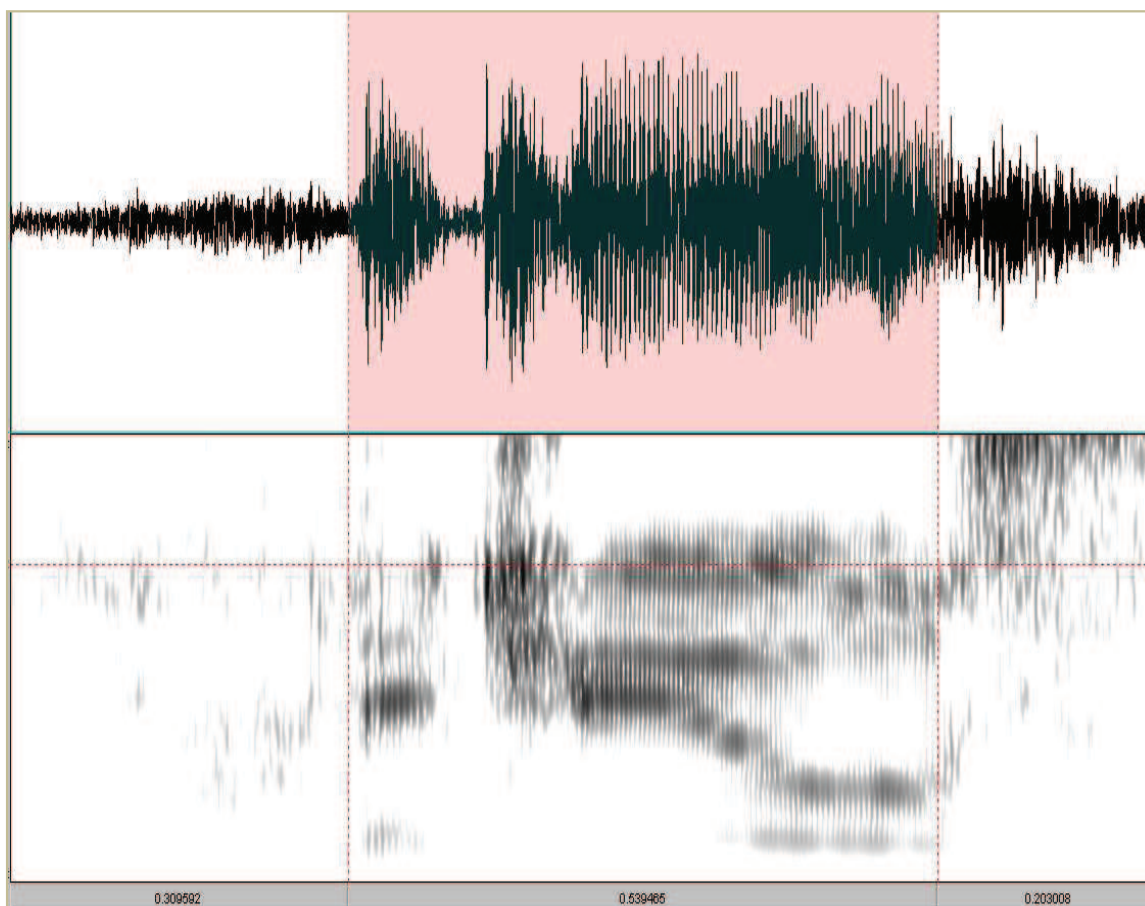


Figura 34 – Forma *a gente* [‘zẽtʃI:] [u:] em processo de *ditongação*

Na figura (34) acima a forma reduzida [‘zẽtʃI] é imediatamente seguida pelo fonema /u/ do verbo ‘usa’. Não há espaço sonoro entre os fonemas da forma reduzida e da forma verbal, conforme visualizável no espectrograma. Tampouco a estrutura das formas é afetada. Quando acontece da vogal final de uma forma unir-se à vogal inicial da forma seguinte, ocorre a forma sândi denominada de *ditongação* (cf. Bisol (1992, 2002).

Segue-se outro exemplo desse processo.

(96) ...talvez *a gente* [e'ʒẽ][ɪ]steja no caminho errado... (E6-15JS)

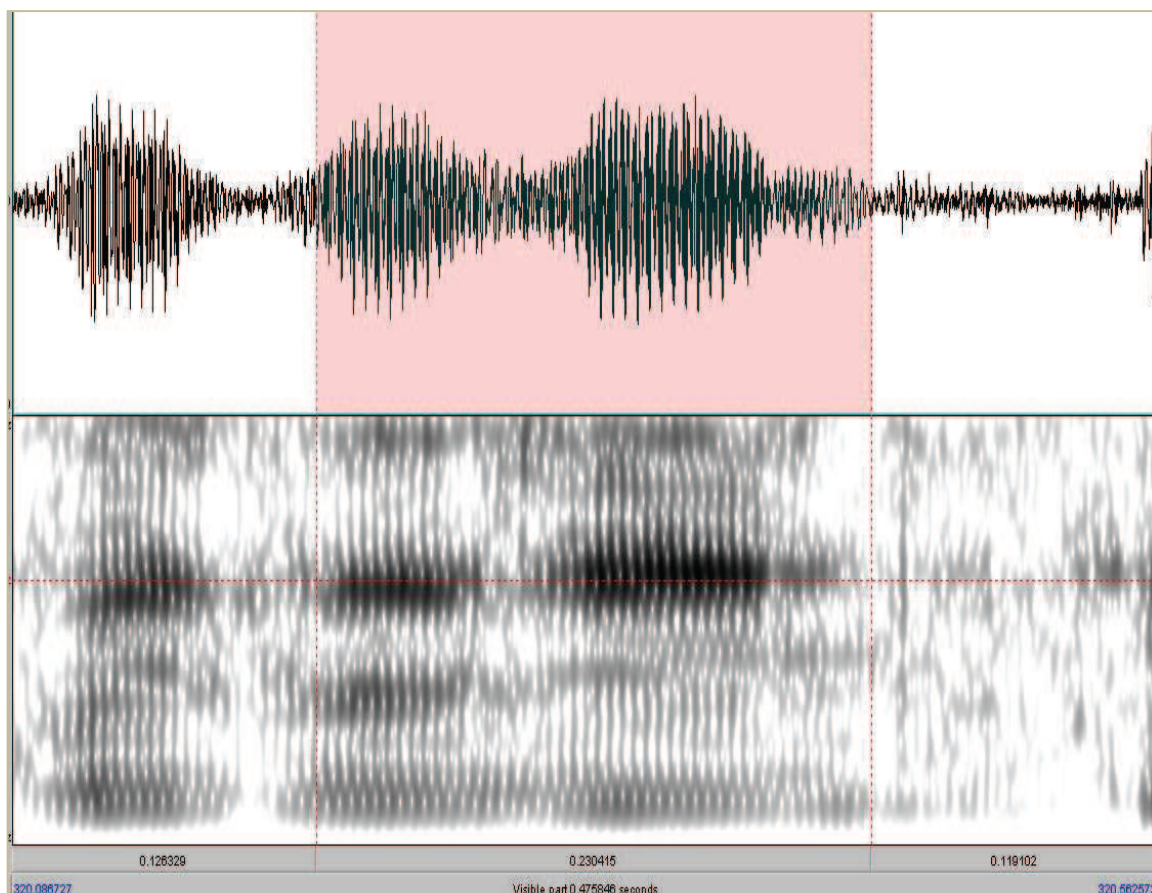


Figura 35- Parte selecionada: *a gente* [e'ʒẽ][ɪ] em processo de *ditongação*

Na *ditongação* tem-se a formação de ditongo crescente ou decrescente com a vogal final de um vocábulo e a inicial de outro, desde que uma das vogais da sequência seja alta ou possa se tornar alta. No exemplo acima a forma verbal 'esteja' tem sua vogal inicial alçada [e] > [ɪ], favorecendo o processo de ditongação ao ser precedida pela vogal média nasal [ẽ].

Outro processo de sândi que Bisol (1992, 2002) reconhece que afeta a sequência de duas vogais na fronteira de palavras em português é a *elisão*, exemplificada no dado e no espectrograma abaixo:

(97) É... *A gente* [ə'ẽtʃ][i]madurece... né? (E24-19IF)

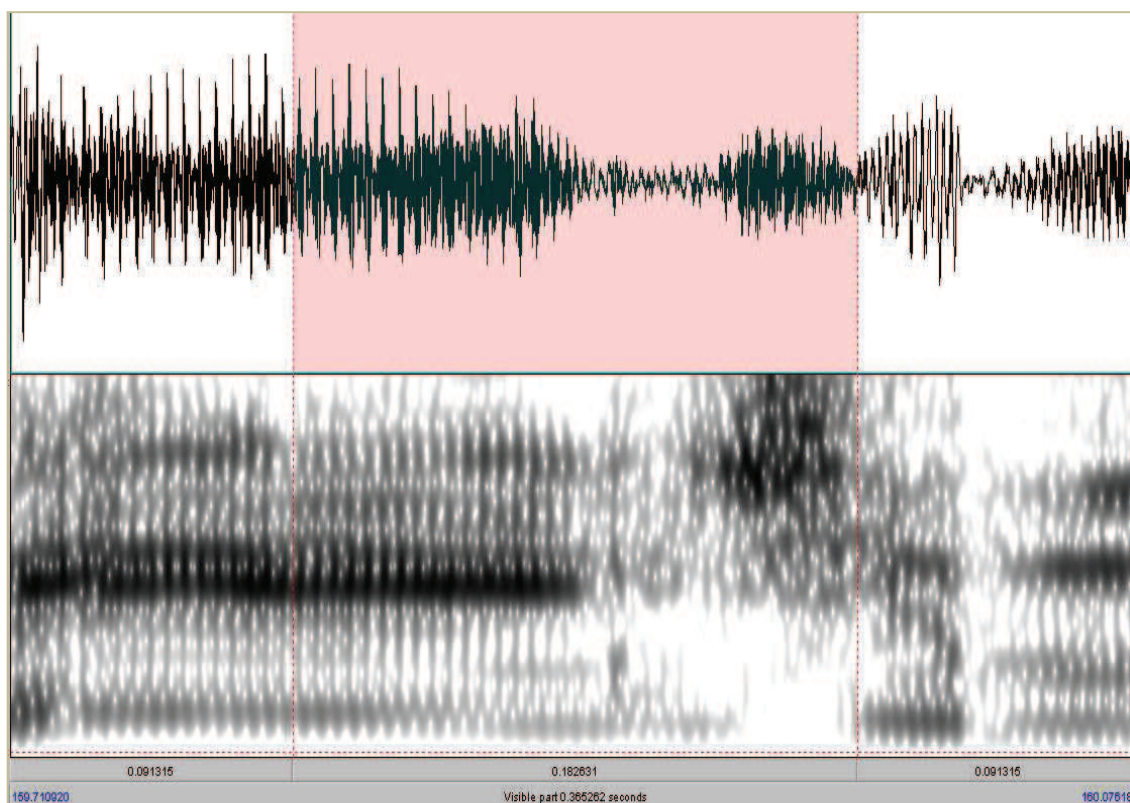


Figura 36 - Selecionada a forma *a gente* [ə'ẽtʃ] em processo de *elisão*

Considera-se, geralmente, que a *elisão* apaga a primeira vogal da sequência (Bisol, *op. cit.*). Entretanto, no caso da forma [tʃ] é importante reconhecermos que uma outra corrente de estudos de fonologia considera que o fone [I] revela-se na estrutura formântica da fricativa pós-alveolar final, após um processo de assimilação. Quer consideremos a primeira vertente, quer a segunda, é possível visualizarmos no espectrograma acima um caso de *elisão*⁵⁰, visto que o espaço para realização de /i/ da forma reduzida [ə'ẽtʃ] justapõe-se à vogal alta da palavra seguinte. Isto mostra o quanto a forma reduzida de *a gente* está amalgamada à forma verbal.

⁵⁰ Brescancini & Barbosa (2005, p. 42) admitem elisões com vogais diferentemente de /a/, embora reconheçam que não é o caráter geral desse processo.

Por sua vez, quando duas vogais que se encontram são semelhantes e se fundem, ocorre a *degeminação*, processo do qual resulta uma vogal longa que depois se torna curta. Aqui também podemos levar em consideração que a vogal /i/ de *a gente* pode realizar-se plenamente ou revelar-se na estrutura formântica da fricativa pós-alveolar final e que, ao preceder palavras iniciadas por /i/ _ quer original, quer por alçamento _ pode desencadear-se a *degeminação*, como na ocorrência com a forma plena abaixo:

(98) ...mas de repente, na hora que precisa *a gente* [v'ʒëtʃ] [I] squeece, né.
(E23-24IF)

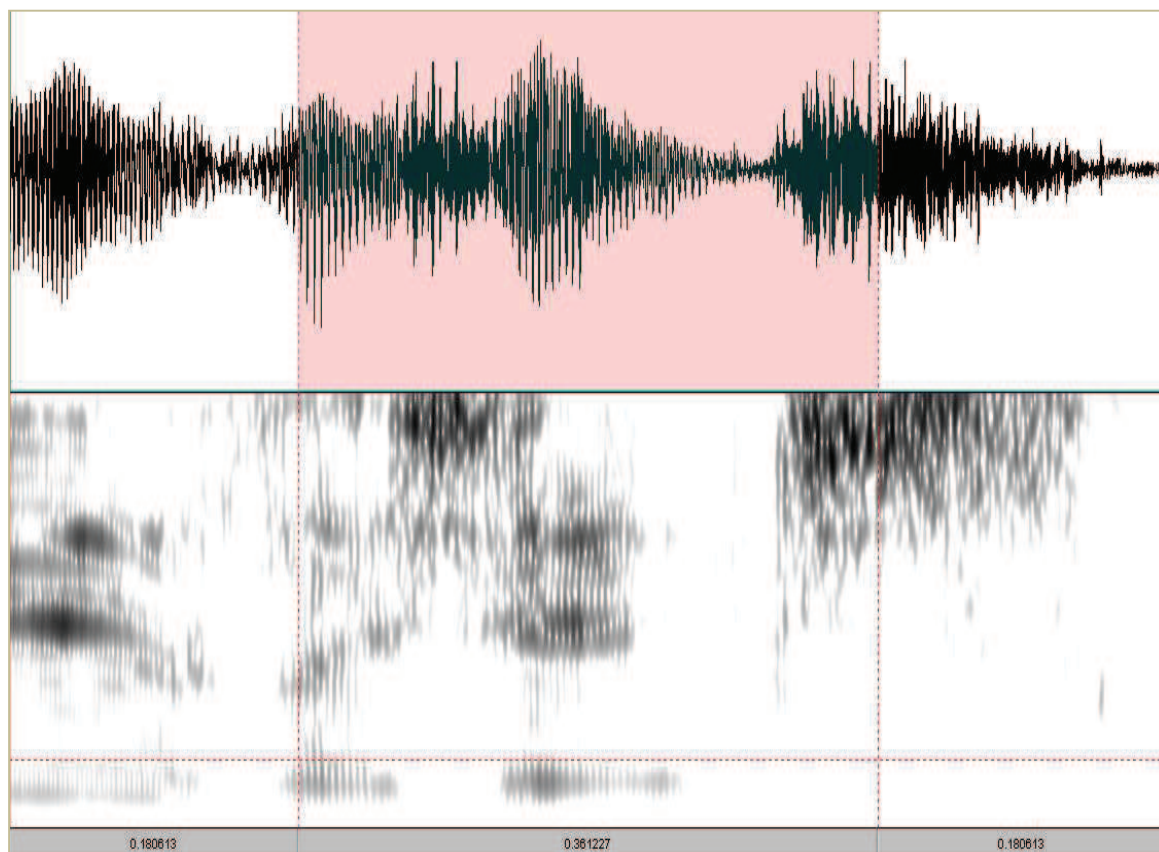


Figura 37 - Selecionada a forma *a gente* [v'ʒëtʃ] em *degeminação* com [I]

Como procuramos mostrar na forma fonética [v'ʒẽtʃ] [I], a vogal /i/ é um elemento que pertence tanto ao final da forma *a gente*, quanto ao início da forma [I]squece, daí tratar-se de *degeminação*.

Outro processo fonológico também encontrado nos dados envolvendo as formas reduzidas de *a gente* é a haplologia. Segundo Mendes (2009), este processo “ é favorecido pela sequência de sílabas átonas e se caracteriza pelo contexto de traços fonológicos iguais ou semelhantes das consoantes presentes nessas sílabas”. Desse modo, ocorre a haplologia quando a forma *a gente* /a'ʒẽte/ apresenta redução ao ser seguida por palavras iniciadas por sílaba átona portadora de traços fonológicos de sua sílaba final.

Veja-se a ocorrência abaixo:

(99) Quando *a gente* [v'ʒẽ] tivé pra baixo... tem que tê um amigo para ajudá
(E22-29IS)

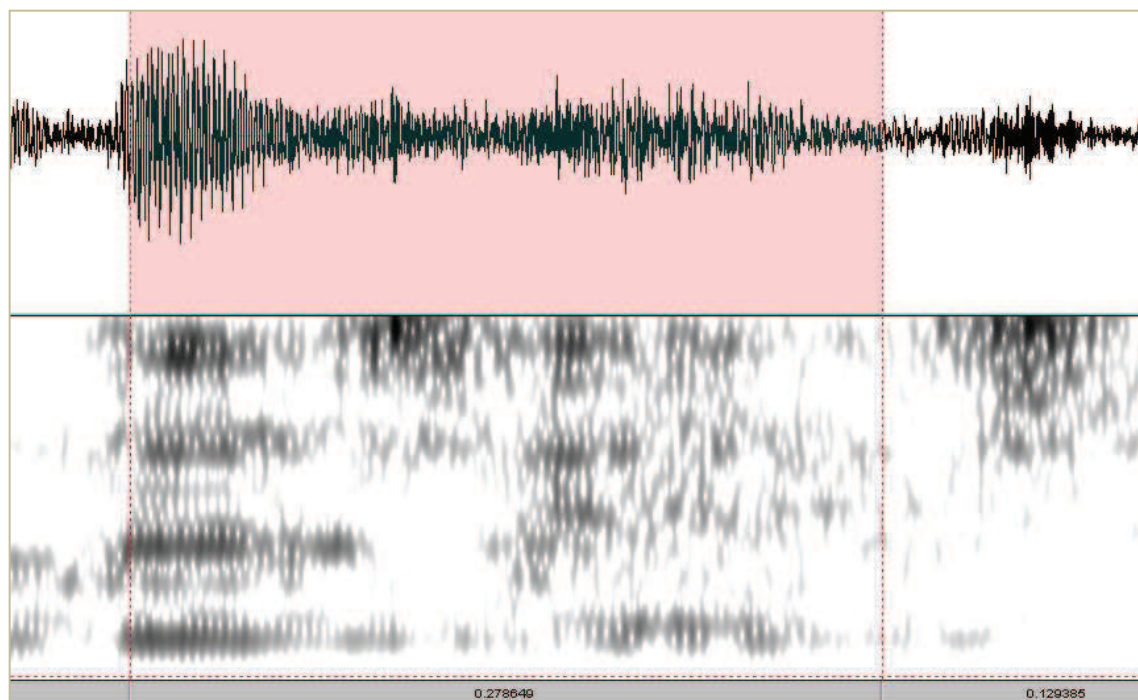


Figura 38 - Parte selecionada *a gente* [v'ʒẽ] em *haplologia*

A verificação do fator *V. Tipo de fonema seguinte* permitirá observarmos se são os processos fonológicos acima mencionados que condicionam ou favorecem a ocorrência das formas reduzidas de *a gente*, bem como se as formas reduzidas ocorrem contíguas a ‘V’ (Kayne, 1975); se podem unir-se fonologicamente a um hospedeiro (Spencer, 1991); ou se ocorrem sempre ligadas a um hospedeiro; e ainda se dependem acentuadamente de outro elemento (Klavans, 1985).

São exemplos de ocorrências de *a gente* conforme o fator V:

V. Tipo de fonema seguinte

5.a) vogal

(100) ... *A gente* [aẽtʃ] ε] muito diferente. (E3-48JF)

5.b) consoante

(101) ... e ele faleceu e... aí *a gente* [ɐʒẽ] teve até uma surpresa quando ele faleceu... (E23-24IF)

5.c) pausa

(102) Não tem jeito... ‘A’ colocou esta dinâmica aí pr’*a gente* [əʒẽtʃ].
(E22-29IS)

Por sua vez, a investigação do fator *VI.Tonicidade silábica seguinte* mostrará o comportamento das formas reduzidas de *a gente* em relação à proeminência silábica, na presença de sílabas átona, tônica ou em sua ausência (pausa).

Segundo Collischonn (2007, p. 214), nos casos em que ocorrem elisão e degeminação⁵¹ a sequência fonológica fica reduzida a uma sílaba. A forma reduzida perde acento primário. Há uma reestruturação da palavra, alterando a posição do acento.

A hipótese levantada é que, se forem clíticas, as formas reduzidas de *a gente* terão suas ocorrências favorecidas por este fator. Isto é, serão passíveis de sofrerem processos de sândi externo, e de perderem acento primário. Uma vez que não só o *Tipo de fonema seguinte* está envolvido em processos de sândi, mas há uma correlação com o acento, busca-se verificar neste trabalho também o grau de atuação do fator *Tonicidade silábica seguinte*.

São exemplos de ocorrências de *a gente* conforme o fator VI:

VI. Tonicidade silábica seguinte

6.a) sílaba tônica

(103) ... que *a gente* [v'ʒẽʃ]vê ess' pessoal falano que é melhó, que... é mais organizada... (E15-2MF)

6.b) sílaba átona

(104) E *a gente* [ə'ʒẽ]ʃ]egô a cidade e acampô... (E4-5JF)

⁵¹ Podemos dizer que o mesmo se dá quando ocorre a haplologia, ou seja, há a perda de uma sílaba.

6.c) pausa

(105) É uma vida que tá dentro d'a gente [a'ʒëtʃ]. (E8-17JF)

O sétimo fator verificado foi *Função Sintática*. Este fator nos permite verificar se de fato as formas reduzidas de *a gente* sofreram continuidade no processo de gramaticalização no dialeto mineiro, levando-se em consideração que gramaticalizar-se é assumir posição sintática mais fixa na sentença, tanto que recebe nomes diversos: Croft (1993) denomina este processo de *rigidificação*; Lehmann (1982), de *fixação*; e Heine & Reh (1984), de *permutação*.

A quantificação desse fator, portanto, permitiu a obtenção dos índices das ocorrências das formas plenas e reduzidas de *a gente* em posição/função de sujeito e de não sujeito, buscando-se comprovar a hipótese de que, uma vez gramaticalizada como forma clítica pronominal de referência à 3ª pessoa do discurso, as formas reduzidas terão suas ocorrências favorecidas pela posição de sujeito e restringidas em outras posições (pós-verbal, posposto, topicalizado, como complemento de preposição, como resposta isolada, ou em coordenação, conforme apresentado em Vitral (1996)).

Buscamos verificar ainda o que diz Spencer (1991), ou seja, que clíticos são formas passíveis de serem restritas a uma posição específica na sentença ou a uma categoria lexical; sendo que podem ter a mesma função sintática que palavras plenas.

A observação desse fator deu-se inicialmente em relação à função de sujeito, objeto de preposição, objeto de verbo e nada disso (outras posições). Contudo, houve

knockout na primeira rodada dos dados com todos esses subfatores, que foram reduzidos a dois: ‘sujeito’ e ‘outras’.

Exemplificam as ocorrências reduzidas e plenas de *a gente* conforme este fator:

VII. Função sintática⁵²:

7.a) sujeito

(106) *Aí... a gente* [‘ʒẽ] pod’ tê... (E9-28MS)

7.b) objeto de preposição _ (outras)

(107) *Tinha umas garotas da cidade que tinha... elas tinham dado bola, né?... pra... pra turma de gar... que tava com a gente* [v’ʒẽtʃ] assim... (E4-5JF)

7.c) objeto de V (verbo) _ (outras)

(108) *Mas... aquela época era muito bom... tudo alegrava a gente* [v’ʒẽtʃ].

7.d) nada disso _ (outras)

(109) *... a gente* [ẽtʃ]... (E7-61JF)

O oitavo fator verificado foi a *realização de a*: [± a]. A observação deste fator visou à verificação da atuação de ‘a’ na realização plena ou reduzida de *a gente*, uma vez que essa forma, alvo de nossas observações, é originariamente formada pelo artigo

⁵² O tópico foi buscado, mas, como não houve nenhum caso, esse subfator foi descartado.

a mais o núcleo nominal *gente*. Levantamos a hipótese de que a perda do traço [+dêitico], presente em ‘a’ poderia ser decisiva para uma nova etapa de gramaticalização de *a gente*.

São ocorrências que exemplificam a presença e a ausência de ‘a’:

- (110) a. Uai, lá era muito mais calmo, né. *A gente* [v’ɔ̃tʃ] andava... na época que eu era menino... (E10-42MMS)
- b. Criança, tão inocente... *a gente* [ɔ̃tʃ] tem a d’a gente.
- c. Eu entrei na Prefeitura numa época muito boa, que *a gente* [v’ɔ̃tʃ] tinha projetos bem articulados... (E10-42MS)
- d. ... *a gente* [‘ɔ̃tʃ] sorteia pra cada sala um tipo de cesta, né? (E9-28MS)

O artigo ‘a’ indica o gênero feminino do substantivo o qual acompanha, bem como o especifica. Entretanto, a gramaticalização da forma *a gente* parece estar diretamente relacionada com o ciclo do artigo, apresentado por Joseph Greenberg em diversos trabalhos (1978; 1991)⁵³. Esse autor estabelece, a partir da análise de várias línguas da família Níger-Congo, uma escala de evolução dos *gender markers* (marcadores de gênero), constituída de quatro níveis. A fim de nos situarmos em relação ao fenômeno aqui observado, segue uma rápida caracterização destes níveis.

No “Nível 0” estão os demonstrativos, considerados “a origem mais comum do artigo definido” (Greenberg, 1978: 61; *apud* Kabatek, 2007).

A seguinte ocorrência fornece-nos exemplo da forma latina *illa*:

⁵³ As informações aqui apresentadas são discutidas por Kabatek (2007).

(111) Qui est sine peccato, primum in *illa* lapidem mittat. (In: <http://filologia.org>)
[Quem for sem culpa, atire a primeira pedra]

Dando continuidade ao ciclo do artigo, nos estudos de Greenberg, o nível I é aquele a partir do qual um demonstrativo, depois da redução de sua força dêitica _ o que pode ser explicado, entre outros fatores, através do uso anafórico _ torna-se um ‘identificador geral’ para elementos conhecidos através do contexto ou devido ao seu caráter universal.

(112) A mulher é um ser emocional⁵⁴. (= toda mulher)

Segundo Greenberg, ao passar do nível I para o nível II ocorre a ampliação do campo de uso do artigo definido a quase todos os substantivos. Uso este que se torna cada vez mais redundante. Inicialmente os nomes próprios não aceitam cocorrer com artigos, visto já serem ‘inerentemente’ definidos.

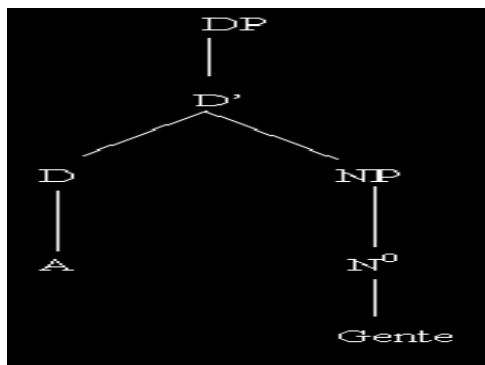
No nível III o autor identifica o uso do artigo com todos os substantivos, não havendo mais oposição de elementos com ou sem artigo. Ao perder totalmente sua função inicial, ou seja, seu caráter dêitico, especificativo, o artigo torna-se mera marca nominal, usada inclusive para nominalização de verbos e outras palavras.

Por sua vez, a forma *a gente* nos leva ao que diz Uriagereka (1995, p. 80-81) “ em épocas remotas das variantes românicas, versões dos demonstrativos latinos *illum*, *illam*, *illud* apareciam como elementos fracos, comportando-se como clíticos

⁵⁴ Dado de ocorrência livre.

fonológicos. Então, um sistema com ambos – clíticos especiais e determinantes – emergiu, o qual não existia no latim vernacular”.

(113)



Em (113) temos que D é o espaço de um ‘regular determiner’ e NP, o de um ‘lexical nominal’.

Costa & Pereira (2009) argumentam que *a gente* deixou de ser um DP típico, como em (113), e passou a ser um pronome. Nos termos de Gelderen (2006) teria havido um movimento do núcleo N para D⁵⁵, posição contrária a Taylor (2009), segundo o qual *a gente* é apenas um aposto projetado pelo DP *nós*.

Pelo exposto é que buscamos neste trabalho visualizar se os processos de gramaticalização da forma *a gente*, a qual reconhecemos como forma pronominal (em conformidade com Costa & Pereira (2009)) e do demonstrativo > artigo (*illa* > *la* > *a*), estão diretamente interrelacionados. Em Português, temos o ápice da pronominalização de *a gente* quando o processo de gramaticalização do artigo *a* atinge a fase de *afixo*, na qual nenhum elemento pode mais ser interposto entre ‘*a*’ e ‘*gente*’; ou seja, nas palavras de Lopes (1999, p.68) ocorre a ‘cristalização’ da forma *a gente*, não sendo a presença do artigo mais suficiente para atribuir gênero ou definitude à forma *gente*, tornando-se,

⁵⁵ Ver Capítulo III, seção 3.3.

pois, dependente do contexto. Isso remete-nos a uma das características da mudança linguística postulada por Weinreich, Labov & Herzog (1968): o *encaixamento*. Isto é, no sistema linguístico uma mudança leva a outra.

O nono fator, e primeiro dos fatores extralinguísticos a ser observado foi a *Faixa Etária*. A observação deste fator tem a ver com o fato de que as línguas mudam com o tempo. Contudo, a mudança linguística não se processa de maneira abrupta. É gradual. Tampouco a língua muda sem a atuação do falante, que por sua vez, reflete a língua de sua comunidade linguística. Nossa hipótese é de que a observação desse fator nos permitirá capturar o estágio em que se encontra

A verificação do comportamento linguístico de grupos de informantes de diferentes faixas etárias permite a observação da variação e mudança linguística, em termos labovianos, no *tempo aparente*. Isto é, ao se observar a língua de um falante adulto, de fato está sendo observada a língua que este falante adquiriu quando tinha aproximadamente quinze anos de idade. Desta maneira, a fala de um informante de sessenta anos de idade é representativa da fala de sua comunidade há quarenta anos atrás; a de um informante de quarenta anos, reflete a língua de vinte e cinco anos atrás, e assim, a de um informante de dezoito, vinte anos, reflete a língua da geração mais recente.

O estudo de um fenômeno linguístico de variação por meio de sua observação em grupos de diferentes faixas etárias permite uma visão de sua evolução ou de sua estabilidade ao longo do tempo. A partir deste pressuposto, foram elaborados três grupos de oito informantes segundo diferentes faixas etárias: faixa etária 1: informantes de 19 a 35 anos, denominados 'jovens'; faixa etária 2: informantes de 36 a 50 anos,

denominados ‘medianos’; faixa etária 3: informantes de 51 anos ou mais, denominados ‘idosos’.

Conforme os pressupostos sociolinguísticos labovianos, quando um fenômeno de variação linguística tem um índice de realização entre os informantes ‘jovens’ bastante elevado em relação ao índice quantitativo de realização entre os medianos, que por sua vez também está acima do índice de realização entre os idosos é que está havendo mudança linguística. Por outro lado, quando os valores são muito próximos entre jovens e medianos, trata-se apenas de variação estável; ou de um fenômeno de ‘gradação etária’ (*age grading*), que é típico da faixa etária do falante, podendo desaparecer à medida que este muda de faixa etária, de grupo social.

Uma vez detectada a mudança linguística, esta pode ser de dois tipos, conforme a concepção laboviana: *from above* ou *from bellow*. As mudanças tipo ‘change from above’ são lideradas pelo grupo de status mais elevado na comunidade linguística observada. Em geral são falantes de nível de escolaridade mais alto. São mudanças geralmente favorecidas em estilos mais formais. Normalmente espera-se que o grupo dos jovens lidere a mudança, mas no tipo ‘change from above’ é comum o ‘age-peak’ estar no grupo dos falantes de mais idade, e ter mais ocorrências entre falantes que apresentam posições de certo prestígio social no mercado de trabalho, por serem mais sensíveis e por estarem mais expostos às demandas de prestígio da comunidade. As mulheres tendem a liderar essas mudanças, como lideram a maioria das mudanças linguísticas.

As mudanças tipo ‘change from bellow’ em geral envolvem diferentes motivações e diferentes distribuições sociais. Seu desenvolvimento é considerado espontâneo. Surgem dentro da comunidade de fala; não são importadas. Geralmente os

falantes não têm, ou têm pouca consciência da mudança em seu estágio inicial. Na Literatura Linguística são atribuídas a motivações linguísticas (assimilação, mudanças vocálicas, etc), apesar de Labov tê-las relacionado a motivações sociais (identidade local, solidariedade, etc). Apresentam características tais como: (i) em geral não é liderada pelo grupo de mais status na comunidade; (ii) os líderes dessas mudanças são geralmente da classe baixa ou da classe trabalhadora alta (Labov considera que estas são as duas classes que mais investem na identidade local); (iii) mudanças que começam sem nenhum tipo de avaliação e, em consequência, não apresentam variação estilística, apesar de nos últimos estágios poderem desenvolvê-la, dependendo de receberem ou não alguma avaliação social; (iv) falantes jovens fazem mais uso deste tipo de mudança, do que os falantes de mais idade. O ‘age-peak’ está normalmente nos adolescentes mais do que no grupo dos jovens. As mulheres costumam liderar estas mudanças, embora existam casos em que os homens a lideram.

Portanto, a observação do fator faixa etária tem por objetivo fazermos um recorte sincrônico da gramaticalização de *a gente*, bem como verificarmos se o uso de formas reduzidas de *a gente* no dialeto mineiro trata-se de *mudança em progresso* ou de *variação estável*.

São exemplos de ocorrências de *a gente* conforme o fator *Faixa Etária*:

IX.Faixa Etária

9.a) Jovens (18 a 35)

(114) a. ...mas nem sempre é esse efeito que *a gente* [‘êtf]qué... (E2-44JS)

b. ... que... *a gente* [ə’ʒêtf] perde a simplicidade... (E1-40JS)

9.b) Medianos (36 a 50)

(115) a. ... e as vezes *a gente* ['ʒẽ]ũ] num tem condição de pagá uma iscola particulá... (E15-2MF)

b. Ó... cabô que esse ano *a gente* ['ʒẽtʃ] ia fazê churrasco... (E9-28MS)

9.c) Idosos (> 50)

(116) a. *A gente* [ə'ʒẽ] já anda cansado. (E22-29IS)

b. Não tem jeito... 'A' colocou esta dinâmica aí pr'*a gente* [ə'ʒẽtʃ]. (E22-29IS)

O décimo fator codificado e quantificado foi *Escolaridade*. Em se tratando de investigações sociolinguísticas envolvendo morfossintaxe, faz-se relevante observar o comportamento de informantes de pouco (ou nenhum grau) de escolarização em relação aos de mais anos de escolaridade, haja vista a atuação da escola na produção oral e escrita dos falantes (cf. Moura, 2008; Omena, 2003), dentre outros). Leve-se em consideração o fato de que, quanto mais um falante se expõe à imagem escrita da palavra, mais próxima dessa imagem tenderá a pronúncia-la (cf. Moura, 2008), ou seja, quanto mais anos de escolaridade do informante, mais próxima será a sua pronúncia da forma escrita. No caso, espera-se que os falantes mais escolarizados apresentem maior índice de uso das formas plenas.

A hipótese aqui levantada é de que o fator escolaridade revelará o *status* conferido às ocorrências plenas e reduzidas de *a gente*. Para confirmação ou refutação desta hipótese, foram verificadas gravações com informantes pertencentes aos níveis fundamental e superior de ensino, tendo-se por alvo uma visão mais longitudinal da atuação deste fator.

Seguem-se exemplos de ocorrências de formas reduzidas e plenas de *a gente*, respectivamente, conforme este fator:

IX. Escolaridade

9.a) Fundamental

(117)a. Mas, num é. Que... *A gente* [v'ʒẽ] sente! (E24-19IF)

b. Ele chegô a conversá co'*a gente* [v'ʒëtʃ] (E7-61JF)

9.b) Superior

(118)a. ... tanto que pr'*a gente* tomá banho... *a gente* [ʒẽ] tinha que busca água... (E1-40JS)

b. Na realidade hoje *a gente* [v'ʒëtʃiii] lida com um trânsito muito complicado... (E6-15JS)

Até este presente momento do texto, mostramos embasamentos teóricos, hipóteses, procedimentos e critérios utilizados na análise variacionista dos dados. Vamos agora ver os resultados no próximo capítulo e a que horizontes nos levam.

CAPÍTULO III

RESULTADOS

Inicialmente serão apresentados, nesse capítulo, os resultados da análise sociolinguística, e logo em seguida serão apresentados os resultados da medição acústica das formas.

3.1. Resultados da análise quantitativa sociolinguística

A seguir são apresentados os resultados da análise quantitativa feita com base no *tempo aparente* (cf. Labov, 1994), evidenciado pelo comportamento linguístico de grupos de indivíduos de diferentes faixas etárias. Os resultados quantitativos dos fatores linguísticos e extralinguísticos foram obtidos com a utilização do programa GoldVarb 2001 (Robson, Lawrence & Tagliamonte, 2001) e interpretados com o auxílio teórico de Scherre (1992, 1993, 2002); e Sankoff (1988).

Os primeiros resultados referem-se à variável dependente.

TABELA 1
DISTRIBUIÇÃO DAS OCORRÊNCIAS DE FORMAS PLENAS E
REDUZIDAS DE *A GENTE*

VARIÁVEIS	No.	%
PLENAS	217	68
REDUZIDAS	100	32
Total	317	100

Na amostra analisada, conforme tabela 1, foram coletadas 317 ocorrências da forma *a gente*, sendo 217 (68%) de formas plenas e 100 (32%) de formas reduzidas. Estes valores confirmam a presença de formas reduzidas da forma inovadora *a gente* no dialeto mineiro (cf. MAIA, 2003).

O gráfico abaixo permite a visualização dos resultados apresentados na tabela 1:

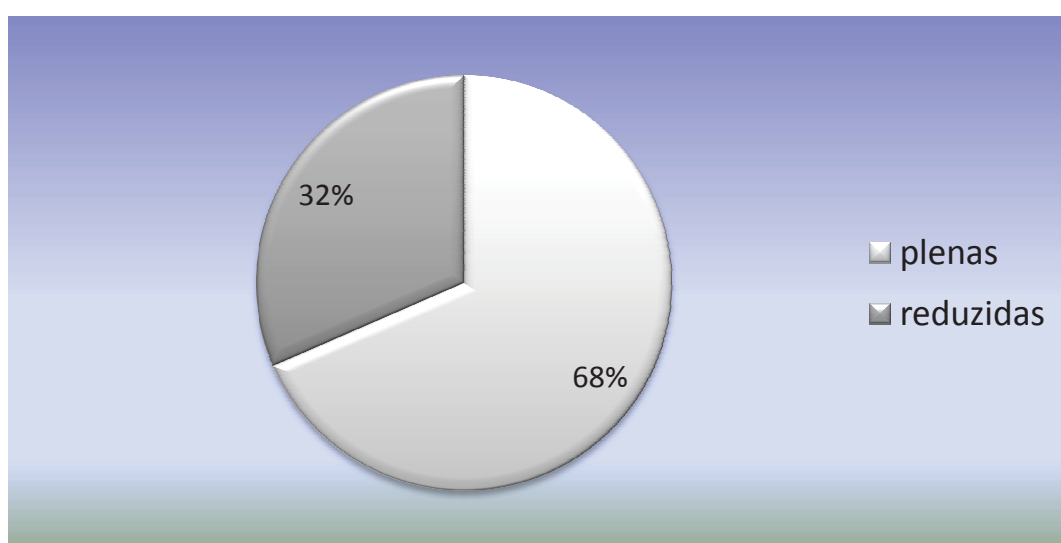


Gráfico 1 - Distribuição das ocorrências de formas plenas e reduzidas de *a gente*

O gráfico 1 permite a visualização do espaço ocupado pelas formas reduzidas (32%) em relação às formas plenas (68%) de *a gente*.

Uma vez feita a rodada dos dados pelo Goldvarb 2001, foram apontados como estatisticamente significativos os fatores I. Referência; III. Tonicidade silábica precedente; IV. Tipo de oração; VI. Tonicidade silábica seguinte e VIII. Realização de **a**: [± a].

Por sua vez os fatores: II. Tipo de fonema precedente; V. Tipo de fonema seguinte; VII. Função sintática; X. Escolaridade e IX. Faixa Etária não foram selecionados como estatisticamente significativos pelo programa.

Seguem-se os resultados obtidos referentes às variáveis linguísticas e extralinguísticas investigadas. Primeiro serão apresentados os resultados dos fatores considerados estatisticamente significativos. Logo a seguir, os não selecionados, visto que, embora não tenham sido elencados como de atuação relevante no presente momento de investigação do fenômeno, é interessante comentarmos os seus resultados.

3.1.1. Referência

Conforme já vimos, uma vez levantada a hipótese de que a perda de massa fonética estaria relacionada a um novo estágio no processo de gramaticalização da forma *a gente*, cabe verificarmos se nesse estágio haveria alteração do caráter referencial de suas formas reduzidas.

São ocorrências do *corpus* utilizado que exemplificam respectivamente a referência [+ específica] e [- específica] das formas reduzidas e plenas de *a gente*:

- (119) a. Aí eu estava... *a gente* [‘ʒẽf] tava voltando da cachoeira... eu e um colega meu... (E1-40JS)
 b. ... e *a gente* [ə’ʒẽt] sabe que hoje esta opção não existe. (E6-15JS)

Na seção 1, o trabalho de Lopes (2004) põe em evidência que o traço [± específico] foi relevante na verificação do grau de determinação da referência durante o processo de gramaticalização da forma lexical *gente*. A mesma característica, isto é, a força de atuação do fator [+genérico], faz-se presente nos trabalhos de Menon (1994), Machado (1999) e Maia (2003).

Buscamos, portanto, ver o que dizem os resultados sobre o grau de atuação desse fator na *cliticização* de *a gente*.

Os valores obtidos aparecem na próxima tabela.

TABELA 2
TIPO DE REFERÊNCIA

REFERÊNCIA	PLENAS			REDUZIDAS		
	No.	%	PR	No.	%	PR
ESPECÍFICA	$\frac{79}{135}$	58	.39	$\frac{56}{135}$	41	.61
NÃO-ESPECÍFICA	$\frac{138}{182}$	75	.59	$\frac{44}{182}$	24	.41

A tabela 2 informa que o maior percentual de realização das formas plenas de *a*

gente (75%) é com referência não-específica, ao passo que o maior percentual de suas formas reduzidas (41%) é com referência específica.

Era esperado, a partir do ciclo da gramaticalização de Hopper & Traugott (1993), segundo a qual inicialmente um *item lexical* torna-se um *item gramatical*, realiza-se em seguida como *clítico*, podendo em seguida tornar-se um *afixo*, e em um último estágio tornar-se *zero*; que houvesse *concomitância* entre a perda semântica e a perda fonológica.

Contudo, um exemplo de que isso parece não ser generalizável, é a investigação realizada por Zilles (2005), que mostra que ao passar de lexical para pronominal, a forma *a gente* ganha em referencialidade.

Os índices em pesos relativos do programa estatístico confirmam os percentuais, informando que as formas reduzidas de *a gente* são favorecidas pela referência específica (PR .61), o que mostra a força de atuação do fator referência específica na *cliticização* das formas reduzidas de *a gente*. Levando em consideração o que diz Uriagereka (1995), podemos relacionar esse resultado ao que esse autor chama de *motivação sintática*, ou seja, que formas clíticas se movem para checagem de traços, movimento este que reside na natureza específica, referencial dos clíticos.

Por sua vez, a ocorrência de formas plenas apresentam maior favorecimento pela referência não-específica (PR .59). Este comportamento confirma o que os trabalhos de Menon (1995, 1996), Lopes (1999, 2004) e Maia (2003), dentre outros, mostram quanto à ampliação do caráter genérico da forma *a gente* em sua passagem de forma lexical para forma gramatical (no caso, pronominal).

As formas reduzidas já apresentam outro comportamento: têm maior percentual de ocorrência com referência específica (41%). Isto também confirma o que diz a

literatura linguística nas palavras de Jelinek (1996, p. 272), segundo a qual “clíticos são elementos que ocupam uma posição reservada para elementos que estabelecem correlação com um *background*, ou seja, com algo já mencionado; são *presuppositional elements*.”⁵⁶

Na avaliação de Zilles (2007), a forma *a gente* inicialmente usada apenas com sentido genérico estaria extendendo-se para os contextos de referência específica devido a uma das características da gramaticalização, a *extensão*, segundo a qual uma forma passa a ocorrer em novos contextos. Depreendemos, pois, que o traço [+ genérico] da forma lexical *a gente* cede espaço ao traço de referencialidade [+ específica], não por seu conteúdo semântico, mas por suas novas ligações sintáticas no discurso, ou seja, “passa a ocorrer como pronome anafórico”. (*op. cit.*, p. 32).

Após observação de vários fatos do Português Brasileiro como o *ter* que expressava posse e passa a expressar existência, e o uso de *tá* e *está* em que há perda fonética sem perda semântica, bem como o uso de *você* e *cê* tanto com referência específica, quanto com referência não específica, Vitral e Ramos (2006, p.28) mostram que “não há *concomitância* entre os processos semânticos e morfossintáticos, contrariando Lehmann (1982)”.

Como vimos na tabela 2 acima, tanto as formas plenas quanto as formas reduzidas de *a gente* ocorrem com os dois tipos de referência, sendo que as primeiras tendem a ocorrer mais com referência [-específica], e as segundas, com [+específicas], o que nos remete à característica da gramaticalização de *especialização*, ou seja, parece estar havendo uma diferenciação na distribuição sintática dessas formas. Vejamos se os próximos fatores trazem esclarecimentos.

⁵⁶ Minha tradução do trecho em que a autora refere-se à posição dos clíticos: “a position reserved for backgrounded, presuppositional elements” (*op. cit.*)

3.1.2. Tonicidade silábica precedente

O próximo fator selecionado pelo programa estatístico Goldvarb 2001 foi testado com o objetivo de verificar-se se a *Tonicidade silábica precedente* condiciona a realização de formas plenas ou reduzidas de *a gente*, levando-se em consideração que Zilles (2002), ao estudar a gramaticalização de *a gente* no Sul do Brasil, encontra variantes com perda sonora inicial: ‘gen; ‘en; ‘te⁵⁷.

Também o *corpus* aqui investigado apresentou ocorrências com perdas iniciais:

(120) Criança, tão inocente... *a gente* [‘ʒẽtʃ] tem a d’a gente. (E3-48JF)

(121) ... *a gente* [‘ʒẽ] tinha que buscá água... (E1-40JS)

(122) ...mas nem sempre é esse efeito que *a gente* [‘ẽtʃ] qué... (E2-44JS)

(123) Então era uma... *a gente* [‘ʒẽʃ] era muito cobrado. (E10-42MS)

(124) ... amanhã *a gente* [‘ẽtʃI] vai no Jamil... (E7-61JF)

(125) Vê as... as verdura, né, as planta crescendo... aí *a gente* [‘ʒẽtʃ] memo vai lá e tira assim... (E13-74MF)

Acima tem-se exemplos de formas reduzidas de *a gente* sendo precedidas por pausa (121, 122 e 124); por sílaba átona (122) e por sílaba tônica (124, 125).

⁵⁷ Menon (1996) já mencionava a forma ‘ente.

A tabela (3) apresenta a seguir os percentuais e as probabilidades encontradas:

TABELA 3
TONICIDADE SILÁBICA PRECEDENTE

CONTEXTO ANTERIOR (II)	PLENAS			REDUZIDAS		
	No.	%	PR	No.	%	PR
SÍLABA TÔNICA	$\frac{27}{45}$	60	.28	$\frac{18}{45}$	40	.62
SÍLABA ÁTONA	$\frac{131}{165}$	79	.69	$\frac{34}{165}$	20	.31
PAUSA	$\frac{48}{107}$	44	.38	$\frac{59}{107}$	55	.72

A tabela 3 nos informa que as formas reduzidas de *a gente* apresentam o maior percentual de ocorrências (55%) onde o contexto anterior é pausa. Esse percentual é confirmado pelo peso relativo (PR .72), resultado que remete ao que diz a literatura linguística: que formas clíticas são “sensíveis a fronteiras da frase fonológica” (Barbosa, 1996; Costa & Pereira, 2010).

Conforme defende Barbosa (1996, p.28): “ a pause is allowed between the parenthetical and the clitic”; ao observar o seguinte caso:

(126) Duvido que _ com a Maria _ se possa chegar a acordo.

Segundo Barbosa (1996), orações encaixadas são prosodicamente marcadas por pausa, tanto no ambiente precedente, quanto seguinte. Junte-se a isso o fato de que, conforme a tabela 4 a seguir, as formas reduzidas são favorecidas por orações encaixadas (PR. 62); logo, há fortes evidências de que essas formas são clíticas.

É no contexto silábico precedente sílaba tônica que foi obtido o segundo maior percentual das formas reduzidas de *a gente*: há 18 ocorrências em um total de 45, referentes a 40%. O peso relativo também é significativo (PR .62), mostrando que esse contexto é favorável à realização das formas reduzidas em análise.

Por sua vez, as formas plenas de *a gente* apresentam comportamento inverso às formas reduzidas em relação a serem precedidas por sílaba átona (131 casos em um total de 165 casos, o que equivale a 79%, PR .69), por sílaba tônica (27 casos em 45 casos, equivalendo a 60%, PR .28); ou por pausa (48 casos em um total de 107, equivalente a 44%, PR .38).

Estes valores mostram que *no contexto fonológico anterior* a presença de sílaba átona (PR .69) favorece a ocorrência das formas plenas e restringe a ocorrência das formas reduzidas (PR .31); ao passo que estas são favorecidas tanto pela presença de formas tônicas (PR .62) quanto por pausa (PR .72). Sendo que formas tônicas e pausa não favorecem a ocorrência de formas plenas (PR .28 e .38, respectivamente).

Vê-se que as formas reduzidas apresentam comportamento bem diferenciado das formas plenas, pois mostram-se inversamente favorecidas pelo tipo de contexto

fonológico precedente, o que constitui forte evidência de que formas reduzidas e formas plenas pertencem a instâncias gramaticais distintas, ou seja, clítico e pronome.

3.1.3. Tipo de oração

O terceiro fator estatisticamente selecionado foi o *tipo de oração*, cujos resultados são apresentados na tabela a seguir.

TABELA 4

TIPO DE ORAÇÃO

TIPO DE ORAÇÃO	PLENAS			REDUZIDAS		
	No.	%	PR	No.	%	PR
ENCAIXADA	$\frac{94}{127}$	74	.38	$\frac{33}{127}$	25	.62
NÃO-ENCAIXADA	$\frac{123}{190}$	64	.59	$\frac{67}{190}$	35	.41

A tabela 4 mostra que o maior percentual de realização de formas plenas de *a gente* é com as orações encaixadas (74%, correspondente a 94 casos em um total de 127 ocorrências), em relação a 25% de ocorrência de formas reduzidas (33 casos no total mencionado). Sobre esses percentuais, lembremos que, segundo Lightfoot (1999),

primeiro são adquiridas estruturas com orações principais (ou não-encaixadas), depois com orações encaixadas (como orações adjetivas, dentre outras). Desse modo, uma forma considerada inovadora na Teoria da Variação tende a aparecer primeiro em orações não-encaixadas (ou principais) e, conseqüentemente, formas consideradas conservadoras tendem a aparecer com menor frequência em orações encaixadas. Portanto, o esperado era que o maior índice de ocorrências de formas reduzidas de *a gente* fosse com orações não-encaixadas devido à hipótese aqui levantada de serem estas formas as inovadoras.

São exemplos que mostram ocorrências reduzidas e plenas de *a gente* em orações não-encaixadas e encaixadas, respectivamente:

(127) ...igual nós temos interagido... *a gente* [v'ʒẽ] num tem só que jogá pedra não. (E12-32MS)

(128) ... porque senão *a gente* [v'ʒɛtʃ][I] esqueci de elogiá... (E12-32MS)

Contudo, este resultado aponta para duas situações muito interessantes. A primeira, é que é preciso levar-se em consideração que as formas plenas de *a gente* são inovadoras enquanto forma pronominal no dialeto mineiro, passando a ocupar recentemente o espaço da forma *nós* (cf. Maia, 2003). Daí a maior presença das formas plenas de *a gente* em orações não-encaixadas (principal ou absoluta).

A segunda situação é que as formas reduzidas de *a gente* vêm ganhando espaço de uso neste dialeto, o que novamente nos remete a uma das características da gramaticalização que é a *especialização*. Assim é que temos o maior peso relativo de formas reduzidas de *a gente* com as orações encaixadas (PR .62), o que mostra que este

contexto oracional favorece-lhes a ocorrência, ao passo que este subfator não favorece as suas formas plenas, as quais são favorecidas em um nível quase neutro pelas orações não-encaixadas (PR .59).

A pergunta a ser feita neste momento é: o que há na posição de orações encaixadas que favorece a maior ocorrência das formas reduzidas (as quais conjecturamos que sejam clíticas) de *a gente* ?

Parte da resposta⁵⁸ vem do que diz Barbosa (1996, p.28), ao propor que ocorrências de formas clíticas em contextos de orações encaixadas podem estar diretamente relacionadas à estrutura entoacional, ou seja, formas clíticas são “sensíveis a fronteiras da frase fonológica”. Há evidências de estar atuando neste contexto um fator prosódico, conforme defende essa autora: “ a pause is allowed between the parenthetical and the clitic”; ao observar o seguinte caso:

(129) Duvido que _ com a Maria _ se possa chegar a acordo.

Também Costa & Pereira (2010) apontam para a importância das orações encaixadas, ao demonstrarem que a ocorrência de *a gente* com numerais e com ‘bare plural noun’ é possível, desde que se dê com a inserção de uma ‘oração encaixada’, ou entre fronteiras de constituintes, o que contraria a argumentação de Taylor (2009), segundo a qual a ocorrência de *a gente* com numerais e com ‘bare plural noun’ não é possível.

⁵⁸ Neste momento entramos na parte da resposta fonológica, a parte sintática será desenvolvida na análise do fator Função Sintática.

Se por um lado Taylor (2009) argumenta que *a gente* é apenas um DP complexo encabeçado por um pronome nulo de 1ª. pessoa do plural, por outro, associando os resultados acima à propriedade de *especialização* de formas em gramaticalização, podemos dizer que a forma *a gente* já é pronome em Língua Portuguesa, uma vez que suas formas reduzidas já apresentam características de formas clíticas.

Para compreensão da hipótese levantada a partir do que dizem Barbosa (1996) e Costa & Pereira (2010), passemos aos resultados do próximo fator, que poderá ser bastante esclarecedor quanto à força de atuação do domínio acentual na ocorrência das formas reduzidas de *a gente*.

3.1.4. Tonicidade silábica seguinte

Investigamos este fator partindo da hipótese de que certos tipos de sílabas (átona, tônica), ou de sua ausência (pausa) favoreceriam ou restringiriam a ocorrência de formas reduzidas devido à atuação de algum processo fonológico. Estão respectivamente ilustradas abaixo:

(130) a. Tava vino do centro pro Gutierrez, que *a gente* [‘ʒẽʃ] morava no Gutierrez né. (E10-42MS)

b. Toda violência que existe não. *A gente* [v’ʒẽ] sabe que existe violência de todos os tipos mas... (E6-15JS)

c. Porque... *a gente* [ə’hẽ] ... se *a gente* [v’hẽ] tem defeito... (E19-1IF)

Segundo Bisol (2005), clíticos estão sujeitos apenas a regras pós-lexicais, assim, formam uma palavra fonológica com seu hospedeiro no nível pós-lexical. Isto nos leva

a buscar o grau de atuação do acento na ocorrência das formas reduzidas de *a gente*, mais especificamente, conjecturamos que, se forem clíticas, serão favorecidas não no nível do acento primário (de palavra lexical), mas no nível do acento secundário, ou seja, da frase fonológica.

Vejamos os resultados na próxima tabela.

TABELA 5
TONICIDADE SILÁBICA SEGUINTE X FORMAS PLENAS
E REDUZIDAS DE A GENTE

CONTEXTO SEGUINTE (II)	PLENAS			REDUZIDAS		
	No.	%	PR	No.	%	PR
SÍLABA ÁTONA	$\frac{62}{99}$	62	.37	$\frac{37}{99}$	37	.63
SÍLABA TÔNICA	$\frac{129}{188}$	68	.53	$\frac{59}{188}$	31	.47
PAUSA	$\frac{26}{30}$	86	.75	$\frac{4}{30}$	13	.25

A tabela 5 mostra que é maior o percentual de ocorrência das formas reduzidas de *a gente* quando seguidas de sílabas átonas (37% em relação a 31% quando seguidas de sílaba tônica e, 13% em contexto final⁵⁹ ou pausa).

Os pesos relativos confirmam os percentuais: o peso relativo do contexto seguinte sílaba átona (PR .63) é indicativo de que as formas reduzidas de *a gente* são favorecidas por este tipo de contexto silábico, ao passo que perante sílabas tônicas o peso relativo é abaixo do neutro (PR .47) e final de sentença ou pausa lhes restringem a realização (PR .25).

Estes resultados vão de encontro ao esperado, uma vez que, geralmente o sândi externo é um processo (quer se dê como *degeminação* ou como *elisão*) que ocorre na fronteira de palavras e que tem por condição que as duas vogais sejam átonas. Isto é confirmado pelo fato de o subfator *sílaba átona* ter apresentado peso relativo significativo (.63).

Contudo, também foram encontradas na análise formas reduzidas de *a gente* em geral portadoras da vogal que é tônica quando realizada na forma plena *a gente*, realizando processos de sândi externo (31% das ocorrências, com peso relativo (PR .47) mostrando desfavorecimento desse contexto), o que inicialmente parece ser contrário à teoria de sândi, como na ocorrência abaixo:

(131) Então era uma... *a gente* [ˈʒẽf]era muito cobrado. (E10-42MS)

⁵⁹ Não foi encontrada nenhuma forma reduzida em contexto final, só em pausa em situação de hesitação.

A ocorrência acima mostra a forma reduzida de *a gente* [‘ʒẽj] seguida pela sílaba tônica do verbo [‘erɐ]. Contudo, tal fato pode ser explicado pelos trabalhos de Abaurre (1996) e de Tenani (2004), que relacionam o bloqueio de processos de sândi à proeminência da frase fonológica. Abaurre (*op. cit.*) defende que é a frase fonológica (ou o nível de acento secundário) o domínio prosódico de aplicação ou de bloqueio dos processos de sândi.

Em ocorrências da seguinte configuração:

(132) ... *a gente* [‘ʒẽ] *tinha* que buscá água... (E1-40JS)

Em que formas reduzidas de *a gente* podem ocorrer seguidas por sílaba tônica após queda de sílaba final (evidência da ocorrência de sândi externo), o que parece inicialmente é que há choque de acentos. Contudo, Bisol (2003) propõe que, para receber acento frasal, a sílaba deve coincidir com a sílaba tônica de uma palavra lexical. Assim, entre a forma [‘ʒẽ] e a forma verbal ‘*tinha*’, o acento recai sobre a sílaba tônica da palavra lexical ‘*tinha*’, o que evita o choque acentual. Isto aponta para o fato de que as formas reduzidas de *a gente* perdem acento primário ao sofrerem processos de sândi externo, o que é uma característica dos clíticos. Desse modo, os índices encontrados constituem evidências de que as formas reduzidas de *a gente* são clíticas, visto que formas clíticas realizam sândi externo (“modificações fonológicas resultantes da justaposição de palavras”, cf. Collischonn, 2007, p. 212), o qual tem maior favorecimento por sílaba átona seguinte.

É relevante ainda, e merece destaque, o baixo índice de realização das formas reduzidas de *a gente* seguidas por pausa (13%, PR .25). Entretanto, isso suscita a seguinte questão: “ Se formas clíticas têm de ocorrer na presença de um hospedeiro, como podem essas formas ocorrerem seguidas de pausa”?

Para respondermos a essa questão, vejamos os dados aos quais esses números se referem:

- (133)a. *A gente* [αētʃ] ... *A gente* num... sabe? (E7-61JF)
 b. Ah... ê... *a gente* ... *a gente* [ētʃ] ... (E7-61JF)
 c. E... aí... *a...* *a gente* [aētʃ] ... (E7-61JF)
 d. Porque... *a gente* [əhẽ] ... se *a gente* tem defeito... (E19-11F)

Como podemos ver, são ocorrências capturadas em um momento discursivo em que os informantes estão hesitando, buscando palavras para complementarem o que querem expressar, elaborando o predicado. De modo que é uma “pausa” diferente em relação à pausa de final de fala em que ocorrem as formas plenas, cujo índice é alto (86%, PR .75) e que é o esperado, pois essa diferença de uso constitui evidência de que formas plenas e reduzidas pertencem a instâncias gramaticais diferenciadas, remetendo-nos a um dos princípios da *gramaticalização*: o da *especialização*, segundo o qual, formas com funções diferentes têm distribuição sintática diferenciada (cf. Hopper e Traugott, 1993).

3.1.5. Realização de ‘a’ [±a]

Foi levando todas as informações apresentadas nos critérios para análise de ocorrências com [±a] em consideração que verificamos se a ausência de ‘a’ favorece a ocorrência da forma *clítica* de *a gente*, uma vez que, segundo o princípio da *persistência* (Hopper (1991), ‘a’ seria portador de resíduos de determinação, e o que conjecturamos foi que, uma vez eliminado o traço [+ dêitico] nas formas reduzidas, estaria aberto o espaço para a cliticização de *a gente*.

São ocorrências respectivamente com ‘a’ e sem ‘a’:

(134)a. Lá era mais fresco, assim... *a gente* [ə'ʒẽ] sempre tinha contato com a natureza... (E10-42MMS)

b. Ele chegô a conversá co' *a gente* [ɐ'ʒõtʃ] (E7-61JF)

(135)a. Tava vino do centro pro Gutierrez, que *a gente* [ʒẽʃ]morava no Gutierrez né. (E10-42MMS)

b. ... *a gente* [‘ʒẽ] tinha que buscá água... (E1-40JS)

A próxima tabela mostra os valores obtidos.

TABELA 6
REALIZAÇÃO DE 'A'

REALIZAÇÃO DE 'A'	PLENAS			REDUZIDAS		
	No.	%	PR	No.	%	PR
PRESENÇA	$\frac{214}{273}$	78	.64	$\frac{59}{273}$	21	.36
AUSÊNCIA	$\frac{3}{44}$	6	.03	$\frac{41}{44}$	93	.97

Conforme a tabela 6, o maior índice de ocorrências das formas reduzidas de *a gente* (93%) dá-se na ausência de 'a', havendo apenas 21% de ocorrências de formas reduzidas na presença de 'a'. Já o maior número de formas plenas de *a gente* é na presença de 'a' (78%), sendo que na ausência de 'a' esse percentual cai para 6%.

Os valores probabilísticos confirmam os percentuais, destacando-se o quanto a ausência de 'a' favorece a ocorrência das formas reduzidas de *a gente*: o subfator 'ausência de 'a'' mostra favorecimento quase categórico (PR .97) na ocorrência de formas reduzidas de *a gente*, sendo que basta um vestígio de 'a' (PR .03) para que ocorram as formas plenas.

Este é mais um fator que põe em evidência o caráter clítico das formas reduzidas de *a gente*, visto que formas clíticas não podem ser modificadas (Kayne (1975)); e a presença de 'a' carrega este vestígio.

Dessa forma, podemos conjecturar que, apesar de a forma *a gente* ser passível de apresentar perdas fonéticas em qualquer um de seus constituintes fonêmicos, será a perda de ‘a’ a culminância de sua cliticização, em conformidade com o que aponta Uriagereka sobre a natureza específica, referencial dos clíticos, a qual exige movimento de ascensão a Spec,DP para checagem de traços. Essa abordagem será aprofundada na seção 3.3 do capítulo III.

Foram apresentados, até aqui, os cinco fatores selecionados pelo programa de análise multivariada Goldvarb 2001. Embora os fatores: II. Tipo de fonema precedente; V. Tipo de fonema seguinte; VII. Função sintática; IX. Faixa Etária e X. Escolaridade não tenham sido selecionados como estatisticamente significativos pelo programa, seguem-se as tabelas e os comentários de informações relevantes sobre os valores obtidos.

3.1.6. Tipo de fonema precedente

Vejamos as ocorrências que exemplificam as formas de *a gente* respectivamente precedidas por vogal, consoante e ‘nada disso’:

- (136)a. ... vô falá... ao serviçu. Colocá nessa forma, já que *a gente* [e’ʒët] num pcisa de falá... (E11-18MF)
- b. ...aí eu acho que é uma oportunidade d’*a gente* [e’ʒëtʃi] tá compartilhando... (E6-15JS)

A próxima tabela apresenta os resultados obtidos em relação ao fator Contexto Fonológico Anterior: *Tipo de fonema precedente*.

TABELA 7
A GENTE & O CONTEXTO FONOLÓGICO ANTERIOR

CONTEXTO ANTERIOR (I)	PLENAS			REDUZIDAS		
	No.	%	PR	No.	%	PR
VOGAL	$\frac{123}{166}$	74	.51	$\frac{43}{166}$	25	.39
NADA DISSO	$\frac{58}{106}$	54	.32	$\frac{48}{106}$	45	.68
CONSOANTE	$\frac{36}{45}$	80	.57	$\frac{9}{45}$	20	.43

A tabela 7 acima mostra que as formas reduzidas de *a gente* não são favorecidas pelo contexto fonológico anterior *tipo de fonema*. Seus pesos relativos não são significativos nem na presença de vogal (PR .39), nem na presença de consoante (PR .43). O GoldVarb evidencia isto quando o subfator ‘nada disso’ (o mesmo que pausa) é significativo (PR .68) quando precede as formas reduzidas.

Esses resultados respondem a uma das hipóteses levantada: se as formas reduzidas estivessem sendo favorecidas por processos fonológicos em nível segmental, reduziriam em ambiente fonológico segmental favorável. Vê-se que isso não ocorre. As

formas plenas apresentam-se levemente favorecidas por consoantes (PR .57), mas mostram favorecimento neutro por vogais (PR .51), e não são favorecidas por pausa (PR .32).

Foram encontradas formas com erosão fonológica em contexto fonológico segmental favorável e não-favorável, e nas mais variadas posições da palavra: início, meio e final, portanto, os resultados evidenciam que embora tenhamos a ocorrência de processos fonológicos em nível segmental, não são estes que condicionam ou restringem a realização de formas plenas ou reduzidas de *a gente*.

3.1.7. Tipo de fonema seguinte

Após observarmos que todos os constituintes fonêmicos de *a gente* são passíveis de sofrerem perdas graduais, o que leva à ocorrência de formas reduzidas e plenas, com base na observação de Di Christo (1996, p. 374) de que a maior influência sobre a duração de uma forma não está em seus traços intrínsecos, mas no ambiente em que se encontram, levantamos a seguinte questão: Seriam as formas reduzidas / plenas aqui investigadas resultantes do ambiente fonológico em que se encontram? Em caso afirmativo, o *tipo de fonema seguinte* favoreceria ou restringiria a realização dessas formas?

Segue a próxima tabela com os valores obtidos.

TABELA 8
A GENTE & O CONTEXTO SEGUINTE

CONTEXTO SEGUINTE (I)	PLENA			REDUZIDA		
	No.	%	PR	No.	%	PR
CONSOANTE	$\frac{80}{246}$	32	.51	$\frac{166}{246}$	67	.49
NADA DISSO	$\frac{24}{28}$	85	.37	$\frac{4}{28}$	14	.63
VOGAL	$\frac{27}{43}$	62	.56	$\frac{16}{43}$	37	.44

Os ambientes fonológicos com a forma seguida por vogal, consoante e nada disso são ilustrados abaixo respectivamente com formas reduzidas e plenas:

(137) a. ... É... Tem que fazê tudo rápido... *a gente* [v'ʒẽʃ] acaba perdeno isso.
(E1-40JS)

(138) ...mas nem sempre é esse efeito que *a gente* [ˈẽtʃ] qué... (E2-44JS)

(139) *A gente* [v'ʒẽʃii] ... tá sempre... brincando... conversano... criano momento bacana... (E6-15JS)

A análise desse tipo de ocorrência, conforme a tabela 8, mostra que em um total de 246 casos de formas plenas e reduzidas, 67%, ou seja, 166 casos foram de reduzidas

seguidas por consoantes. Apesar desse alto percentual de formas reduzidas de *a gente* neste contexto fonológico, o programa estatístico revela que essas formas não são favorecidas nem por consoantes (PR .49), nem por vogais (PR .44); mas pelo subfator ‘nada disso’ (que no caso é igual a pausa).

Mostra-nos também que em um total de 43 casos de ocorrências seguidas por vogais, apenas 37%, ou seja, 16 casos foram de formas reduzidas de *a gente*; sendo que o maior percentual (62%, equivalente a 27 ocorrências) dá-se com formas plenas. Mais uma vez os pesos relativos indicam que nem consoantes (.51), nem vogais (.56), nem mesmo pausa (.37) favorecem as ocorrências das formas reduzidas de *a gente*.

Portanto, esse resultado indica, conforme já hipotetizado neste trabalho, que as ocorrências reduzidas de *a gente* parecem ser condicionadas por fatores extrassegmentais.

3.1.8. Função sintática

Se por um lado é o traço de genericidade da forma lexical *gente* que favorece sua gramaticalização enquanto forma pronominal, por outro, este processo parece *encaixar-se* em outro ainda mais amplo. Consta na literatura linguística (cf. Menon (1995, 1996), Lopes (2004), Zilles (2005, 2007) , Omena (2003)) que a gramaticalização da forma pronominal *gente* é mais uma das alterações no paradigma pronominal que tem início com a alteração da forma da 2ª pessoa (Vossa Mercê> você). Isto é, ao gramaticalizar-se como forma pronominal, a forma Vossa Mercê o faz assumindo a forma verbal de 3ª pessoa, movimento conhecido como ‘A Revolução da 3ª. Pessoa’, no qual ocorre o

declínio do sujeito nulo e o aumento de forma pronominal plena na posição de sujeito. Tal se daria pela perda da marca de pessoa no paradigma verbal (cf. Duarte, 2000). Estaria aberto, assim, o espaço para a entrada de outras formas no espaço pronominal, como a de *a gente*.

Uma vez atestada a gramaticalização de *a gente* enquanto forma pronominal (cf. Lopes (1999; 2004, Maia (2003), Zilles (2002; 2004)), é de se esperar que as formas plenas apresentem altos percentuais não só na função de sujeito, mas também em outras funções. Por sua vez, clíticos têm restrições de funções sintáticas, assim, espera-se que as formas reduzidas de *a gente* apresentem maiores valores em posição de sujeito, visto que, segundo Vitral & Ramos (2006), clíticos não podem ocorrer nas seguintes posições: pós-verbal; posposto; preposto (ou topicalizado); em complemento de preposição; em coordenação. Portanto, espera-se que, se as formas reduzidas de *a gente* forem clíticas, não haverá ocorrências de formas reduzidas nessas posições.

Spencer (1991) postula ainda que clíticos são passíveis de serem restritos a uma posição específica na sentença ou a uma categoria lexical; e podem ter a mesma função sintática que palavras plenas.

Inicialmente foram codificados e rodados os dados observando a ocorrência das formas plenas e reduzidas de *a gente* nas posições de sujeito, objeto de preposição, objeto de V (verbo) e nada disso (ou outras). Contudo, o GoldVarb apresentou knockout, pois só foram encontradas formas reduzidas em posição de sujeito, quando muito isoladas (outras), o que inclusive está de acordo com Vitral (1996). Desse modo, para proceder-se à obtenção dos pesos relativos desse fator e a sua observação em relação aos demais fatores, optou-se por recodificar e analisar os dados apenas quanto à posição de 'sujeito' e 'outras'.

Exemplificam ocorrências de forma plena e reduzida de *a gente* encontradas respectivamente nessas posições:

(140) a. Quando a idade fô... fô avançano... *a gente* [v: 'ʒêŋ] já num tem condição de andá sozim... (E20-73IF)

b. Não, porque... *a gente* [ˈêŋɪ] fica venu no jornal, né? (E7-61JF)

(141) a. Isso depende da *gente* [v: 'ʒêŋ] mesmo. (E3-48JF)

b. ... *a gente* [ˈêŋɪ]... (E7-61JF)

Seguem-se os resultados apresentados pelo GoldVarb 2001:

TABELA 9
FORMAS PLENAS E REDUZIDAS DE *A GENTE* X FUNÇÃO SINTÁTICA

FUNÇÃO SINTÁTICA	PLENAS			REDUZIDAS		
	No.	%	PR	No.	%	PR
SUJEITO	$\frac{179}{274}$	65	.47	$\frac{95}{274}$	34	.53
OUTRAS	$\frac{38}{43}$	88	.71	$\frac{5}{43}$	11	.29

A tabela 9 mostra que o maior percentual de formas reduzidas de *a gente* é com a função de sujeito (34%), sendo o peso relativo neutro (PR .53) em relação ao

favorecimento da ocorrência dessas formas. Contudo, em se tratando de outras posições, o percentual é baixo (11%), sendo que o peso relativo (PR .29) mostra que há restrições quanto à ocorrência de formas reduzidas de *a gente* em posições de não-sujeito.

Por outro lado, as formas plenas de *a gente* têm alto percentual de ocorrência em todas as posições sintáticas, tanto como sujeito (65%), quanto como outras posições (88%). Os pesos relativos evidenciam que o espaço das outras funções (pós-verbal; posposto; preposto_ ou topicalizado_ em complemento de preposição; em coordenação) são preferenciais das formas plenas (PR .71), e que a função de sujeito já está perdendo espaço para as formas reduzidas (PR .47, quase meio a meio com as formas reduzidas (PR. 53).

Esses resultados são indicativos de que as formas reduzidas de *a gente* são clíticas, visto que corroboram o que dizem Vitral & Ramos (2006), ou seja, que clíticos não podem ocorrer nas seguintes posições: pós-verbal; posposto; preposto (ou topicalizado); em complemento de preposição; em coordenação; bem como sobre o que postula Spencer (1991): clíticos são passíveis de serem restritos a uma posição específica na sentença ou a uma categoria lexical; e podem ter a mesma função sintática que palavras plenas.

Desse modo, a partir do que postula Spencer (1991), que as formas clíticas são passíveis de serem restritas a uma posição específica na sentença ou a uma categoria lexical, podendo ter a mesma função sintática que palavras plenas, podemos dizer que esses resultados estão em conformidade com a tendência de próclise do Português Brasileiro, e apontam para o aumento de forma pronominal na posição de sujeito no

Português Brasileiro (movimento conhecido como ‘A Revolução da 3ª. Pessoa’, (cf. Duarte, 2000).

Esses índices corroboram o caráter clítico das formas reduzidas de *a gente*, levando-nos a correlacioná-los à proposta de Galves (2001), retomada por Duarte (2005) segundo a qual os clíticos são feixes de traços de concordância, ou seja, devem ser checados via Spec, DP ou Spec,VP (cf. Gelderen e MacSwan, 2008).

Podemos ainda reconhecer através dos índices obtidos uma outra característica da gramaticalização apontada por Lehmann (1982) que é a *sintaticização*, segundo a qual “ um item recorrente no discurso começa a adquirir propriedades que o deslocam de sua classe categorial de origem, procedendo a uma recategorização”. Nas palavras de Hopper (1991), trata-se de formas plenas e reduzidas refletirem diferentes graus de gramaticalização da forma *a gente*, em conformidade com um dos princípios que propõe para a gramatização: a *divergência*.

A seguir, vejamos os valores obtidos quanto ao fator *Faixa Etária*.

3.1.9. Faixa Etária

Os resultados a seguir foram obtidos mediante observação do uso das ocorrências das formas plenas e reduzidas de *a gente* por informantes de três faixas etárias: Faixa Etária: **Jovens** (18 a 35 anos); **Medianos** (36 a 50 anos); **Idosos** (> 50).

São ocorrências que exemplificam respectivamente essas três faixas etárias:

(142)a. ... *A gente* [’ëtʃ] ε] muito diferente. (E7-61JF)

b. ...mas que num tem uma segurança apropriada pra que *a gente* [ɐ'ʒẽj] possa usufruir daquele local. (E1-40JS)

(143)a. Então era uma... *a gente* [ˈʒẽj] era muito cobrado. (E10-42MS)

b. Boa! *A gente* [ɐ'ʒẽtʃɪ:] valorizava muito os professores... (E10-42MS)

(144)a. Que depois nem andá sozim *a gente* [ə'hẽt] passa a num andá mais. (E20-73IF)

b. ... qualquer lugar do mundo que *a gente* [ɐ'ʒẽtʃɪ] vá, vai tê... problema de saúde, problema de criminalidade... (E17-16IS)

Conforme vimos nos critérios de análise, o fator *faixa etária* é que nos informará se estamos diante de *mudança em progresso*, *variação estável* ou mesmo se já houve implementação da mudança, a partir da análise *em tempo aparente*, conforme a Teoria da Variação (cf. Weinreich, Labov & Herzog, 1968 e Labov, 1994; 2001), segundo a qual, “o percurso histórico de uma forma pode ser capturado através de análise quantitativa”, conforme apontam Vitral & Ramos (2006, p. 10).

A próxima tabela nos informa os índices apresentados pelo GoldVarb:

TABELA 10
FAIXA ETÁRIA

FAIXA ETÁRIA	PLENAS			REDUZIDAS		
	No.	%	PR	No.	%	PR
JOVENS	$\frac{110}{160}$	68	.54	$\frac{50}{160}$	31	.46
MEDIANOS	$\frac{60}{90}$	66	.48	$\frac{30}{90}$	33	.52
IDOSOS	$\frac{47}{67}$	70	.44	$\frac{20}{67}$	29	.56

A tabela 10 nos mostra valores bastante interessantes. Em percentuais, as formas reduzidas estão sendo mais usadas pelos medianos (33%); valor imediatamente seguido pelos jovens (31%), e pelos idosos (29%). Por sua vez, as formas plenas têm mais uso entre os idosos (70%), valor bem próximo ao uso feito pelos medianos (66%) e pelos jovens (68%).

Como podemos ver na tabela 10, os valores em percentuais estão muito próximos uns dos outros, não nos fornecendo um perfil claro da atuação dos falantes no *tempo aparente*.

Vejamos esse perfil de uso de formas plenas e reduzidas de *a gente* em percentuais no próximo gráfico:

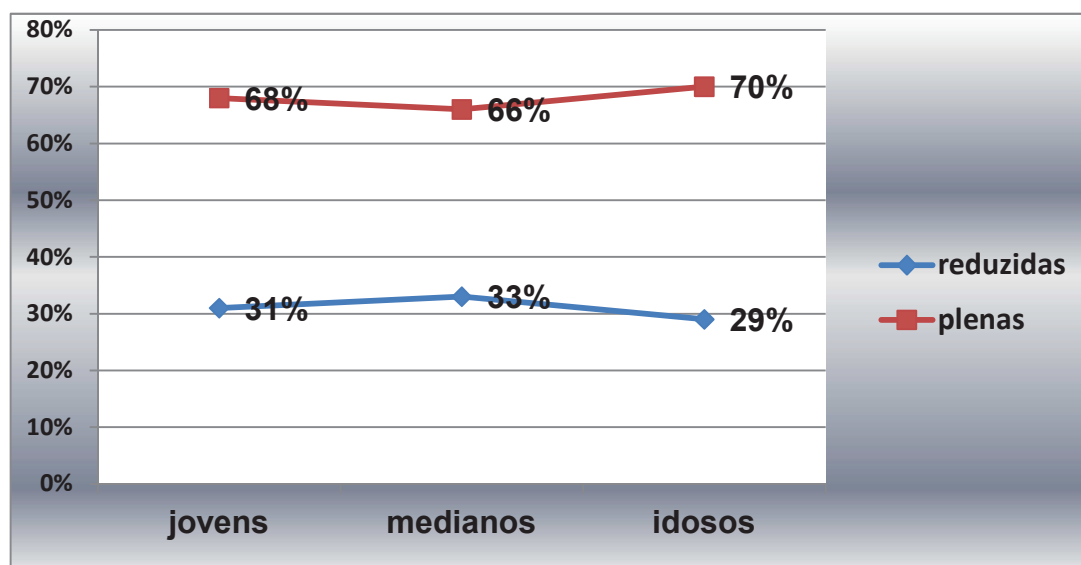


Gráfico 2 - Formas plenas e reduzidas de *a gente* conforme a Faixa Etária em percentuais

Vejam os dados que nos informam os pesos relativos obtidos a partir da análise multivariada feita pelo GoldVarb. O maior peso relativo apresentado para as formas reduzidas de *a gente* foi da faixa etária dos idosos (PR .56), sendo seguido de perto pelos medianos (PR .52), com o valor de menor probabilidade de uso pertencente à faixa etária dos jovens (PR .46). Já em relação às formas plenas de *a gente*, são os jovens que apresentam o maior peso relativo (PR .54), vindo em seguida o valor probabilístico de aplicação da regra variável dos medianos (PR .48), que é acompanhado com um diferencial de apenas (0.04) pelos idosos (PR. 44).

Interessante é que tanto os idosos apresentam peso relativo levemente favorável à ocorrência das formas reduzidas (PR .56), quanto os jovens mostram leve favorecimento em relação às formas plenas (PR .54), ou seja, o programa probabilístico nos informa que o uso de formas plenas diminui à medida que a faixa etária aumenta. Agora poderemos visualizar no próximo gráfico o perfil de uso de formas plenas e reduzidas, em pesos relativos:

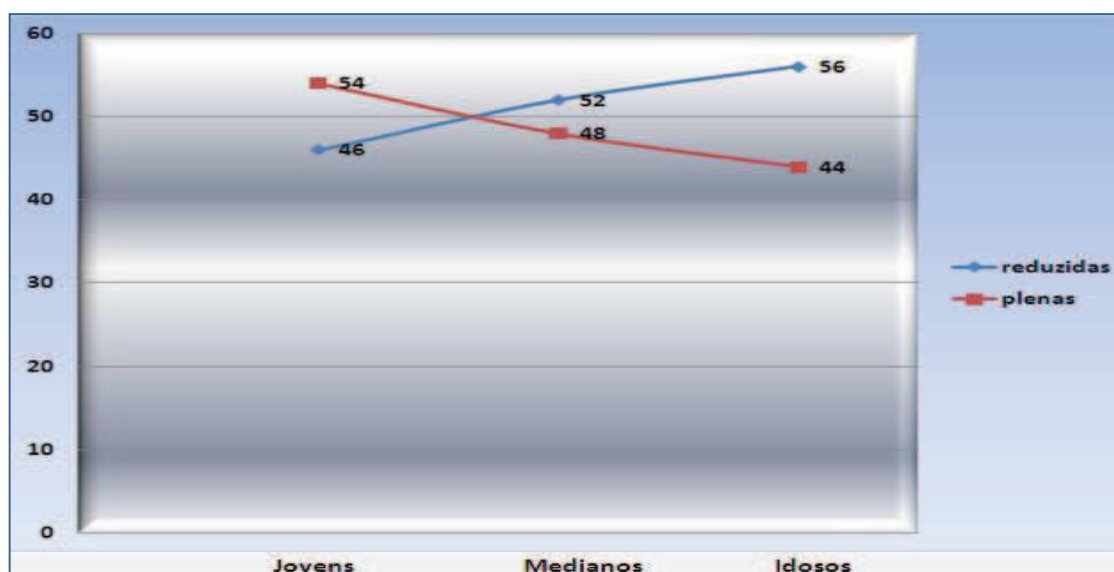


Gráfico 3 - Formas plenas e reduzidas de *a gente* conforme a Faixa Etária em pesos relativos

Como pode ser observado, o gráfico elaborado a partir dos pesos relativos obtidos apresenta o perfil de *mudança em progresso*, verificando-se cruzamento no primeiro período. O comportamento dos idosos é levemente ascendente em relação ao uso da variante inovadora forma reduzida de *a gente*. Conclui-se que no dialeto mineiro a variante forma plena é conservadora. Esse fator, curiosamente, não foi selecionado pelo programa Varbrul.

Esse resultado foi muito interessante, pois nos mostra que o comportamento de jovens e adultos em relação ao uso das formas plenas e reduzidas de *a gente* é inversamente proporcional. Tal fato nos remeteu a uma das características da gramaticalização, a qual temos conjecturado que está agindo no fenômeno aqui investigado: a *especialização*.

Para verificarmos essa hipótese, observamos se a forma reduzida está passando de [- específica] para [+específica], fazendo o cruzamento do tipo de referência e faixa etária. Para isto, os dados foram separados em dois grupos. Somente formas com referência [+específica] de um lado, e com referência [-específica] de outro. Seguem-se os resultados obtidos na próxima tabela:

TABELA II
FAIXA ETÁRIA X TIPO DE REFERÊNCIA

Faixa Etária	Referência [+específica]						Referência [-específica]					
	Forma reduzida			Forma plena			Forma reduzida			Forma plena		
	No.	%	PR	No.	%	PR	No.	%	PR	No.	%	PR
J	31/81	38	.47	50/81	61	.53	19/79	24	.49	60/79	75	.51
M	12/29	41	.43	17/29	58	.57	18/61	.29	.56	43/61	70	.44
I	3/25	52	.68	2/25	48	.32	7/42	16	.44	35/42	83	.17

A tabela 11 acima nos informa que as formas reduzidas com referência mais específica têm maior probabilidade de ocorrência entre os idosos (PR .68) do que os medianos (PR. 43) e os jovens (PR .47). Por sua vez, são os medianos e os jovens que têm as maiores probabilidades de uso das formas reduzidas com referência menos específica (PR .56 e .49, respectivamente), sendo os idosos quem apresenta menor índice probabilístico (PR .44) . Estes valores nos dão o seguinte perfil:

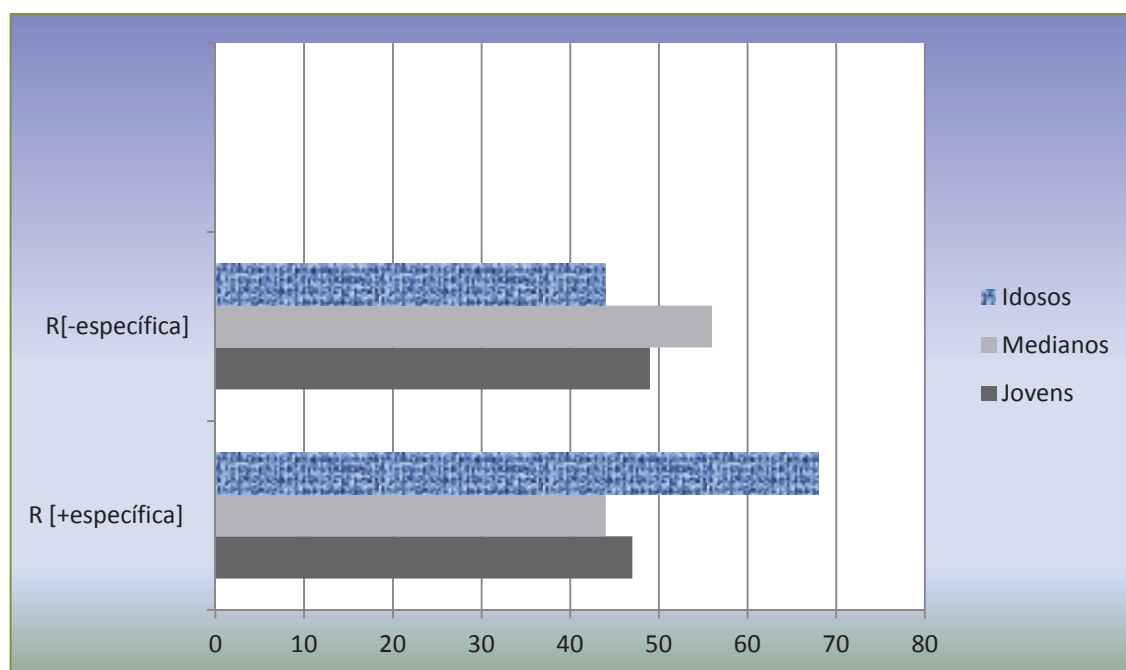


Gráfico 4 – Probabilidade de uso de formas reduzidas com referência
[± específica]

Podemos interpretar pelo gráfico 4 que os idosos aplicam mais a referência [+específica] às formas reduzidas, ao contrário de medianos e jovens, que mostram maior favorecimento à referência [-específica]. Isso faz sentido uma vez que são os

idosos que estão favorecendo a mudança de forma plena (conservadora) para forma reduzida (inovadora) adiante (conforme resultado da tabela 10) e que o tipo de referência que favorece a progressão da mudança é a [+específica] conforme a tabela 2.

Esse resultado parece ir contra o cline da gramaticalização, segundo o qual uma forma lexical, ao gramaticalizar-se perde massa fonética e perde em especificidade. Contudo, devemos lembrar que, se formas [+específicas] tornam-se [-específicas], por ser a forma *a gente* originariamente genérica, o esperado é que ao sofrer reanálise, ou seja, ao transitar para outra categoria, passe de [-específica] para [+específica].

Vejam, a seguir, como essa mudança se configura a partir do fator *escolaridade*.

3.1.10. Escolaridade

Através da verificação desse fator esperamos encontrar evidências do valor social atribuído ao uso de formas plenas e reduzidas de *a gente* no dialeto mineiro.

São ocorrências de formas plenas e reduzidas de *a gente* respectivamente com informantes de escolarização fundamental e superior:

(145) Assim como nós, tamém, né?... por mais que aconteça as coisas *a gente* [ə'ʒẽf] num [ũ]pode deixá que a ... que a infelicidade nos pegue. (E13-74MF)

(146) Aí aconteceu um problema com ele lá. *A gente* [ɐ'ʒẽtʃi], nós tivemo que chamá o reboque... (E1-40JS)

(147) ... e depois que... que eu tive o... o meu filho... que aí *a gente* [‘ʒëtʃ] passa a prestar mais atenção nessas coisas né... (E8-17JF)

(148) ... Sábado de manhã não é bom mesmo não. *A gente* [ə’ʒẽ] já anda cansado. (E22-29IS)

Consta na literatura linguística que a escolaridade leva à ideia de que a “boa fala” é que se dá como a escrita (ou seja, sem reduções, sem alterações), o que pode estar influenciando o comportamento dos informantes observados.

Além do valor da escrita veiculado pela escola, outro fator que merece atenção nesse momento é a influência da escolarização sobre a consciência fonológica. Assim, conforme trabalhos nessa área relatam, quanto maior o tempo de escolarização, maior o controle do falante sobre a forma que produz (cf. Omena, 2003; Moura, 2008; Zilles, 2007).

A tabela 12 a seguir apresenta os resultados obtidos.

TABELA 12
DISTRIBUIÇÃO DE FORMAS PLENAS E REDUZIDAS DE
A GENTE X ESCOLARIDADE

ESCOLARIDADE	PLENAS			REDUZIDAS		
	No.	%	PR	No.	%	PR
SUPERIOR	$\frac{133}{182}$	73	.55	$\frac{49}{182}$	26	.45
FUNDAMENTAL	$\frac{84}{135}$	62	.44	$\frac{51}{135}$	37	.56

Os índices percentuais da tabela acima nos mostram que os informantes de nível fundamental de escolaridade fazem mais uso das formas reduzidas de *a gente* (37%, em relação a 26% de uso feito pelos de nível superior). É também no nível fundamental que se encontra o maior peso relativo, o qual indica leve favorecimento ao uso das formas reduzidas (PR .56).

Em comparação, em percentuais, as formas plenas mostram-se mais usadas pelos informantes de nível superior (73%, em relação a 62% de uso no nível fundamental). Os pesos relativos confirmam os percentuais: PR .55 no nível superior (levemente favorável) e PR .44 no nível fundamental, valor que indica não favorecimento de uso das formas plenas.

Os pesos relativos de realização das variantes mostram-se também inversamente proporcionais, evidenciando que há um comportamento inverso quanto ao favorecimento do uso das formas plenas e reduzidas de *a gente*, sendo, portanto, o fator escolaridade estatisticamente revelador do valor social atribuído à variação dessas formas no dialeto mineiro, a partir dos dados da comunidade belorizontina. O percentual de uso indica que há uma certa valorização por parte da escola às formas plenas. Dizemos isso levando em consideração que são os idosos que estão levando a implementação das formas reduzidas de *a gente* adiante (conforme tabela 10, da *faixa etária*), o que a caracteriza como uma mudança do tipo denominada *from below*, na qual em geral estão envolvidas diferentes motivações e diferentes distribuições sociais. De desenvolvimento considerado espontâneo, esse tipo de mudança surge dentro da própria comunidade de fala, de maneira que geralmente os falantes não têm, ou têm pouca consciência da mudança em seu estágio inicial. Daí os índices probabilísticos de aplicação da regra variável mostrarem comportamento inverso, o que é indicativo de certa estigmatização do uso de formas reduzidas.

A seguir, vejamos como se dá o comportamento de *a gente* à luz da Fonologia.

3.2. Resultados da Análise Acústica

A próxima seção visa a apresentar os resultados das verificações feitas sobre as realizações acústicas das formas de *a gente* a partir do instrumental da Teoria Acústica, a qual foi operacionalizada com o uso do programa PRAAT, bem como a levantar uma série de questões que ainda demandam investigação.

3.2.1. A aferição acústica

Esta seção tem sua origem a partir da hipótese inicial levantada em nossas buscas, de que as formas reduzidas de *a gente* seriam indicativas de um novo estágio em seu percurso de gramaticalização, o da *cliticização*, conforme previsto logo após a pronominalização na escala de Hopper & Traugott (1993), segundo a qual inicialmente um *item lexical* torna-se um *item gramatical*, realiza-se em seguida como *clítico*, para, em um último estágio, tornar-se um *afixo*.

Até aqui temos falado e observado as formas plenas e reduzidas de *a gente*, visualizando-lhes as realizações fonéticas e buscando comprovar-lhes as diferenças de comportamento sintático que lhes evidencie os *status* de forma pronominal ou clítica.

Conforme vimos no trabalho de Ciríaco, Vitral & Reis (2004), é necessário buscarmos evidências que confirmem se uma forma é clítica ou não também a partir de dados numéricos, mensurando-lhe a duração, e quando possível, a intensidade.

É levando tudo isso em consideração que passamos à etapa de descrição das investigações feitas com os dados acusticamente⁶⁰.

A análise acústica das entrevistas sociolinguísticas foi realizada seguindo a proposta de Ciríaco, Vitral & Reis (2004)⁶¹, também discutida em Vitral (2006). Uma vez identificadas as ocorrências nas falas de cada informante por meio do programa PRAAT, cada forma de *a gente* foi selecionada, medida e classificada em plena ou reduzida conforme critério já mencionado neste trabalho. Foram aferidos dados de 24 informantes. Esse procedimento proporcionou a obtenção dos valores da duração de cada forma encontrada.

Estes índices são apresentados a seguir:

TABELA 13
VALORES DA DURAÇÃO DE FORMAS PLENAS E REDUZIDAS DE *A GENTE* POR INFORMANTES

INFORMANTE	FORMA PLENA	FORMA REDUZIDA	INFORMANTE	FORMA PLENA	FORMA REDUZIDA
	Médias de duração (ms)			Médias de duração (ms)	
E1	269	251	E13	248	163
E2	298	217	E14	349	–
E3	279	238	E15	323	210
E4	347	267	E16	278	171
E5	310	–	E17	307	–
E6	352	228	E18	357	–
E7	382	268	E19	–	161
E8	430	281	E20	320	146
E9	275	98	E21	398	–
E10	357	195	E22	373	242
E11	309	217	E23	325	209
E12	273	226	E24	316	175

⁶⁰ A parte acústica teve suporte teórico em Picket (1998).

⁶¹ Ver síntese desses trabalhos no estado da arte.

A tabela acima apresenta a média de duração da forma plena ou reduzida de *a gente* por informante, resultante do número da soma dos valores de duração do total de formas plenas e reduzidas produzidas por cada informante dividido pelo seu número de tipo de ocorrência. Por tratarem-se de entrevistas sociolinguísticas, nem sempre os informantes realizam todas as formas, como pode ser visto acima (informantes (E5, E17, E18 e E21, que não realizaram nenhuma forma reduzida; e E19, que não realizou nenhuma forma plena).

Os valores obtidos acima podem ser visualizados a partir do seguinte gráfico:

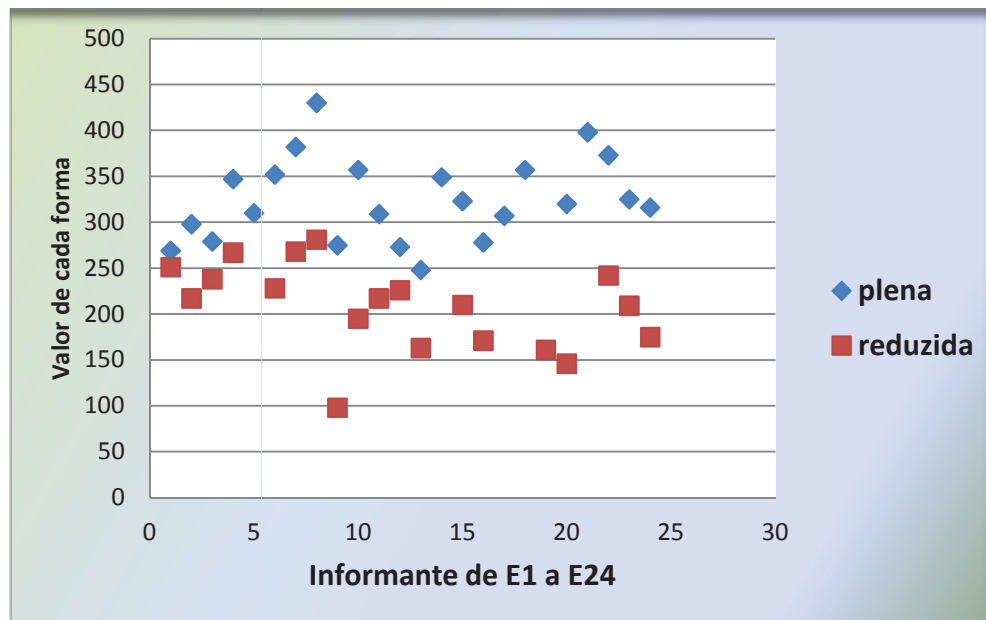


Gráfico 5 - Dispersão de formas plenas e reduzidas de *a gente*

O gráfico 5 acima nos permite interpretar que formas reduzidas possuem índices de realização abaixo das formas plenas. Isso pode ser indicativo de que a diferença visualizada é relevante.

Tendo em vista a hipótese de que a forma sonora reduzida de *a gente* reflete uma redução de sua massa fonética, fomos em busca da diferença entre as médias das formas plenas e das formas reduzidas por informantes. Segue a tabela com os números encontrados:

TABELA 14
DIFERENÇA ENTRE AS MÉDIAS DE DURAÇÃO EM
(MS) POR INFORMANTE

INFORMANTE	DURAÇÃO	INFORMANTE	DURAÇÃO
E1	18	E13	87
E2	81	E14	113
E3	41	E15	107
E4	80	E16	107
E5	–	E17	–
E6	124	E18	–
E7	114	E19	–
E8	149	E20	174
E9	177	E21	–
E10	180	E22	131
E11	92	E23	116
E12	47	E24	141

De acordo com a tabela 14 acima, temos informantes que realizam formas reduzidas e plenas com uma diferença mínima entre uma e outra (como o informante E1, cujo índice deu 18ms de diferença entre as formas plenas e reduzidas que usa). Outros já apresentam um índice que ultrapassa o valor que obtivemos no *corpus* referente à realização de uma forma reduzida, como o faz o informante E10.

Desse modo, antes de prosseguirmos rumo ao nosso alvo de responder à indagação quanto a ser relevante ou não a diferença encontrada em milésimos de segundos (*ms*) entre formas plenas e reduzidas de *a gente*, precisamos fazer algumas considerações. Primeiro, até que ponto a diferença entre dois segmentos é perceptualmente relevante?

Esse é o questionamento presente em Lehiste (1970), que todavia não postula uma resposta conclusiva, devido em parte à diversidade de metodologias que utiliza e os objetivos dos experimentos que realiza. Entretanto, existe uma posição, generalizável, segundo a qual uma diferença de duração de 20 ms entre dois segmentos não é relevante do ponto de vista perceptual e pode ser considerada não significativa (conforme Reis, comunicação pessoal).

Sobre os índices obtidos na tabela 14 acima, depreendemos o comportamento de cada informante em relação ao fenômeno em análise, porém, isoladamente estes não são suficientes para tirarmos conclusões sobre o fenômeno. Precisamos então observar esses resultados em relação à amostra da comunidade de fala aqui analisada. Para isto, buscamos verificar a partir das médias obtidas na tabela 13 se a diferença entre todas as formas plenas e todas as formas reduzidas é significativa.

Para isto, foram também somados todos os valores de formas plenas e de formas reduzidas e observadas as suas médias, conforme tabela abaixo:

TABELA 15
VALORES DA DURAÇÃO DE FORMAS PLENAS E REDUZIDAS: MÉDIAS E DIFERENÇAS

FORMAS	Média	Mínimo	Diferença das médias	Diferença dos mínimos
PLENAS	328ms	150ms	111ms	47ms
REDUZIDAS	217ms	103ms		

A tabela 15 nos informa que das 217 ocorrências de formas plenas de *a gente* a média de duração é de 328ms; ou seja, cada forma plena de *a gente*, se produzida exatamente igual, teria esse valor. Por outro lado, ao extrairmos a média de duração de cada uma das 100 ocorrências de formas reduzidas de *a gente* realizadas em milésimos de segundos, encontramos o índice de 217ms.

É interessante ainda observarmos a partir da tabela 15 que a menor forma plena de *a gente* produzida no *corpus* teve duração de 150ms. E que a menor forma reduzida de *a gente* produzida no *corpus* teve duração de 103ms. Esses dados mostram que as formas reduzidas de *a gente* apresentam uma diferença de 111ms de duração a menos em relação à média de microssegundos de realização de suas formas plenas. Também em relação aos valores mínimos, as formas reduzidas apresentam um valor diferencial de 47ms a menos do valor mínimo de ocorrência das formas plenas.

Assim como observado por Ciríaco, Vitral & Reis (2004), esta parte do estudo permitiu a obtenção de valores que mostram que há uma diferença entre a média de duração das formas reduzidas e plenas de *a gente* (111ms). Isso atesta que há reduções fonéticas relevantes no processo de gramaticalização de *a gente*.

Desse modo, a partir das evidências acústicas observadas, chegamos a fortes evidências de que a forma *a gente* encontra-se, segundo Hopper & Traugott (1993), em fase de *cliticização*; ou seja, suas formas reduzidas comportam-se como *clíticos*.

Todavia, conforme temos defendido no presente trabalho sobre a integração de diferentes perspectivas de análise, ainda é preciso uma investigação do comportamento morfossintático de formas plenas e reduzidas. Para isso, a seguir fazemos uma explanação sobre a proposta teórico-metodológica formalista assumida na investigação da *gramaticalização* de *a gente* no presente trabalho a partir de Gelderen e Macswan (2008), que por sua vez se pauta nos pressupostos do Programa Minimalista (Chomsky, 1995).

3.3. Contribuições do Programa Minimalista

O resultado obtido quanto aos fatores *Realização de 'a'* e *Referência* foi bastante interessante. Isso porque era de se esperar que ao deixar de realizar 'a' a forma *a gente* se tornasse mais genérica, uma vez que a partícula 'a' possuía um resíduo do traço [+dêítico] do artigo. Vamos, portanto, nesta seção, fazer algumas reflexões formais que trarão mais esclarecimentos.

Primeiro, vejamos nossos embasamentos para essas reflexões formais. Gelderen e Macswan (2008, p. 766), nos contam que no Programa Minimalista⁶² (Chomsky, 1995), todos os parâmetros estão codificados no léxico, sendo que há dois componentes centrais, um sistema computacional para as línguas humanas, considerado sem variação em todas as línguas naturais, e um léxico, ao qual são atribuídas as idiossincrasias observadas.

A estrutura oracional também é vista como derivada no Programa Minimalista. Uma operação, denominada *Select*, pega os itens do léxico e os introduz em um arranjo lexical. Outra operação, *Merge*, retira os itens desse arranjo e forma novos objetos sintática e hierarquicamente organizados (subestruturas). A operação *Move* é aplicada a propriedades de objetos formados por *Merge* para construção de novas estruturas. Portanto, no Minimalismo, estruturas são construídas derivacionalmente por meio da aplicação dessas três operações: *Select*, *Merge* e *Move*, restringidas apenas pelos traços codificados lexicalmente durante a derivação. O resultado da derivação são a Forma Fonológica (PF) e a Forma Lógica (LF), ambas são níveis de interface.

Movimentos podem dar-se por checagem de traços, e podem ser de dois tipos. Um núcleo pode mover-se para outro núcleo e juntar-se a este, ou uma projeção máxima pode mover-se para posição de especificador da oração. Há diversos tipos de traços: semânticos, fonológicos e formais. Traços formais são relevantes à sintaxe e podem ser intrínsecos ou opcionais, interpretáveis ou ininterpretáveis. Traços intrínsecos são explicitamente listados na entrada lexical ou diretamente determinados pela entrada lexical do item e incluem traços de categoria, traços de atribuição de caso e pessoa do verbo, e de gênero dos nomes. Traços opcionais são acrescentados arbitrariamente e

⁶² É feita nessa seção uma explicação de conhecimentos básicos sobre o Programa Minimalista a partir do texto em inglês de Gelderen e MacSwan (2008, p.766).

preditos pelos princípios da UG (ou GU, Gramática Universal), tais como traços de tempo e de concordância dos verbos e de número dos nomes. O traço de EPP (Princípio de Projeção Extendida) garante que sujeitos movam a Spec de TP.

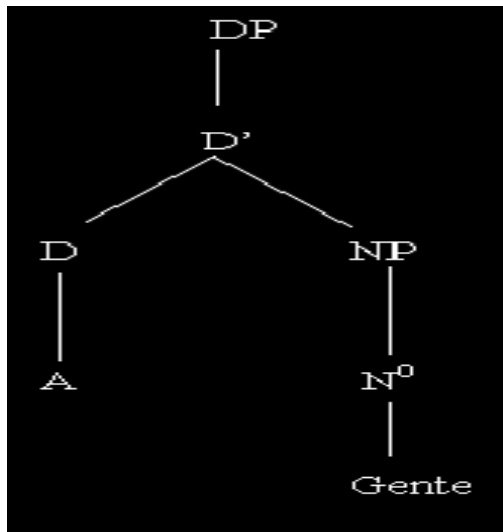
Traços não interpretáveis geram movimento, enquanto que os interpretáveis não geram, e são relevantes na explicação de muitos fenômenos antes tratados separadamente. Por exemplo, um DP tem um único traço de Caso não interpretável, e esses traços justificam a inclusão de categorias funcionais no arranjo lexical e favorecem o movimento dentro de núcleos e especificadores dessas projeções.

Relacionando o exposto acima à questão inicial levantada, temos que Lopes (1999; 2004), Zilles (2002, 2005), Maia (2003) e Menon (1995; 1996) são unânimes em que a forma lexical *gente* torna-se gramatical, ou seja, assume contexto de ocorrência pronominal e passa a selecionar os elementos com os quais coocorrer, nas palavras de Lopes (1999), “quando “a forma *a gente* torna-se ‘cristalizada’ ”.

Servindo-nos da terminologia formalista, podemos dizer que a forma lexical *gente* tem a possibilidade de projetar seus traços intrínsecos (número e gênero), os quais estão explicitamente listados em sua entrada lexical; bem como de coocorrer com um DET (determinante).

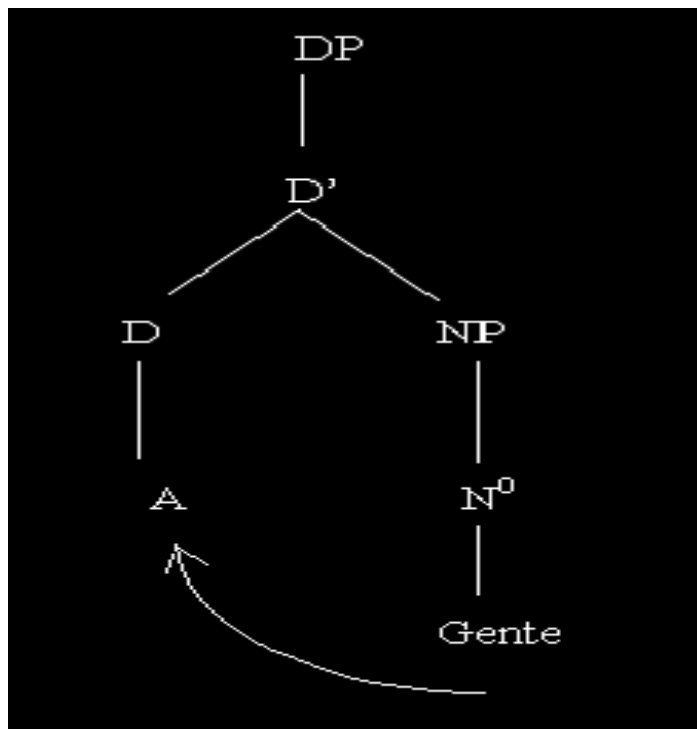
Desse modo, podemos conjecturar que a forma nominal (lexical) de *a gente* apresentaria o seguinte diagrama, o qual evidencia a presença de um espaço ocupado pelo determinante (artigo) ‘a’ :

(131)



Ao se cristalizar, ou seja, ao assumir contexto pronominal, reportando-nos à análise de Costa & Pereira (2009), podemos afirmar que *a gente* deixou de ser um DP típico, como em (131), e passou a ser um pronome. Nos termos de Gelderen (2006) teria havido um movimento do núcleo N para D, representado a seguir em (132):

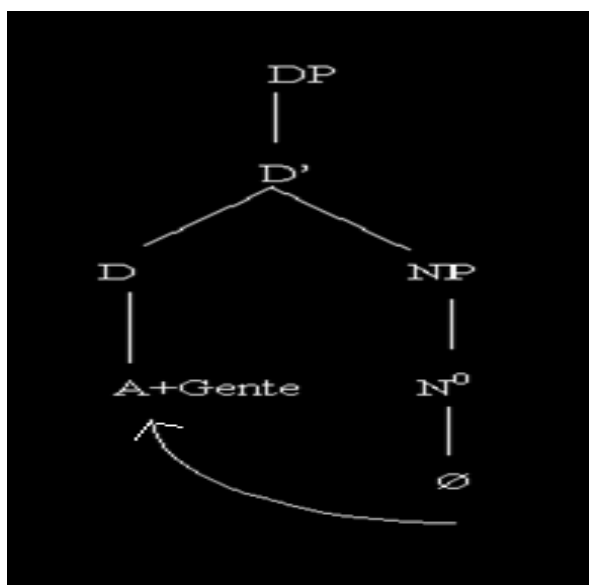
(132)



Isto explica porque ‘a’ e ‘gente’ se ‘cristalizam’ (nas palavras de Lopes, *op. cit.*). Gelderen e MacSwan (*op. cit.*) apontam que, diferentemente de nomes, pronomes têm que realizar movimento a T para checagem de traços, e que somente sendo núcleo é que podem fazê-lo.

Isso corrobora o que nos mostra Zilles, sobre a *extensão*, uma das características da gramaticalização. Podemos assim dizer que, ao passar a atuar como pronome, a forma *a gente* tem que assumir posição de núcleo de DP para realização de checagem de traços, conforme representado abaixo:

(133)



Essa explanação constitui, por sua vez, evidências contrárias ao que postula Taylor (2009), segundo o qual *a gente* é apenas aposto do NP ‘nós’. Se assim o fosse, não haveria o movimento de *a gente* para núcleo de DP, dando-lhe realização pronominal, conforme o que defendem Costa & Pereira (2010).

Contudo, por que ‘a’ desaparece? Uma explicação possível seria que a reanálise de *a gente* nominal em *a gente* pronominal acarretaria a não leitura de ‘a’ pelo sistema computacional, levando à realização de ‘gente’ sem ‘a’. Bem como outra consequência foi a redução fonológica do item ‘gente’ como ‘gent>gen> hen>’, conforme documentamos nesta tese. Temos que a forma [ɛẽ], sem o [a] inicial de *a gente* (o qual ainda se constituía como um vestígio da forma determinante *a* (originado por sua vez do latim *illa > la > a*)) passa a ocupar isoladamente o núcleo de DP, bem como o fazem todas as demais formas reduzidas.

Dessa forma, as explicações acima nos permitiram fazer uma interpretação da gramaticalização de *a gente* de sua origem lexical ao seu estágio atual de *cliticização* mediante pressupostos do modelo formalista, corroborada pela fonologia.

3.4. Mais algumas considerações

De acordo com o exposto até aqui, semanticamente, fonologicamente e sintaticamente, as formas reduzidas de *a gente* comportam-se como clíticos, visto que mostram-se átonos e amalgamados a um hospedeiro.

Se por um lado os fatores III. Tonicidade silábica precedente e VI. Tonicidade silábica seguinte mostraram-nos a atuação do módulo da Fonologia, por outro os fatores IV. Tipo de oração e VII. Função sintática foram bastante relevantes ao fornecerem-nos evidências da atuação da Sintaxe; tudo isso corroborado pelo fator I. Tipo de referência, indicativo da atuação da Semântica.

Quanto aos fatores *Tipo de Referência e Realização de 'a'*, vimos na seção anterior que tanto a realização de formas pronominais quanto a de formas clíticas de *a gente* podem ser interpretadas à luz dos princípios formalistas (Chomsky, 1995).

Contudo, outra explicação à luz da *gramaticalização* integrada à Teoria Variacionista também é possível. Levando em consideração que na escala da gramaticalização uma forma *lexical* torna-se *gramatical*, podendo continuar se gramaticalizando e tornar-se *afixo*; por último, pode vir a desaparecer; o que temos na ocorrência de formas de *a gente* sem a realização de 'a' (tabela 6) é a captura do último estágio de gramaticalização da forma determinante 'a', que pode ser compreendida conforme o esquema abaixo:

(149) latim *illa gente* > (espanhol / italiano) *la gente* > português *a gente* > \emptyset
gen[te].

As seguintes ocorrências fornecem-nos exemplos da forma latina *illa* e das demais formas do esquema acima:

(150) Qui est sine peccato, primum in *illa* lapidem mittat. (In: <http://filologia.org>)
 [Quem se sentir sem culpa, atire a primeira pedra]

(151)... la edad en que *la gente* tiene hijos aumentó (Bs As; 2008)

(152) Não aqui o...o lote era do meu cunhado / meu cunhado era solteiro aí fez a casa dele eu fiz a minha / aliás depois ele ainda vendeu a dele para minha filha e hoje *a gente* mora tudo junto por bem dizer.
 (L.C., 69, f3,BH; Maia, 2003)

(153) ... *a gente* [ɜẽ] tinha que buscá água... (E1-40JS)

Desse modo, esse trabalho corrobora o seguinte esquema de Lopes (1999; 2004):

(154) *Gente* [nome genérico] → *a gente* [pronome indefinido] → *a gente*
[pronome pessoal] (Lopes, 1999; p. 36)

No nível fonológico, Menon (1995, 1996) afirma que, em relação aos padrões acentuais do português do Brasil, a forma *a gente* pronominal passa a ser idêntico aos dos itens lexicais: isoladamente, não recebe mais intensidade 2 (‘‘), característica de locução; passa a ter intensidade 1 (‘), de vocábulo. A autora assim representa sua explanação:

a. Locução Nominal > Nome > b. Pronome
[a .’Ze~.tI] > [a .’Ze~.tI] > [a .’|e~.tI] > [a .’e~tI] > [a .e~.tI] > [e~.tI]

Partindo do princípio de que as formas reduzidas de *a gente* comportam-se como clíticos, conforme evidenciado pela análise sociolinguística e acústica nesta tese, a partir da escala de gramaticalização de Hopper & Traugott (1993), é possível propormos a seguinte reformulação em relação aos esquemas propostos por Lopes e Menon:

b. Forma Lexical > Forma gramatical > clítico
A Gente [a .’Ze~.tI] > *A Gente* [a .’Ze~.tI] > *A Gente* [-[a] / (- 1) fonema]

Dizemos, portanto, que a forma lexical *a gente* avança em seu processo de gramaticalização; inicialmente atuando como forma gramatical (como pronome

indefinido (cf. Menon, *op. cit.*)), em seguida como pronome pessoal (cf. Lopes, *op.cit.*) segue seu estágio na escala de Hopper & Traugott (1993), já comportando-se como *clítico*.

Sob a ótica da Teoria da Variação, mudanças ocorrem em sistema, ou seja, mudanças ocorrem *encaixadas*. Assim, a mudança de ‘a’ *afixo* da forma *a gente* torna-se *zero* nas formas reduzidas, favorecendo a cliticização da forma pronominal *a gente*, conforme evidenciado na análise do oitavo fator: *Realização de ‘a’* (tabela 6).

É de reconhecimento neste trabalho, por sua proposta de integração de vários instrumentos de análise e de várias correntes teóricas no estudo formal da gramaticalização (cf. Vitral & Ramos, 2006) que não só os componentes fonológicos da gramática têm a capacidade de caracterizar uma forma enquanto lexical ou clítica, ou afixo, mas também os módulos da semântica e da sintaxe coatuam nesta caracterização.

Retomemos, então, o comportamento sintático das formas clíticas de *a gente*, conforme o fator IV. Função Sintática. A análise desse fator mostrou (tabela 9, p. 146) que na maioria dos dados as formas de *a gente* ocorrem em posição de sujeito. Isso está de acordo com o critério sintático apresentado por Vitral (1996), segundo o qual clíticos podem ocorrer em posição de sujeito.

Segue um exemplo a partir dos dados:

(155) É... *A gente* [ə'ẽtʃ][i]madurece... né? (E24-19IF)

Nesta posição podemos ter, portanto, todas as possibilidades de formas reduzidas de *a gente*: [‘zẽtʃI] / [‘zẽtʃ] / [e:’zẽ] / [e’zẽ] / [ə’zẽ] / [e’zẽtʃ] / [e’zẽʃ] / [e’hẽ] / [ə’hẽ] / [‘zẽt] / [‘zẽʃ] / [‘hẽʃ] / [e’ẽtʃ] / [e:’ẽʃ] / [ə’ẽʃ] / [‘ẽtʃi] / [‘ẽtʃI] / [‘ẽtʃ] / [‘ẽʃ] / [e’ẽ] / [‘zẽ], as quais passamos a considerar como clíticas.

Ainda segundo Vitral (1996) as formas reduzidas de *a gente*, sendo clíticas, têm suas ocorrências restringidas em outras posições (pós-verbal, posposto, topicalizado, como complemento de preposição, como resposta isolada, ou em coordenação). De fato, este foi o resultado encontrado na análise do fator IV. Função Sintática, o qual também corrobora o que diz Spencer (1991), ou seja, que clíticos são formas passíveis de serem restritas a uma posição específica na sentença ou a uma categoria lexical; sendo que podem ter a mesma função sintática que palavras plenas.

A questão que levantamos é: seriam as formas reduzidas de *a gente* movidas para junto do verbo para checagem de traços- Φ (phi-traços gramaticais de pessoa, número e gênero), conforme defende Uriagereka (1995)⁶³? Ou surgiriam nessa posição como marca morfológica verbal, a qual está se perdendo no paradigma verbal do Português Brasileiro, conforme propõe Duarte (2000; 1995)?

A resposta está associada ao que estamos levando em consideração neste trabalho, que a *cliticização* de *a gente* trata-se de um fenômeno que envolve um conjunto de mudanças o qual, na sociolinguística laboviana, recebe o nome de *encaixamento* (cf. Labov, 1994). Desse modo, os fatores determinantes do início e da continuidade das mudanças de *a gente* não residem neles mesmos, mas estes itens mudam de modo simultâneo em consequência de outras mudanças que estão ocorrendo ou que já ocorreram em subsistemas linguísticos relacionados:

⁶³ Ver pág. 113.

Considera-se que a gramaticalização é um tipo particular de mudança linguística em virtude de certas características que lhe são inerentes. Uma dessas características é que a gramaticalização é um processo **linguisticamente motivado**⁶⁴ e altamente encaixado no sistema linguístico. Assim, os fatores decisivos que lhe dão início e continuidade não estão exclusivamente nos itens que se gramaticalizam, mas em mudanças simultâneas, que estão ocorrendo ou já ocorreram em subsistemas linguísticos relacionados. Fala-se, então, em **feixe de mudanças inter-relacionadas**". (Zilles, 2007, p. 28)

Embasando-nos no estudo feito por Costa & Duarte (2002), ao admitirem a existência de um sistema misto de sujeito nulo podemos relacionar a cliticização de *a gente* ao fato de estar o Português Brasileiro passando de língua de sujeito nulo para língua de sujeito pleno (cf. Duarte, 2000; 1995).

Vimos que, em se tratando de *encaixamento*, Zilles (2005; 2007; Lopes, 2004) consideram que primeiro há a mudança pronominal (ex: tu > Vossa Mercê > você) e depois há a mudança do paradigma verbal. Fenômeno conhecido como 'A revolução da 3ª pessoa', em que há a alteração na forma da 2ª. pessoa (tu > você), passando os falantes a utilizarem a forma verbal de 3ª. pessoa. Dessa maneira, ocorre o declínio do sujeito nulo e o aumento do uso de pronome pleno na posição de sujeito, devido à perda da marca de pessoa no sistema verbal (cf. Duarte, 2000).

Nas palavras de Galves (2001), os clíticos na realidade se comportam como pronomes deslocados, uma vez que em estrutura-S, se mantem numa posição de adjunção à oração, mais especificamente, à projeção que contém imediatamente o verbo que lhes atribui sua função. Conforme vimos, neste trabalho os resultados apresentados

⁶⁴ Grifos da autora.

pelos fatores III. Tonicidade silábica precedente, VI. Tonicidade silábica seguinte, em conjunto com o fator IV. Tipo de oração corroboram a afirmação da autora.

Ainda segundo Abaurre & Galves (1996), isto se dá no Português Brasileiro porque :

“ o seu elemento de concordância é fraco, tanto morfológica quanto interpretativamente. Sua fraqueza morfológica é visível na perda do morfema de segunda pessoa (-s). Sua fraqueza interpretativa aparece na possibilidade de interpretação indeterminada do sujeito nulo das frases com tempo, além da tendência a preencher a posição sujeito com sujeito lexical (cf. Tarallo 1983). De um ponto de vista sintático, o desaparecimento dos clíticos núcleos é assim explicado pelo enfraquecimento da concordância.

De fato, o estudo de Maia (2003) realizado sobre a transição da variação entre as formas *nós* e *a gente* no dialeto mineiro, diferentemente da posição de Zilles e de Lopes, mostra que a mudança no paradigma verbal dá-se através da erosão fonológica (na desinência número pessoal). Nas palavras de Maia:

“ (B) O percurso da mudança que resultou na inserção de *a gente* no paradigma pronominal teria sido:
nós V + -mos > *nós* V + -moØ > *nós* V+ -ão / -am > *nós* V+ Ø > *a gente* V + Ø. Nesse processo a desinência de 1PP sofre erosão lenta, ratificando o enfraquecimento morfológico, inicialmente com a perda do -s desinencial e, depois, com a perda do -mo. A forma intermediária -ão resultaria da não realização fonológica de -m na terminação -am após perda de -s>-o.”

Isso significa que desgastes fonológicos no paradigma verbal é que abrem espaço para a mudança no paradigma pronominal, o que constitui evidência de que o

elemento de concordância do PB é fraco, favorável ao preenchimento da posição de sujeito, confirmando a explicação dada por Abaurre & Galves (*op. cit.*).

As observações feitas até aqui nos permitem apontar a relevância de um estudo pautado na noção de gramaticalização embasado pela abordagem formal, em conjunto com as contribuições de outros quadros teóricos ao favorecer tratarmos explicitamente os múltiplos fenômenos envolvidos no fenômeno aqui investigado. Dessa forma, foi possível capturarmos processos de gramaticalização *encaixados* (conforme vimos sobre o desaparecimento de 'a' na forma *a gente*), além de capturarmos o percurso histórico através da análise sociolinguística quantitativa.

Por exemplo, a análise quantitativa multivariada do fator I. Tipo de referência em conjunto com a coleta de dados e análise desses por meio de instrumental da fonologia acústica possibilitou-nos confirmar a noção de gramaticalização introduzida por Meillet, segundo a qual, nesse tipo de fenômeno linguístico ocorre a transição gradual de “palavras plenas” (no caso, a forma lexical *a gente*), para “palavras acessórias” (forma pronominal *a gente*), chegando ao estágio de “palavras gramaticais” (no caso, “mais gramaticais”, ou clíticos de *a gente*).

Quanto às hipóteses levantadas inicialmente, as formas reduzidas de *a gente*, apresentam comportamento fonológico de clíticos, visto que mostram-se átonos e amalgamados a um hospedeiro. Foram fatores bastante relevantes na obtenção desse resultado: III. Tonicidade silábica precedente, VI. Tonicidade silábica seguinte e também o fator IV. Tipo de oração; corroborados pelos resultados dos fatores VII. Função sintática e I. Tipo de referência, o que é indicativo da atuação de forças que poderão ser observadas levando-se em consideração os módulos do Léxico e da Sintaxe, além do módulo da Fonologia.

Vimos que a cliticização de *a gente* foi evidenciada por perdas fonêmicas graduais, as quais não se mostraram resultantes apenas de processo fonológico em nível segmental (elisão, degeminação ou haplologia), pois ocorreram também em contextos não favoráveis. As perdas fonêmicas de *a gente* tampouco resultaram de erosão fonêmica⁶⁵ interna (sândi interno), ao contrário, ocorreram na relação entre palavras (sândi externo), como o fazem os clíticos.

Os fatores sociais analisados não foram considerados significativos pelo programa de análise multivariada, contudo, foi possível interpretarmos que a ocorrência de formas reduzidas no dialeto mineiro não chegou a ser estigmatizadas. O fator faixa etária apresentou um perfil de *mudança em progresso*, o qual favorece uma investigação em *tempo real de longa duração*.

Por fim, a unidirecionalidade da mudança linguística de *a gente* pode ser também confirmada, como na gramaticalização da forma *Vossa Mercê > você > ocê > cê* (cf. Vitral, 2006; Vitral & Ramos, 1999), comparativamente ao caso do demonstrativo latino *illa > la > a > 0* (o qual não era nossa meta nessa pesquisa, mas que revelou-se *encaixado* à gramaticalização de *a gente*).

Portanto, os detalhamentos e explicitações das etapas da *gramaticalização* de *a gente* nos capítulos que compõem este trabalho corroboram a proposta de uma abordagem formal desse epifenômeno, além de “contribuírem para uma melhor compreensão dos fenômenos com os quais estamos lidando.” (Vitral & Ramos, 2006).

A seguir, um breve panorama das observações finais que foi possível fazermos nessa investigação.

⁶⁵ Ver hipóteses gerais à pág. 82.

CONCLUSÃO

A realização deste trabalho teve como objetivo principal realizar um estudo da gramaticalização da forma *a gente* em Língua Portuguesa, mais especificamente no Português Brasileiro, no dialeto mineiro, desde um breve panorama sobre seu percurso de forma nominal a pronominal, até a investigação de sua fase atual.

Diferentemente das abordagens anteriores, tivemos a preocupação de integrar diferentes perspectivas de análise e de utilizar diferentes recursos metodológicos. Feita a análise quantitativa e qualitativa das ocorrências mediante utilização de instrumental de análise multivariada e acústico, com embasamento nos pressupostos da gramaticalização (Hopper & Traugott, 1993), da Teoria da Variação (Weinreich, Labov & Herzog, 1968 e Labov, 1994; 2001) e do Minimalismo (1995), podemos concluir que:

- 1- A forma *a gente* segue seu percurso de gramaticalização rumo à cliticização;
- 2 - Há variação entre as formas plenas e reduzidas de *a gente*;
- 3 - A variação entre as formas plenas e reduzidas de *a gente* configura *mudança em progresso*; portanto, as formas reduzidas são uma inovação;
- 4 – A mudança encontrada pode ser caracterizada como do tipo denominada *from below*, na qual em geral estão envolvidas diferentes motivações e diferentes distribuições sociais, e que no presente estudo está sendo levada adiante pelos falantes do nível fundamental;

- 5 - A cliticização de *a gente* foi evidenciada por perdas graduais de seus constituintes fonêmicos;
- 6 - As formas reduzidas de *a gente* não são resultantes de processo fonológico em nível segmental (elisão, degeminação ou haplologia), pois, embora eles ocorram, há reduções também em contextos não favoráveis ou restritivos;
- 7 - As formas reduzidas de *a gente* resultam da relação entre palavras (sândi externo), caracterizando-as como clíticas;
- 8 - As formas reduzidas de *a gente* como clíticas, não ocorreram em posição (i) pós-verbal; (ii) posposto; (iii) preposto (ou topicalizado); (iv) complemento de preposição; (v) em coordenação;
- 9 - As formas reduzidas de *a gente* apresentam perda de conteúdo lexical, e adquirem, como clíticas, referência discursiva;
- 10 – As formas reduzidas de *a gente* ocorrem em Spec de TP, posição adjungida a CP (Complementizador), daí o grande favorecimento do subfator *orações encaixadas*.
- 11 – A ocorrência de formas reduzidas de *a gente* em posição adjungida a CP evidencia-lhes o caráter de elemento não acentuado no nível fonológico;
- 12 – Os valores diferenciais acústicos obtidos entre formas plenas e reduzidas corroboram que há perda de massa fonética no processo de cliticização de *a gente*;
- 13 – As formas reduzidas de *a gente* têm sua ocorrência favorecida pela referência [+específica], o que está diretamente relacionado à característica de clíticas;
- 14 - Formas reduzidas de *a gente* ocorrem contíguas a V ou amalgamadas a formas como já, não, reconhecidas como clíticas,

15 – Ocorrências de formas reduzidas de *a gente* evidencia-lhes o caráter de clíticos

Infelizmente não foi possível, devido aos dados disponíveis, verificar a intensidade das formas reduzidas de *a gente*, para maiores evidências dessa etapa de gramaticalização de *a gente*. Tampouco foi agilizadado instrumental que verificasse se o fator velocidade favorece ou desfavorece a ocorrência de *a gente* no dialeto mineiro. Ficam, pois, estas lacunas a serem preenchidas.

Contudo, espero que o presente trabalho tenha contribuído para explicitar parte de um fenômeno presente no dialeto mineiro, Português Brasileiro; fornecer argumentos para o debate referente ao paradigma pronominal; fornecer subsídios para a caracterização de pronomes e clíticos e, do ponto de vista metodológico, que tenha mostrado a relevância de abordar fenômenos de gramaticalização através da integração de diversas abordagens teóricas e com diferentes instrumentais de análise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, M. B. Acento frasal e processos fonológicos segmentais. *Letras de Hoje*. 31(2). p. 41-50. 1996.

____ & GALVES, C. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In A. Castilho, e M. Basílio, (orgs) *Gramática do Português Falado*. vol. 4. Editora da Unicamp, Campinas. pp. 267-312.1996.

ALBANO, E. C. O Português Brasileiro e as controvérsias da fonética atual: pelo aperfeiçoamento da fonologia articulatória. *D.E.L.T.A.*, Vol. 15, N.º ESPECIAL. 1999. (23-50)

BARBOSA, P. Clitic placement in European Portuguese and the Position of Subjects. In: Halpern, A. & Zwick, A. *Approaching Second: second position Clitics and Related Phenomena*. Stanford:CSLI Publications, 1996.

BARROS, E.B.R. *Construções de posse com clítico no PB: percurso diacrônico*. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte. 2006.

BENVENISTE, E. Problemas de linguística geral I. Campinas: Pontes/ Editora da UNICAMP. 1988.

BISOL, L. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. v.23. p.83-101. Campinas. julho/dezembro.1992.

____. A Degeminação e a Elisão no VARSUL. In: BISOL L.; BRESCANCINI C. (Orgs.). *A Fonologia e Variação: Recortes do Português Brasileiro*. Porto Alegre. 2002.

____. Sandhi in Brazilian Portuguese. *Probus* 15. p. 177-200. 2003.

____. Os Constituintes Prosódicos. In: BISOL, L. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4ª. ed. revista e ampliada. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BLONDEAU, H. 'Real-time changes in the paradigm of personal pronouns in Montreal French'. *Apud* Zilles, 2005.

BORGES, P. R. S. *A Gramaticalização de "a gente" no Português Brasileiro*. Tese (Doutorado em Letras) _ Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2004.

BRESCANCINI & BARBOSA, C. A elisão da vogal média /e/ no sul do Brasil. In: Bueno, F.da S. (1995). *A formação histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.

- CANÇADO, M. *Manual de Semântica: noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.
- CARDINALETTI, A & STARKE, M. The typology of Structural Deficiency: on the tree Grammatical Classes. *Apud VITRAL*, 2006.
- CASTILHO, A. A gramaticalização. *Estudos linguísticos e literários*. Universidade Federal da Bahia. Salvador. 1997.
- CIRÍACO, L; VITRAL, L & REIS, C. Intensidade e Duração de Formas Reduzidas do Português Brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*. Vol 12, no.2 - 2000.
- CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Foris, Dordrecht. 1981.
- _____. *The Minimalist Program*. MIT Press, Cambridge, MA. 1995.
- COELHO, S. M. *Uma análise funcional do ONDE no português contemporâneo*. PUC/MG. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte. 2001.
- _____. *Estudo diacrônico do processo de expansão gramatical e lexical dos itens ter, haver, ser, estar e ir na Língua Portuguesa*. Tese (Doutorado). FALE / UFMG / Belo Horizonte. 2006.
- COLLISCHONN, G. Proeminência acentual e estrutura silábica: seus efeitos em fenômenos do português brasileiro. In: ABAURRE, ET. al. (orgs.) *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola Editorial. 2007.
- CORREA, L.T. *A forma clítica de pronome pessoal no dialeto mineiro: uma variante sociolinguística*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da UFMG. 1998.
- _____. A variação linguística eles/es e a indeterminação de sujeito. In: COHEN, M. A.; RAMOS, J. M. (orgs). *Dialeto Mineiro e outras Falas: estudos de variação e mudança linguística*. Belo Horizonte, 2002. pp. 183-197.
- COSTA, J. & DUARTE, I. Preverbal subjects in null subject languages are not necessarily dislocated. In: *Journal of Portuguese Linguistics*.. pp. 159-176. 2002.
- _____ & PEREIRA, S. (2010)“A gente”: pronominal status and agreement revisited. *Inédito*.
- COVENEY, Aidan. *Vestiges of nous and the 1st person plural verb in informal spoken French*. Languages Science 22. Department of French, University of Exeter, Exeter. p.447-481.2000.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *A nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira. 1985.
- DI CHRISTO, A. *De la microprosodie à L'intonosyntaxe*. Aix-em-Provence: Publications Université Aix-em-Provence, 1985.
- DIEWALD, G; WISCHER, I. Introduction. In: WISCHER, I.;DIEWALD, G. (Ed.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam:Benjamins, 2002. p. ix-xiv.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno. A trajetória do sujeito noportuguês de Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, Mary A. (orgs). *Português Brasil: Uma viagem diacrônica*. Ed. Unicamp. 1996.

_____. O português do Brasil no contexto das línguas românicas. *Apud* LOPES, C. R. dos S. *A inserção de "a gente" no quadro pronominal do português: percurso histórico*. 1999. Tese (Doutorado em Letras) _ Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro.

_____. O português do Brasil no contexto das línguas românicas. *Actes du XXII e Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes*. Tübingen: Niemeyer, v. 2: Les nouvelles ambitions de la linguistique diachronique. 2000. p. 149-156.

FARACO, C.A. *Norma culta brasileira: desatando nós*. São Paulo, Parábola Editorial. 2008.

GALVES, C. *Ensaio sobre as Gramáticas do Português*. São Paul: Editora da Unicamp. 2001.

GIVÓN, T. *On Understanding Grammar*. Academic Press. New York. 1979.

HEINE, B.; CLAUDI, U. & HUNNEMEYER, B.. *Grammaticalization: a conceptual framework*. The University of Chicago Press. Chicago. 1991.

HEINE & REH. *Grammaticalization and reanalysis in African languages*. Hamburg: Helmut Buske Verlag. 1984.

HOPPER, P. & TRAUGOTT. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press. 1993.

HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elisabeth & HEINE, Bernd. (eds.) *Approaches to grammaticalization*. John Benjamins Company. Philadelphia. 1991.

JELINEK, E. Definiteness and Second Position Clitics in Straits Salish. In: Halpern, A. & Zwick, A. *Approaching Second: second position Clitics and Related Phenomena*. Stanford: CSLI Publications, 1996.

KAYNE, R. *French Syntax: the transformational cycle*. Cambridge: The MIT Press. 1975.

KING, R., MARTINEAU, F. & MOUGEON, R. The Interplay of Internal and External Factors In Grammatical Change: First-Person Plural Pronouns In French. In: *Language*. V.87. no. 3. 2011. <http://muse.jhu.edu>. Acesso pela UFMG.

KLAVANS, J. *Some Problems in a Theory of Clitics*. Bloomington: Indiana University Linguistics Club. 1982.

LABOV, W. *Principles of linguistic change, vol. 2: Social factors*. Oxford: Blackwell. 2001.

_____. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Oxford: Blackwell. 1994.

_____. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 1972.

- LADD, D.R. *Intonational Phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- LEHMANN, C. Thoughts on Grammaticalization. A programmatic sketch. 1982. In: VITRAL & RAMOS. *Gramaticalização: uma abordagem formal*. Tempo Brasileiro. Belo Horizonte. 2006.
- LEHISTE, I. *Suprasegmentals*. Cambridge: The MIT Press, 1970.
- LIGHTFOOT, D. *The Development of Language: Acquisition, Change and Evolution*. Massachussts, Blackwell Publishers.1999.
- LOPES, C. R. dos S. A gramaticalização de a gente em português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. Fórum Linguístico. Florianópolis. v. 4. n.1. 47-80. julho de 2004.
- _____. *A inserção de “a gente” no quadro pronominal do português: percurso histórico*. Tese (Doutorado em Letras) _ Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro. 1999.
- MACHADO, M. dos S. *A inserção de “a gente” no quadro pronominal do português: percurso histórico*. Tese (Doutoramento em Letras) _ Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro. 1999.
- _____. *Sujeitos pronominais ‘nós’ e ‘a gente’: variação em dialetos populares norte-fluminenses*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro. 1995.
- MAIA, F.P.S.M. *A variação ‘nós’ e ‘a gente’ no dialeto mineiro: investigando a transição*. Dissertação (Mestrado em letras) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.2003.
- MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, 1948.
- MENON, O. da S. *Analyse sociolinguistique de l’indetermination du sujet dans le portugais parle au Bresil, a partir des donnees du NURC – SP*. Tese (Doutorado) Department de Recherches Linguistiques, Universit Paris VII.1994.
- _____. *O sistema pronominal do português do Brasil*. Faculdade de Letras, Curitiba: Ed. Da UFPR, n. 44, 1995, p.91-106.
- _____. A gente: um processo de gramaticalização. *Estudos linguísticos*, XXV Anais de Seminários do GEL. Taubaté: UNITAU / CNPq / GEL, p 622-628, 1996.
- MENUZZI, S. (2000). First Person Plural Anaphora in Brazilian Portuguese: chains and constraint interaction in binding. In Costa, J. (ed.). *Portuguese Syntax: New Comparative Studies*. Oxford: Oxford University Press. 191-240. *Apud* COSTA & PEREIRA, S. (2010)“A gente”: pronominal status and agreement revisited. *Inédito*.
- MOURA, D. (org) *Os desafios da língua: pesquisas em língua falada e escrita*. EDUFAL. Maceió, 2008.
- NARO, A; LEMLE, M. Syntatic diffusion. *Revista Ciência e Cultura*. Rio de Janeiro: UFRJ e PUC, v 29 (03). 1977.

_____. Variação e Funcionalidade. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, v 7, n 2. p 109-120. jul-dez. 1998.

OLIVEIRA, R.P. *Semântica formal: uma breve introdução*. Mercado de Letras. Campinas. SP. 2001.

OMENA, N.P. A referência à primeira pessoa do plural: Variação ou mudança? In: PAIVA, M.C; DUARTE, M.E.L. (orgs). *Mudança Linguística em Tempo Real*. Rio de Janeiro: FAPERJ. 2003. p 63-80.

_____. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M.P. (org). *Padrões Sociolinguísticos: Análise de Fenômenos Variáveis do Português Falado na Cidade do Rio de Janeiro*. Departamento de Linguística e Filologia. UFRJ. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1996. p 185-215.

_____ & BRAGA, M. L. *A gente está se gramaticalizando?* In: MACEDO, A. T.; RONCARATI, C.; MOLLICA, M.C. (orgs). *Variação e Discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

_____. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: SILVA, G. M.;

SCHERRE, M. M.P. (org). *Padrões Sociolinguísticos: Análise de Fenômenos Variáveis do Português Falado na Cidade do Rio de Janeiro*. Departamento de Linguística e Filologia. UFRJ. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro. 1996. p 185-215.

PRAAT. *Sistema de análise fonética*. Desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink do Departamento de Ciência Fonética da Universidade de Amsterdam. Disponível em: <<http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>> Acesso em: 15.03.2008.

PICKET, J.M. *The acoustics of Speech Communication: speech, perception theory and technology*. United States of America: Allyn & Bacon. 1998.

PERINI, M.A.. *Gramática do Português Brasileiro*. Parábola Editorial. SP. 2010.

RAMOS, J. M. Avaliação de dialetos brasileiros: o sotaque. *Revista de Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, ano 6, n 5, v 1. 1997a.

_____. O uso das formas você, ocê e ce no Dialeto Mineiro. In: HORA (org). *Diversidade Linguística no Brasil*. João Pessoa: Ideia Editora, 1997b.

ROBSON, J.; LAWRENCE, H. & TAGLIAMONTE, S. *GOLDVARB 2001: a multivariate analysis Application for Windows*. 2001. impresso.

ROMAINE, S. & LANGE, D. 'The use of like as a marker of reported speech and thought: a case of gramaticalización in progress. 1998. *apud* ZILLES, 2005.

ROORICK, J. On two types of underspecification: Towards a feature theory shared by syntax and phonology. *Probus*,6. 1994. 207-233

SANKOFF, G. & BROWN, P. The Origins of Syntax in Discourse: A Case Study of Tok Pisin Relatives. (1976) In: VITRAL & RAMOS,J. *Gramaticalização: uma abordagem formal*. Tempo Brasileiro. Belo Horizonte. 2006.

SERRANO, M. J. 'Accounting for morpho-syntactic change in Spanish: The Present Perfect Case. 1996. *apud* ZILLES, 2005.

- SILVA, T.C. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2001.
- SPENCER, A. *Morphological theory*. Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1991.
- SPORTICHE, D. Clitic constructions. In: ZARING, L., ROORYCK, J. (eds). *Phrase structure and lexicon*. Bloomington, Indiana: IULC, 1992.
- SOUSA, L.T. *Formas reduzidas da negação no Português Brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Letras). – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.2007.
- SOUZA, E. M. *O uso do pronome 'eles' como recurso de indeterminação do sujeito*. Dissertação (Mestrado em Letras). – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.2007.
- TAYLOR, M. On the pronominal status of Brazilian Portuguese *a gente*. In NYU Working Papers in Linguistics, Vol 2: Papers in Syntax. 1-36. 2009.
- TENANI, Luciani. O efeito da eurritmia e a degeminação. *Estudos Linguísticos* XXXIII, p.928-932. 2004.
- TORRES CACOULOS, R. 'From lexical to grammatical to social meaning. *Language in Society*. 2001. *apud* ZILLES, 2005.
- TRAUGOT, E.C. e HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*. John Benjamins Company. Philadelphia. 1991.
- TRAUGOTT, E.C. Grammaticalization and historical pragmatics. In:JUCKER, A. H. & TAAVITSAIEN, I. (eds.) *Handbook of Pragmatics: Historical Pragmatics*. No prelo.
- URIAGEREKA, Juan. Aspects of the syntax of clitic placement in Western Romance. In: *Linguistic Inquiry*. V. 26:1, p. 79-123, 1995.
- VIANNA, J. B. de S. 2003. Nós e a gente sob um novo olhar: estratégias de concordância de gênero e número. *Ao Pé da Letra*, Recife, 4(2) p.123-132.
- VITRAL, L. A forma *cê* e a noção de gramaticalização. *Revista de Estudos da Linguagem*, 5: 115-124.1996.
- _____. *A negação: teoria da checagem e mudança linguística*. D.E.L.T.A., 15, 1: 57-84. 1999.
- _____. Identificando clíticos: evidências fonéticas. In: VITRAL & RAMOS,J. *Gramaticalização: uma abordagem formal*. Tempo Brasileiro. Belo Horizonte. 2006.
- _____ e RAMOS, J. *Gramaticalização de você: um processo de perda de informação semântica?* Filologia e Linguística 3: 55-64. 1999
- _____ & RAMOS, J. *Gramaticalização: uma abordagem formal*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/FALE-UFMG. 2006.
- WEIREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language. In: MALKIEL (eds). *Perspective on historical linguistics*. Amsterdan: Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1968. p 97-193.

ZÁGARI, Mario R. L.; et alii. Esboço de um Atlas linguístico de Minas Gerais. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa – UFJF, 1977, 1 v.

ZILLES, A. M. S. Gramaticalization of ‘a gente’ in Brazilian Portuguese. U. Penn Working Papers Linguistics. v 8-3. 2002.

ZILLES 2004

_____. The development of a new pronoun: The linguistic and social embedding of *a gente* in Brazilian Portuguese. In: Language Variation and Change, 17. USA. Cambridge University Press, 2005.

_____. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de *a gente*? In: Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 27-44, junho, 2007.

ZWICKY, A. *Clitics and particles*. In: Language. 1985.

_____. What is a clitic. In: NEVIS, J.; JOSEPH B.; WANNER, D; ZWICKY, A.. Clitics Bibliography. 1995.

_____. On clitics. Ph.D. Dissertation. Indiana University. 1977.